





# DES<IO

Revista Desvio / Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Vol. 6, n.3 (Edição Especial Aniversário) (2021).- Rio de Janeiro: Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021.

Semestral  
ISSN: 2526-0405

1. Revista publicada por alunos da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2. Arte, memória e patrimônio. I. Revista Desvio. II. Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. II. UFRJ.

---

Gabriela Mazza de Souza - Bibliotecária - CRB-8/020074

CDD: 700

Publicação Semestral de alunos e ex-alunos da Escola de Belas Artes da UFRJ

Ano 6 N° 3 novembro de 2021

Revista da Graduação da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro

# **EXPEDIENTE**

Reitora  
Denise Pires de Carvalho

Vice-reitor  
Carlos Frederico Leão Rocha

Pró-Reitora de Graduação - PR1  
Gisele Viana Pires

Pró-Reitora de Pós-graduação e Pesquisa - PR2  
Prof<sup>a</sup> Denise Maria Guimarães Freire

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento - PR3  
Eduardo Raupp de Vargas

Pró-Reitora de Pessoal - PR4  
Luzia da Conceição de Araújo Marques

Pró-Reitora de Extensão - PR5  
Prof<sup>a</sup>. Ivana Bentes Oliveira

Pró-Reitor de Gestão e Governança - PR6  
Andre Esteves da Silva

Pró-reitor de Políticas Estudantis - PR7  
Roberto Vieira

## **ESCOLA DE BELAS ARTES**

Diretora  
Madalena Ribeiro Grimaldi

Vice-diretor  
Hugo Borges Backx

Publicação Semestral de alunos e ex-alunos da Escola de Belas Artes - UFRJ



Editora-chefe  
Gabriela Lúcio



Editor-chefe  
João Paulo Ovídio



Diretora de arte  
Ana Elisa Azevedo



Editora associada  
e de criação  
Alice Garambone



Editora de pesquisa  
e projetos  
Paula Peregrina



Produtora de conteúdo  
e colunista  
Clarisse Gonçalves



Produtora de conteúdo  
Emmanuele Russel



Designer  
Laura Pinheiro



Produtora de conteúdo e  
mídias sociais  
Natália Candido



Designer  
Alice Ferraro

# COLABORADORES VISITANTES



Cecilia Ojeda



Alice Alfinito



Amanda Tavares



Gabriela Mazza



Fabrice Guimarães



Tales Frey



Vitor Martins



Luiza Amaral

TODA A EQUIPE DA DESVIO É VOLUNTÁRIA

# EDIÇÃO DE ANIVERSÁRIO



No dia 11 de novembro de 2016 ocorreu o lançamento *online* da primeira edição da Revista Desvio, e quase duas semanas depois, no dia 24, os membros do periódico participaram do **I Encontro - O Ensino de Artes na Formação Universitária na UFRJ**, no qual tiveram a oportunidade de divulgar o projeto e apresentar o conteúdo da publicação. De lá pra cá aconteceram diversas mudanças, tanto no que diz respeito ao corpo editorial, com a saída de antigos colaboradores e a chegada de novos, bem como no projeto gráfico, que tornou-se mais colorido e dinâmico. Entre tantas mudanças, necessárias para o aperfeiçoamento das ideias, ou de adaptações às demandas dos leitores, mantemos o nosso princípio inicial: ser uma plataforma para a divulgação de trabalhos científicos e artísticos, sobretudo para aqueles que não dispõem de muitas oportunidades, seja por sua inexperiência ou falta de título acadêmico.

A Desvio começa sua história como uma revista, mas atualmente isso é apenas um dos muitos “produtos” que ela oferece para quem a acompanha. No início contamos com o apoio de muitas pessoas, fundamentais para darmos os primeiros passos, assim como ouvimos comentários negativos de tantas outras, que duvidavam da nossa competência em dar continuidade ao trabalho. Na época, ninguém do grupo possuía experiência prévia com produção editorial, mas contávamos com um designer e muitos curiosos, dispostos a descobrir o que era necessário para tirar a ideia do papel. Nesse sentido, a persistência, o aprender-fazendo e a abertura para diálogo foram/





são pilares fundamentais que promoveram o nosso amadurecimento. E, diante a boa recepção da revista, encorajamo-nos a desenvolver projetos de outras natureza, como é o caso dos grupos de pesquisa, exposições, seminários, etc.

Atualmente é possível consultar a cronologia resumida da Desvio no próprio site, com o ano de lançamento de cada edição, das exposições organizadas e a criação das colunas de crítica e entrevista. Além disso, grifamos que a nossa história foi contada algumas vezes, sendo a primeira delas no **Seminário UFRJ faz 100 anos: história, desenvolvimento e democracia**, em 2017. Com apenas um ano de existência, foi apresentada a comunicação “*A criação da Revista Desvio e a abertura de novas oportunidades acadêmicas*”, desdobrada em um artigo de mesmo título, publicado nos anais do evento. Na ocasião, os membros fundadores compartilharam: as ideias norteadoras para a criação do projeto; as expectativas e recepção das duas primeiras edições; os números alcançados, tanto de submissões de textos como de seguidores nas redes sociais; e os planos para o futuro, felizmente boa parte já concretizados. Nesse sentido, merecem destaque também outros dois momentos em que a nossa trajetória foi narrada por seus membros.

Em 2019, os editores chefes da Revista Desvio, Gabriela Lúcio e João Paulo Ovidio, foram entrevistados pela historiadora da arte Talitha Motter, editora e curadora da revista **Arte ConTexto**. Interessada nas publicações de revistas de artes visuais no Brasil, especificamente no formato digital, a motivação da conversa foi conhecer a nossa trajetória, a produção de conteúdo para o ambiente virtual e as ações realizadas no espaço físico. A transcrição do texto está disponível no site *Réseaux Sensibles*, plataforma na qual a autora disponibiliza as entrevistas produzidas em razão de seu projeto de doutorado. Já no ano passado, em 2020, Vitor Gomes convidou João Paulo Ovidio para uma



live na sua conta profissional, **Vitor Gomes Turismo**, sendo o principal objetivo comentar a respeito do trabalho desenvolvido na revista, os desafios e conquistas, assim como as mudanças ocasionadas devido a pandemia de COVID-19. A interação do público, os comentários, sugestões e perguntas, motivaram-nos a criar a presente Edição Especial, sendo um gesto de agradecimento por tudo que conquistamos até aqui, além de ser um meio de dar continuidade a construção da nossa história - ainda tão jovem mas ao mesmo tempo tão consistente e bonita.

Por meio deste texto editorial, buscamos ser transparentes com nossos leitores, isto é, partir da sinceridade para não camuflar ou romantizar os percalços enfrentados nos últimos anos. Para começar, é importante dizer que tivemos inúmeros problemas, contratemplos, situações complexas e na realidade, ainda temos. Os tempos realmente estão duros, e essa dureza se reflete nas ações. Já comentamos inúmeras vezes que a Desvio é um projeto mantido com amor e força de vontade. Infelizmente, nunca recebemos um salário para exercer nossas funções e, com certeza, temos mais prejuízos financeiros do que ganhos. Mesmo com os relatos dessas situações, às vezes recebemos ataques, ofensas, desrespeitos e grosserias, vindos de pessoas que pouco ou nada conhecem sobre o trabalho que desenvolvemos aqui. São cobranças descabidas, proferidas sem a preocupação de estar ferindo quem está do outro lado da tela, produzindo conteúdo gratuitamente. Por isso, neste aniversário, queremos respeito, compreensão, empatia e cuidado. É só isso que pedimos, e nada mais! As pessoas que viabilizam a Desvio são pessoas comuns, trabalhadoras, desempregadas, lutando para sobreviver e dando o seu melhor para manutenção desta plataforma.



O nosso sonho não é segredo pra ninguém, compartilhamos-o sempre que possível: queremos que a Revista Desvio seja auto-sustentável. Todos que atuam de modo independente, possuem um sonho parecido com esse, o de ter seu trabalho remunerado. Tal questão nos motivou a convidar profissionais do campo da arte, memória e cultura para divulgar seus trabalhos e experiências, uma vez que por meio dos relatos identificamos várias afinidades. Conhecer os pares permite criar redes de apoio, a entender que ninguém está sozinho nessa caminhada, e que a união é a chave para o crescimento. Por uma questão de tempo e espaço, muitos ficaram de fora da publicação, mas são tão importantes quanto os contemplados. Quanto ao sonho enunciado anteriormente, estamos interessados em possibilidades para torná-lo realidade, por esse motivo concorremos a editais e procuramos firmar parcerias, tanto para manter o que já fazemos, como para ampliar nosso alcance. Se você pode e quer nos ajudar, entre em contato através do e-mail [desvio.editorial@gmail.com](mailto:desvio.editorial@gmail.com)

Também não é segredo que depois de cinco anos de estresse e cansaço acumulado, pensamos muitas vezes em desistir, "abandonar o barco". Entretanto, quando olhamos com outros olhos, percebemos a importância de continuar, porque há pessoas queridas que nos ajudam com sua força de trabalho e com o seu afeto. E com isso, não poderíamos deixar de agradecer. Gostaríamos de agradecer a todos que estiveram presentes nesse projeto até hoje, e que ajudaram na concepção, criação e viabilização dele. Primeiramente, agradecemos a Thiago Fernandes, que fez parte do início da Desvio, colaborou em todo processo de construção, e, apesar de não fazer mais parte da equipe, ainda nos ajuda em diversas ações. Em seguida, e mais importante, agradecemos a Daniele Machado, que por muitos anos ocupou o cargo de Diretora Geral. Não chegaríamos até onde chegamos sem ela, por isso, somos gratos por tudo que vivemos juntos e

todas as possibilidades que conseguimos galgar. Para além de colegas de trabalho, a amizade foi de extrema importância, e independente de todas as diferenças e desentendimentos, o que fica são as boas lembranças, o carinho e os projetos realizados. Por fim, agradecemos aos seguidores, artistas, acadêmicos, apoiadores, enfim, todos que estão ao nosso lado. Desejamos para a Revista Desvio sucesso, continuidade, auto-sustento e que nosso trabalho seja finalmente remunerado.

**VIDA  
LONGA  
A REVISTA  
DES<IO!**





# SUMÁRIO

- 14** **PAGINA DUPLA:**  
SEMA, Bruna Mazzotti
- 18** **MINHA EXPERIÊNCIA NA  
REVISTA CONCINNITAS DO IART**  
André Sheik
- 22** **COMO INVENTAR NOVOS SALÕES?**  
Augusto Henrique Lopes da Costa (Gutão),  
Noah Mancini
- 38** **BREVE RESEÑA SOBRE LA HISTORIA DEL INSTITUTO  
MUNICIPAL DE CERÁMICA DE AVELLANEDA**  
Cecília Ojeda
- 45** **NUVEM - ARTE E CRÍTICA**  
Thiago Fernandes
- 49** **REVISTA ARTE CONTEXTO:  
PERCURSOS E REFLEXÕES POR MEIO DA ESCRITA**  
Paola Fabres, Talitha Motter
- 53** **UM TONEL PARA O QUE POSSA HAVER POR AÍ**  
TONEL - Caio Bonifácio, Cris Ambrosio
- 56** **ENTREVISTA PROJETO WALDISA RÚSSIO**  
Viviane Sarraf
- 61** **“VOCÊ TEM MEMÓRIA DE QUE?”  
DA TEORIA À PRÁTICA, UMA UNIÃO ENTRE  
A MEMÓRIA E MÍDIAS SOCIAIS**  
Débora Corrêa Koury do Valle,  
Nicole Castilho Reiniger, Rayssa Lisbôa França
- 71** **TODAS MULHERES DO MUNDO**  
Camila Maltarollo, Marcelle Martins,  
Paula Costelha, Paula Januzzi
- 74** **ARTISTA DA CAPA**  
Matheus Morani

DEP

O

I

MENT

OS

**76** MÔNICA COSTER

**78** CAMILA BRAGA

**80** MAYÃ FERNANDES

**81** LUDIMILLA FONSECA

**82** VANESSA R. TANGERINI

**84** THIAGO FERNANDES



## TRAJETÓRIA DES<IO

**87** TODOS OS COLABORADORES E EX-COLABORADORES DA DES<IO

**88** TODOS OS ARTISTAS QUE PARTICIPARAM DE PROJETOS DA DES<IO

**89** TODAS AS PESSOAS QUE PUBLICARAM COM A DES<IO

**103** TODOS OS SUMÁRIOS DA DES<IO

**118** A DES<IO É REFERÊNCIA

**123** ARQUI<O

# DUPLA DE ARTISTAS



Bruna Mazzotti  
*É um mero entre (imagem 1 de 7), 2020*  
Intervenção  
dimensão variável



SEMA  
*O lugar errado, 2021*  
Impressão sobre papel  
29x21cm

## Bruna Mazzotti

Mora e trabalha em Anápolis, Goiás. Artista visual e arte educadora. Mestranda em Poéticas Interdisciplinares pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, Escola de Belas Artes, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAV/EBA/UFRJ); cursa especialização em ensino de Artes Visuais pelo Colégio Pedro II. Seus interesses de pesquisa perpetuam por: imagens irrompidas espontaneamente do inconsciente para a consciência; sonhos noturnos enquanto sugestões para elaboração de performances e instalações; utilização do princípio de projeção do Tarô para ler e ver seus próprios trabalhos. Integra o Núcleo de Práticas Artísticas Autobiográficas da Faculdade de Artes Visuais da Universidade de Goiás (NuPAA/FAV/UFV/CNPq).

Dentro de uma dinâmica para gerar um ensaio visual, através do Núcleo de Práticas artísticas Autobiográficas (NuPAA), direcionaram-me a palavra "rasura" – do verbo rasurar: riscar para apagar inscrições anteriores. Um risco que não exclui, mas adiciona. Assim que li tal palavra, uma imagem irrompeu em minha tela mental: dezenas de livros empilhados no recipiente de uma pia. A sugestiva imagética dada por motivações inconscientes foi seguida à risca: juntei todos os livros que tinha comigo para fazer encaixe na pia, localizada na cozinha de minha vó. Segui sabendo também de um outro risco: da torneira vazar espontaneamente, como faz de vez em quando. Ainda assim, alguns livros se acomodaram bem: os cantos do recipiente recebiam os blocos de páginas com ternura. Mas não posso dizer o mesmo de outras atrações: sobreposições de um livro e outro ameaçavam o escorrego e o conseqüente desequilíbrio para o despencar.

Agora busco estabelecer algumas interrogações: perguntas desequilibradoras que são geradoras de respostas escorregadias – já nas primeiras tentativas de reflexão. Foi suspensa a função do livro para outro uso: louça – o que o livro ganha ao ser louça? O que é ensaboar, esfregar e enxaguar palavras? E páginas? O risco da água sobre o papel é uma rasura? Ao sobrescrever manualmente as palavras Louça e Livro, obtive da junção o saltar da palavra "Louco". O continuar delirante entre uma coisa e outra, em gestos intercambiáveis, parece o caminho: a escrita deste texto me motiva a realizar um próximo ensaio visual pelo caminho inverso, ou seja, a louça enquanto livro.

## SEMA

Bacharel em Artes Visuais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, atualmente cursa a licenciatura na mesma instituição. Integrante dos projetos de extensão A imagem fora da artista e professora Analu Cunha, Experiências Indiciais da artista e professora Inês de Araújo e do projeto de pesquisa Arquiteturas de Artista: a construção de poéticas contemporâneas, da artista e professora Malu Fatorelli. Pesquisa a relação dos estudos cuir/queer com as artes visuais, a metalinguagem da videoarte e questões do artista enquanto profissão. Já participou de exposições no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, na Galeria Aymoré, no Espaço A Mesa, no Centro Cultural Phábrika, dentre outros.

Inspirado pelos trabalhos em gravura dos artistas Rafael França e Hulinilson Jr., procuro reproduzir a textura de xerox a partir da digitalização e impressão de uma fita VHS, que contém a palavra futuro escrita em sua superfície. A estética da fita de vídeo tem sido amplamente utilizada nos últimos anos pela indústria cultural para capitalizar a nostalgia típica de uma geração, portanto penso esse objeto como um símbolo de uma tecnologia que embora ultrapassada, modificou para sempre nossa relação com o produto audiovisual. E se pudessemos ter o futuro capturado como um filme, que pudessemos dar play e vivê-lo (ou assisti-lo) quando quiséssemos?

# MINHA EXPERIÊNCIA NA REVISTA *CONCINNITAS* DO IART (UERJ)

André Sheik

A convite de seu editor chefe, o professor doutor Alexandre Sá Barretto da Paixão, entrei para o corpo editorial da revista *Concinnitas*, do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IART/UERJ), em 2015. Foi o ano em que iniciei meu bacharelado em História da Arte na mesma instituição. Após dezesseis anos no meio das artes visuais, resolvi retornar aos bancos acadêmicos. Desde a adolescência, trabalhei com a palavra em suas diversas formas, tendo, inclusive, publicado um livro de poesias e escrito letras de músicas que chegaram a tocar nas rádios. Já exerci atividade na área editorial, na revista *Info*, de informática, do antigo Jornal do Brasil, em meados da década de 80. Também escrevi colunas semanais para um site durante aproximadamente dois anos no final do século XX. Assim, entendi que o chamado se devia, em parte, às minhas vivências progressas.

Comecei na *Concinnitas* como assistente de conteúdo, uma função criada especificamente para mim. Eu não tinha bolsa então, era um trabalho sem remuneração, como hoje. Pouco antes, no número 26 (*Arte e Psicanálise*), foram publicados um trabalho meu na capa e uma entrevista comigo. Tenho uma vaga lembrança das primeiras reuniões. Já conhecia a maioria dos demais integrantes da equipe, bem como os editores da revista, portanto senti-me à vontade, a despeito de serem professores doutores em cargos hierarquicamente superiores ao meu. Além disso, todos têm voz nas reuniões da *Concinnitas* e são instados a colaborar. A princípio, meu trabalho seria sugerir nomes e pautas e participar do processo editorial em sua íntegra. Contudo, na revista, as funções não são compartimentos estanques, parcialmente devido a sermos uma quantidade pequena de pessoas para muitas tarefas. Sendo assim, fiz de tudo um pouco ao longo desses quase cinco anos em que lá estou. Posteriormente, a partir de 2017, passei a ser um dos editores executivos, cargo que ainda ocupo.



Foi a partir do mesmo ano que comecei a integrar o projeto de extensão e pesquisa de iniciação científica sobre revistas acadêmicas de arte no estado do Rio de Janeiro, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), sob orientação de Alexandre Sá. Como fruto dessa atividade acadêmica, publiquei um artigo na própria *Concinnitas* e minha apresentação, “*Concinnitas* e as Revistas Acadêmicas de Arte no Estado do Rio de Janeiro”, recebeu Menção Honrosa na 27ª edição da Semana de Iniciação Científica (SEMIC) da UERJ, em 2018. Igualmente em decorrência dessa pesquisa, contribuí na organização, por parte da *Concinnitas*, de um seminário sobre o tema, chamado “*Artes em Revista*” e realizado na própria UERJ. Durante dois dias, reuniram-se editores, pesquisadores, artistas e teóricos ligados a várias publicações de arte – em sua maioria do Rio de Janeiro –, acadêmicas e experimentais, universitárias e independentes.

O trabalho na revista é exigente, são muitas incumbências. Como mencionado anteriormente, eu e a maioria dos demais integrantes do corpo editorial variamos nas atividades desempenhadas, sobretudo devido à equipe reduzida (quase todos voluntários), com muitas tarefas a cumprir. Não estamos livres de conflitos e disputas, o que se dá em quase toda atividade humana coletiva. Felizmente, de um modo geral, estamos sempre nos ajudando e nos apoiando uns aos outros quando há dificuldades pessoais pontuais. Sou tão grato a essas pessoas todas que lhes agradei no meu trabalho final de graduação.

Já fiz revisão, redação, formatação de textos e editoração. Não temos um revisor em tempo integral (os artigos submetidos para publicação já devem vir revisados), só que as entrevistas, por exemplo, são todas feitas pelo corpo editorial, com convidados externos em alguns casos. Participar de entrevistas presenciais, como já o fiz, é ótimo, mas é preciso transcrevê-las, editá-las, revisá-las, mandá-las para os entrevistados, editar novamente, até publicar. Há outra parte trabalhosa que é cuidar do e-mail da revista, tarefa nem sempre leve e divertida, pois são muitas demandas, outra atividade que já desempenhei algumas vezes. Em reunião completa do corpo editorial, além de serem decididas as pautas, capa e título da edição, entre outras coisas, são escolhidos os avaliadores para cada trabalho submetido e, após, faz-se necessário acompanhar o processo, outra atividade trabalhosa e, por vezes, cansativa (mandar e-mail, aguardar resposta, acompanhar o cadastramento, resolver pendências e assim por diante). Sou também parecerista da *Concinnitas*, analisando trabalhos às cegas, sem saber quem é o/a autor/a (quando, ainda assim, reconheço a autoria, recuso a avaliação, que é passada para outra pessoa). Também já participei duas vezes, junto ao editor chefe, do processo de seleção de novos bolsistas. Depois de tudo pronto, revista no ar, costumamos fazer um evento de lançamento, com entrevista, debate, conversa e um pouco de celebração, pois ninguém é de ferro.

Atualmente, estou em dois grupos de trabalho específicos: o que cuida da memória da revista (desde que entrei, estamos no processo de digitalizar e disponibilizar na internet os números antigos) e o responsável por incluir a *Concinnitas* em bases indexadoras para revistas científicas (uma das muitas exigências é que a publicação seja quadrimestral, era semestral quando ingressei). Recentemente, foi possível instituir uma equipe responsável pelo design, que é um pouco engessado devido à plataforma *Open Journal System (OJS)*, que é um caso à parte na edição.

Muitas revistas acadêmicas brasileiras usam esse sistema, que possui uma estrutura não muito flexível. Idealmente, seria bom se pudéssemos ter uma pessoa para cuidar de cada sessão dentro da plataforma, o que ainda não é viável. Durante um bom tempo, fazíamos tudo por correspondência eletrônica e precisávamos subir cada trabalho individualmente na plataforma, além de termos que montar a edição on-line antes de publicar (operação, hoje, simplificada), tarefa que fiz algumas vezes. Desde 2019, quase todo o processo de submissão de trabalhos é feito via plataforma, que fica hospedada no Portal de Publicações Eletrônicas da UERJ, administrado pela Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (EdUERJ).

Estamos sempre atentos ao Qualis Periódicos, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que estabelece critérios de avaliação de revistas acadêmicas, tendo em vista que a *Concinnitas* está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES) do IART/UERJ. Procuramos manter um alto padrão de qualidade nos trabalhos publicados, o que nos tem garantido o conceito A (variando dentro da escala).

A despeito de todo o trabalho e das dificuldades, a experiência é enriquecedora. Entramos em contato com artistas, pesquisadores, pessoas com vivências singulares e, ao desempenhar atividades diferentes, desenvolvemos novas habilidades e aumentamos nossos conhecimentos.



# COMO INVENTAR NOVOS SALÕES?

Augusto Henrique Lopes da Costa (Gutão)<sup>1</sup>  
Noah Mancini<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente texto trata-se de um breve relato das atividades realizadas até hoje pela Casa Povera, um questionário colaborativo feito por artistas que por ela tenham se atravessado e um pequeno álbum de memórias fotográficas.

**PALAVRAS-CHAVE:** artes visuais; espaço de arte independente; memorial; entrevista; álbum fotográfico.

---

1 Bacharel em Artes e Design (IAD/UFJF), Licenciado em Artes Visuais (IAD/UFJF), Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas (EBA/UFMG). Professor, performer e pesquisador cênico. E-mail: [augusto.henriquelc@hotmail.com](mailto:augusto.henriquelc@hotmail.com)

2 Graduanda no BI do IAD - UFJF e constante pesquisadora, arte-vida, artes visuais, audiovisual, produção, crítica, invenção de moda, debauxe, booka ela. E-mail: [noahmancinim@hotmail.com](mailto:noahmancinim@hotmail.com)

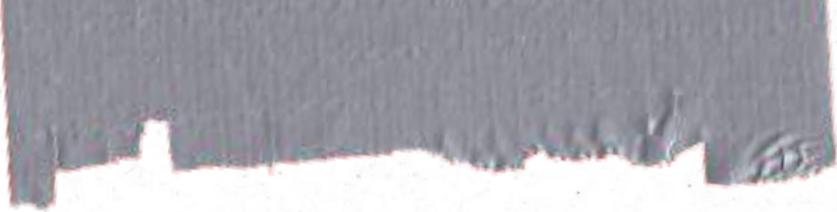
## É uma vez a Casa Povera.

### 2017

Sem espaço de artes expositivos na cidade de Juiz de Fora para novos e/ou jovens artistas, a universidade a mesma patotinha de sempre. Os artistas Noah Mancini (José Henrique) e Hygia Leberti abrem um apartamento de dois quartos para fazer mostras coletivas de arte. Miscelânea de arte e vida ao vivo em exposições de “um único dia”, por meio de um edital aberto onde todas as inscrições são aceitas e os artistas as expõe no “grande dia” da vernissage, onde todos os cômodos da casa (da varanda ao banheiro, passando pela cozinha e a dependência de empregada) onde além de obras bi/tridimensionais, instalações, performances simultâneas, há um quarto transformado em sala de vídeo para a reprodução de mídias digitais.

Foram feitas três mostras de arte: a primeira em Julho, pré-estreia à la petit comité, deu polícia. A segunda, em Agosto, foi linda. Em Novembro a terceira e última do ano, tão babado que rolou até bomba (cabeção de nego), deixando sequelas auditivas em uma das vítimas presentes.

Em Outubro foi feita a festa Bodas, em comemoração ao aniversário dos anfitriões. Travessia imersiva nada retornável de uma noite só, celebrando desejos fugazes para que a fantasia ilusionista da vida emergja em meio ao caos dos resultados do prazer. Em poema feito sobre a experiência do evento, o artista Matheus de Simone versou: “E eu bem que quis estar lá / tanto quanto não quis / E não vi nada / fui / apenas fui”.



## 2018

Os limites da arte-vida são testados fortemente quando o terrorismo sonoro se dá. Há um hiato considerável entre as mostras coletivas. Hygia Leberti diz querer se dedicar a outros assuntos que não o projeto. Para continuar com a ideia, era necessário mudar sua materialidade, iniciativas outras precisavam surgir.

A residência artística foi uma das alternativas que José Henrique encontrou para não estar mais ocupando o apê e continuar com o rolê. Com alguns artistas convidados, seguem para uma casa em uma área rural na cidade a fim de uma imersão artística que através do contato com a casa, a natureza, e principalmente a dinâmica da vivência coletiva como meio para impulsionarem suas poéticas. Nesse ano foram feitas duas residências.

Nasce também o “Papelão Povera”, jornal quinzenal publicado desde 08/2018, onde o principal objetivo é a circulação de imagens/textos poéticos de artistas independentes e residentes ou com alguma relação com Juiz de Fora - além do noticiamento e crítica de eventos culturais que ocorrem na cidade. Sua primeira edição estreou no Festival de Cinema Primeiro Plano e Mercocidades, fazendo uma cobertura crítica diária escrita dos filmes da programação.

No canal do *youtube*, José Henrique começa a publicar os “Papo Povera”, videoartes com vídeo e áudio de fontes distintas, acoplados em uma mesma ocasional sincronia.

## 2019

O ano segue com mais duas residências artísticas. Artistas “de fora de Juiz de Fora” se deslocam para a participação.

No dia 24/03 nasce a *Povera Society*, cobrindo uma discotecagem no Maquinaria. O “*Povera Society*” é uma coluna social (com principal plataforma no Instagram - @poverasociety) onde a disparos de *cybershot*, parte da vida noturna *underground* da cidade é registrada e preenchida com relatos textuais.

Em meados de Maio, aconteceu a 1ª Montagem Povera, viabilizada pelo edital do Corredor Cultural financiado pela Funalfa. As Montagens são oficinas educativas que se guiam a partir da pergunta ‘Como fazer uma exposição de artes?’, visando o dessecamento dos processos envolvidos na mesma (expografia, curadoria, mediação, crítica e registro), e como finalização a produção de uma exposição coletiva com os participantes. A ação educativa durou três dias seguidos (sexta, sábado e domingo) e se deu no espaço *Necessaire*, antigo pub/bar na parte baixa do centro da cidade de Juiz de Fora (MG).

Em Julho de 2019, após discordâncias sobre diretrizes internas, Hygia Leberti declara sua saída do projeto, e a Casa Povera segue sendo gerida por José Henrique com a colaboração de Augusto Henrique.

As oficinas da 2ª Montagem Povera - aceita em um edital de ocupação não remunerada do Centro Cultural Bernardo Mascarenhas - deram início em Outubro, indo até o final do mês. Aconteceram em salas do IAD e outros centros culturais como o CCBM e a Escola de Artes Pró Música - sempre regadas a produtos alimentícios achados vencidos e adquiridos gratuitamente como consta no Código de Defesa do Consumidor (artigo 31 da Lei 8.078/90). Contaram com a participação de Augusto Henrique e Raízza Prudêncio enquanto arte-educadores e as de Bárbara Morais, João Aquino, Millena Santiago, Ramon Vilaça e Tiago Gabina enquanto alunos.

Em Novembro pela primeira vez a Casa Povera recebe uma exposição individual e interestadual. O artista manhumiriense Rawier Queiroga, por sua produtora Ocupretar, vem de Vitória no Espírito Santo para fazer a "Fragmentos". A discotecagem foi por Fattini Beats e a cobertura fotográfica de Juan Pablo. A exibição trazia grandes colagens digitais, com ícones visuais da cultura periférica nacional e um óculos de realidade virtual onde era exibida uma videoarte.

Em Dezembro acontece mais uma edição do Festival de Cinema Primeiro Plano e por consequência mais uma cobertura crítica de J. H. Uma das organizadoras do festival comenta que José Henrique estava "pegando muito leve".

## 2020

Executamos a 2ª Montagem Povera em Janeiro, com mais de 100 artistas participantes e de vários estados federativos brasileiros ocupando o Centro Cultural Bernardo Mascarenhas. Foi um recorde para nós e provavelmente para as duas Galerias que foram ocupadas em relação a quantidade de obras que compunham a exposição.

O Covid chegou, contextos pandêmicos, se antes já não tinha dinheiro e fazíamos de graça, agora não vamos fazer mesmo. Ainda dependentes de editais e aguardando a verdadeira normalização pós vacina. Apenas o Papelão segue semanal e digital, disponibilizado pelo perfil do Instagram e com inscrições abertas continuamente.

# BATE-BOLA-POVERA

O título deste texto foi inspirado livremente no livro “*Vamos salvar este salão?*”, do artista e crítico Walmir Ayala, onde relata sobre sua experiência enquanto jurado e artista participante do 5º Salão Nacional de Artes Plásticas, em 1982. Vale a pena a leitura e a reflexão. Ativados por tal perguntas em tempos não tão longínquos, pensamos novos e alguns mesmos questionamentos sobre arte e produção atualmente.

Na busca de relações textuais outras, retornamos ao nosso público, a alguns artistas frequentadores de nosso métier para provocá-los, a fim de sermos provocados novamente. Convidamos alguns artistas que já expuseram ou colaboraram com a Casa Povera para nos trazerem questionamentos, indagações sobre sua experiência artística. Finalizamos as memórias da casa trazendo as questões dos artistas propositores e os nossos comentários a respeito das provocações feitas.

**Jéssica Rachel Perobelli:** Recentemente a Ex Casa Povera se desloca do seu lugar residencial para o espaço institucional. Quais as diferenças entre montagem, produção e a sensação de estar na instituição?

**Casa Povera:** *Habitar a instituição pode parecer desconfortável, seja pelo seu engessamento e/ou conservadorismo, mas como a produção artística também sempre foi sobre causar incômodos, alterar percepções e ideias a travessia do espaço residencial para o institucional da Casa Povera foi circunscrita em um centro cultural da cidade que a passos curtos, lentos (quase parando) vem tentando apoiar os artistas visuais da cidade.*

**Bruna Gonçalves:** "Faz escuro mas eu canto" é o projeto curatorial da bienal de 2022. O que a casa povera "cantaria" no escuro?

**Casa Povera:** *Cantando que arte é vida e vice-verso reverso, a potência do escuro está na percepção de que o nada é sempre alguma coisa; o que se deve é dar vazão a imaginação, a infinitude de narrativas artísticas, culturais e políticas. (Cantamos aqui o convite dos curadores da 34ª Bienal para uma Ocupação Povera)*

**Tornadamaré:** Como produzir uma arte que suspende o juízo e com ela desarticular os estratagemas malignos colônias dessa sociedade *Brazilian Horror Storys: MUNDO DA ARTE?*

**Casa Povera:** *Sinceramente, também estamos procurando horizontes possíveis de atuação que se materializem em medidas efetivas. Sabemos da importância micropolítica mas não nos vemos com capacidades de transformações macro, não é mesmo? Olhamos fora da bolha e temos a sensação de que "assim caminha a humanidade / com passos de formiga e sem vontade", e embora exerçamos ações agitadoras, não temos poder o suficiente para concretizar a diferença que queremos ver, seja no mercado e/ou nas instituições.*

**Paula Duarte:** Casa Povera, você prefere kit assume ou kit paga? Condensado ou leite ninho? Frango assado ou passarinho? Com pressão ou com carinho?

**Casa Povera:**

*Assume e banca, né não?*

*Condensado, é mais barato.*

*Vamos de legumes sauté, uma coisa bem vegana.*

*Com carinho. E pressão só se for com carinho rsrs*

**Guilherme Borges:** Reconhecer realidades já conhecidas. Quando você conhece um objeto, local ou pessoa, que de alguma forma você já conhecia mas não sabia traduzir e organizar em palavras e materialidades até que isso a você se apresentasse

**Casa Povera:** *Como um vulcão que escorrendo suas lavas transforma o que passa naquilo que ele é, objeto de natureza do centro da terra. Que realidade é esta que se tem no meio do centro da terra? Ela pode se apresentar na imaterialidade de sua sensação, o que você faria?*

**Thâmyra:** Qual é o perigo que oferecemos para a cisgeneridade?

**Casa Povera:** *O artista dissidente tem em seu dever a desestabilização de narrativas de cisgeneridade, quase sempre ativista suas produções são verdadeiras contaminações num sistema que além de o desqualificar, não o remunera, não o acolhe em sua singularidade. Mas o perigo está onde? Está em que ou quem?*

**Thiago Saraiva:** Nós, agentes periféricos, estamos efetivamente descentralizando o mercado de arte dominante ou somos ferramentas de manutenção do mesmo?

**Casa Povera:** *Somos agentes da manutenção e apoio dos artistas marginais e os agentes periféricos de espaços autônomos de arte, sem a nossa rede de fortalecimento e apoio estaríamos sequer pensando nos processos de descentralização da produção e mercado da arte contemporânea que em nível global persistem na reprodução e manutenção de uma teoria crítica cultural colonial.*

---

**Gabriel Scott:** Quais os maiores obstáculos ao realizar a curadoria de uma exposição de edital aberto? A Academia como instrumento conservador dos conservadorismos da Arte. A Arte pode salvar o mundo? Pode salvar alguém?

**Casa Povera:** *Em um edital onde “tudo passa / tudo sempre passará”, é preciso arranjar soluções, espaços, possibilidades para que haja certa harmonia entre a organização desses trabalhos e não ocorram imensos desfalques nesta composição visual, prejudicando a visibilidade de alguns trabalhos e priorizando excessivamente outros. Em nosso percurso já cometemos alguns deslizes, achando que determinados recursos expográficos iam ser compreendidos ou até mesmo viáveis nas condições físicas expositivas que se situava. Como aceitamos todo o tipo de arte, é notória a pluralidade de técnicas e discursos, discrepâncias plásticas e conceituais. Essas questões sempre são um agradável desafio, pois ajudam a compor o mosaico heterogêneo que é a comunidade artística deste país, mesclando circuitos e trajetórias em uma mesma exposição. É muito injusto colocar na arte, na cultura, na educação a responsabilidade de salvação do mundo, de salvação de alguém sem empreender que essas instâncias não trabalham sozinhas, pelo contrário elas estão imersas nos códigos visuais, linguísticos e históricos de um tipo de visão de mundo.*

**Marcos Amatto:** Com a pandemia e o distanciamento social, as lives se tornaram um espaço ou plataforma de exposição e veículo de comunicação alternativo. Quanto a performance apresentadas por lives, como vcs vêem essa nova modalidade de exibição? Acham que foi criado um novo conceito, como live performance? É diferente de vídeo performance ou videoarte? Como vocês vêem a relação da casa no cenário cultural da cidade? Existe alguma missão da casa com esse cenário? A casa tem a pretensão de ser uma instituição com uma sede física? Onlyfans.com é uma nova plataforma para a videoarte ou videoperformance?

**Casa Povera:** *A virtualização e/ou digitalização das coisas que estão acontecendo nesse momento reforçou as possibilidades de se relacionar com as plataformas digitais e as redes sociais. Qualquer cidadão, obviamente aquele ligado nas questões digitais pode fazer uma live falando sobre seu dia-a-dia, passar conhecimentos específicos, durante alguns minutos e foi isso que eles fizeram e as empresas também. Não se quer democratizar?! A liveperformance nada mais é que a transmissão em tempo real de um corpo em performance circunscrito num quadro, é uma possibilidade de criação em performance diferente, não é a linguagem audiovisual que acontece quando se pensa imagens técnicas (vídeo). Quanto ao Onlyfans a plataforma existe há alguns anos já e desde sua criação já sinalizava uma produção performativa diferenciada, hoje percebe-se que é mais usada para pensar uma produção poética na perspectiva de pós-pornografia que expande os significados e formas de se fazer pornografia hoje, podendo ou não ser artista. A partir da primeira mostra organizada pela Casa Povera ela já criou relação com o cenário cultural do município de Juiz de Fora, afirmando sua missão de difusão da produção artística marginal (marginal como aquele corpo que está a margem da reprodução de um sistema) local seja na curadoria de artistas para suas mostras ou pela suas ações educativas. Casa Povera é rede aérea que para se instaurar é só dar lugar, mas é claro que um ateliê, uma garagem e uma cozinha é essencial para boas condições de produção artística. Arte requer laboratório e o artista quer ateliê.*

**luna Maré:** Por que o conceito de precariedade? E qual o significado que vocês dão para este? é necessário dar significado?

**Casa Povera:** *Se envolver com a precariedade vai além do próprio movimento arte povera, é ver na escassez do material de composição a riqueza da criação, do gesto e obviamente do processo. É usar a imaginação para compor criações que obviamente vão ser tidas como de “baixo valor” se você for um artista marginal mas se você for institucionalizado o processo não é o mesmo, pelo contrário, pode ser o triplo do valor. Pros que insistem numa produção de belo estético o embate com a precariedade na produção artística mesmo quando encarado na perspectiva da arte povera será limitante. Enfim, acreditamos que falar em práticas artísticas decoloniais é falar sobre a precariedade na produção do artista contemporâneo ou como próprio conceito.*

**Laura Leão Foine:** Como alimentar o gosto do público para que este procure ver arte ainda em processo? como fazer as pessoas identificarem aquilo como o processo de alguém e amarem ou ao menos respeitarem como o pedaço de alma de outro ser vivo?

**Casa Povera:** *Como cativar o sensível? Como desacelerar a busca por sentido? Como criar condições favoráveis para abstração do público de arte? Questões urgentes para qualquer agente da arte-educação, o que dialoga com as perspectivas da Casa Povera de reforçar a processualidade da produção artística contemporânea. É urgente que se compreenda a produção artística como autobiográfica e para isso é preciso que este público se envolva com o artista: seus temas, discussões e vivências para além do próprio objeto artístico. Cabe ao artista também cativar o registro dos seus processos artísticos para poder empreender seu próprio jeito de dar corpo a sua criação e sobre como pensá-la como um dispositivo educativo seja pelo tema abordado ou pela linguagem artística.*



**Camila Vitória:** Como realinhar e curar a esfera doméstica como um exercício expográfico do cotidiano? Como foi o desenvolvimento do Papelão para os meios virtuais? Quais novos desdobramentos e tensões a nova plataforma trouxe?

**Casa Povera:** *A expografia doméstica do cotidiano é uma mutação constante, permeada pelas próprias vontades do dia-a-dia. Além da organização ou desorganização dos ambientes de uma casa, todo mundo possui um acervo mínimo de arte para ornar com o local: seja uma fitinha colorida perdida no fundo do armário ou um desenho que alguma amiga tenha porventura ofertado. Guardamos e penduramos artes volta e meia em nossas paredes e mesas, mudam de cômodo, vão da sala para o quarto ou para a cozinha - ou até se recolhem em pastas e gavetas para brotarem em um providencial momento no decorrer dos meses. Em relação ao Papelão, o meio virtual já era algo que cogitávamos desde seu surgimento (até porque a feitura do mesmo se dá através do computador), contudo na época escolhemos por fazer sua circulação estritamente impressa - na expectativa que o físico não se esvaísse devido à saturação da virtualidade. Com a chegada da pandemia, a migração para as mídias sociais possibilitou a inserção de sons, vídeos e gifs em seu conteúdo, expandidos as mídias cabíveis na publicação. A divulgação também pôde se tornar mais massiva, explicitando ainda mais a necessidade de divulgação de artistas.*

**Raízza Prudêncio:** Como você acredita que a moda ainda pode transformar a nossa subjetividade?

**Casa Povera:** *Não só transforma como faz parte de nós, não? Se Deise fez o mundo, nós somos o mundo. Nós somos a moda? Corpo expressivo em movimento.*

**Tába da Silva:** O que vocês acham dos clipes do Michael Jackson?

**Casa Povera:** *Em Billie Jean, Beat it, Bad e Smooth Criminal há uma atmosfera noturna e conflituosa, com gangues, máfias e mistérios da rua como pano de fundo. Os confrontos são sempre resolvidos metaforicamente pelas coreografias, que guiam o arco narrativo do videoclipe por brigas performadas. É interessante notar que em Black or White, They Don't Care About Us, Remember the Time, Earth Song há uma iconoclastia por sua presença de pessoa "ex-negra" em contraste com a temática dos videoclipes, sempre atreladas a um debate histórico ou social. Thriller é um caso à parte que Ghosts se assemelha bastante, inclusive. Com certeza há uma infinidade de videoclipes que não cabem nessa humilde análise, dado a enorme trajetória audiovisual deixada por tal artista. De qualquer maneira esperamos ter contribuído em certa atividade opinativa sobre a trajetória de Michael.*

**Raphael Nascimento Leite:** Onde José Henrique se vê daqui há dois anos?

**Casa Povera:** *"Na rua / na chuva / na fazenda", em qualquer lugar que possa ser - até dormindo - criticando.*

**Ivo Lazarevitch:** A precariedade da vida é usar o cu só pra cagar, cu devia servir 50% ao menos pra transar.

**Casa Povera:** *O prazer pode ser nosso, não adoce seu cu. Vamos largar o jogo normativo, perdendo-se nos cus, no compartilhamento anal. Me curo, movendo e gemendo, um orgasmo antropofágico. O som anal se ouve e segredos do olho do meu cu na libido universal: sexo transcendental na cosmologia do cu.*

# ÁLBUM DE MEMÓRIAS FOTOGRÁFICAS



Show de Eliza Moller na 3ª Mostra de arte coletiva Casa Povera: Foto: Noah Mancini.



Registro da 2ª Residência Povera. Performer: Cybelle Magalhães. Produção: Igor Bahia. Foto Noah Mancini.



Exposição Fragmentos, de Rawier Queiroga, pela Ocupretar. Foto: Juan Pablo

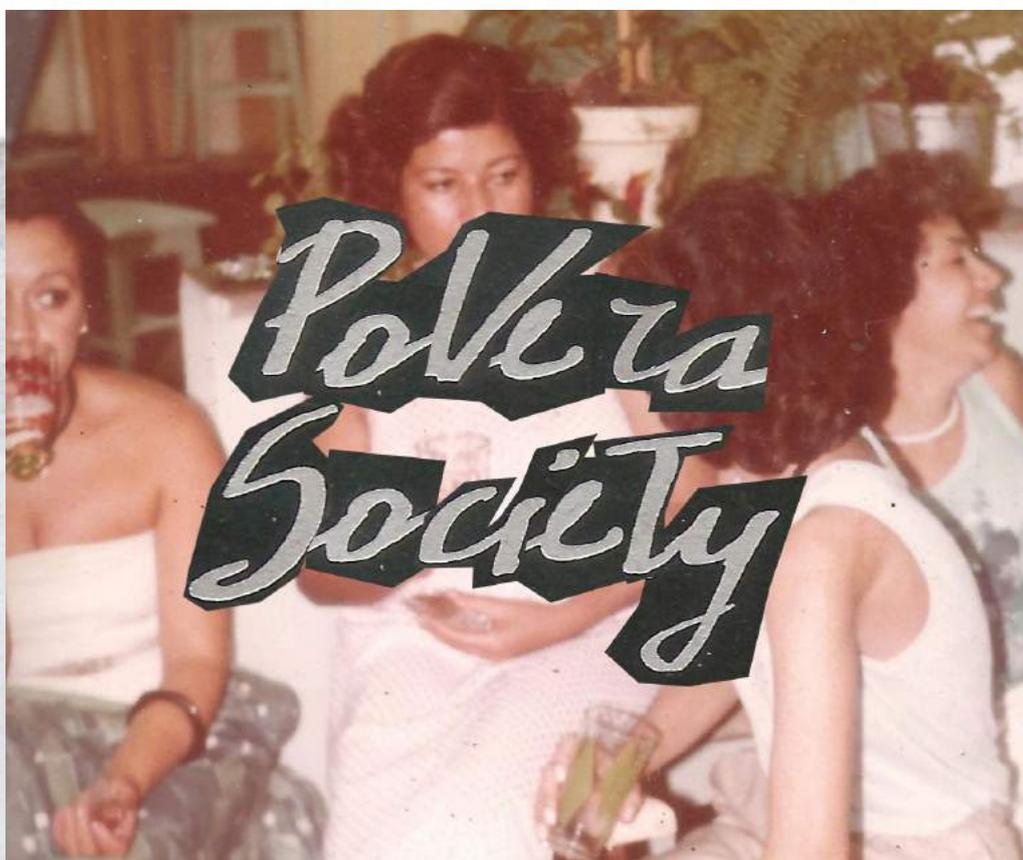


Ação educativa na 2ª Montagem Povera. Foto: Raízza Prudêncio.



Carlos Henrique Santos, 26 anos, é estudante de Artes Visuais pela UFPEL. Artista-etc, investiga o uso da linguagem no processo de criação de imagens em suportes variados como desenho, fotografia, escrita performática e publicações artísticas.

Edição 44 do Papelão Povera, 4ª edição exclusivamente virtual.



Primeira logo da Povera Society. Identidade: Noah Mancini.



# **BREVE RESEÑA SOBRE LA HISTORIA DEL INSTITUTO MUNICIPAL DE CERÁMICA DE AVELLANEDA**

**Cecília Ojeda**

El Instituto Municipal de Cerámica de Avellaneda, desde sus inicios sostuvo una currícula de características experimentales, con una perspectiva transformadora para el proyecto educativo.

Al año 1967 funciona como Escuela de Diseño Municipal de Cerámica, dentro de la Casa de Cultura del Municipio.

En las palabras de Emilio Villafañe “En el año 1977 me nombraron director del Instituto Municipal de Cerámica, mi tarea fue coordinar el funcionamiento pedagógico, generando acuerdos integradores con los docentes para definir el proyecto institucional. Me quiero referir en plural porque los proyectos son acuerdos y compromisos entre seres humanos que ofrecen sus capacidades al conjunto.

En el año 1982 se inicia el proyecto de profesorado pedagógico, incorporando un año más de cursada, lo que permite crear las becas de ayudantías de cátedra incorporando a los egresados a cumplir funciones de Ayudante de cátedra en las distintas asignaturas. Luego se sumaron los ayudantes técnicos”. Indispensables para el funcionamiento colaborativo, en el área de la Coordinación de Talleres del instituto.

En el año 1985 sucede un hecho muy trascendente... “nos mudamos, de La Casa de la Cultura donde funcionaba al momento la escuela, al barrio de Sarandi en la Avda. Mitre 2724, donde funciona actualmente. Toda la comunidad educativa asumió el compromiso de realizar la mudanza y pasamos de los 120mts. al nuevo edificio, alquilado por la Municipalidad de Avellaneda, de 1000 mts. Esta diferencia de espacios, es la matriz para entender el proyecto institucional en el futuro” (Emilio Villafañe)



Fig. 01: Entrada principal del IMCA EV. Foto de la autora.

Es ese mismo proyecto institucional, el cual demandó más de 40 años de trabajo, que se fue transformando mediante acuerdos integradores entre los diferentes equipos de conducción, coordinación y los docentes, para definirlo año tras año.

Se pensó entonces, un perfil de estudiante vinculado con el oficio cerámico como profesión. La escuela mantuvo el compromiso con la comunidad, generando en los barrios junto a centros culturales y sociedades de fomento, actividades vinculadas con la cerámica para difundir la escuela en las periferias y de este modo descentralizar y socializar los saberes, es decir "sacar la escuela a la calle".

En el año 1988 se crea el Taller de Producción Artesanal, un espacio para la investigación tecnológica, el desarrollo de diseño de formas alfareras, el aprendizaje en la labor cooperativa entre los miembros y germen de futuras producciones colectivas en cerámica.



Fig. 02: TPA. Taller de producción artesanal del IMCA EV. Foto de la autora.



Fig. 03: Horno de leña. Horneada del TPA, septiembre 2018. Foto de la autora.

El área de Extensión Cultural del Instituto, coordina una serie de actividades culturales que promueven la valoración de la cerámica en el terreno del arte, el oficio y su desarrollo constante junto a la comunidad. Dentro de estas actividades se encuentra el Simposio Internacional de Cerámica, el cual se desarrolla desde el año 1993 con una frecuencia bienal, un encuentro donde cada artista invitado (argentina/o y/o extranjera/o) realiza su obra brindando diversos saberes que aportan un registro expresivo, artístico y tecnológico en especial a los estudiantes. Esta actividad es posible gracias a la solidaridad de estudiantes, docentes, técnicos, colegas ceramistas, equipo de conducción, que colaboramos en la organización. También del esfuerzo de los ceramistas participantes que sin resarcimiento económico, vienen a trabajar comprometidos con la divulgación y socialización de la actividad cerámica, durante la semana del evento.

El Salón Municipal de Cerámica abierto a la comunidad, el Salón Estímulo para estudiantes y las Muestras individuales y colectivas son otras de las actividades que forman parte de la agenda cultural local del instituto. Además, se organizan charlas, cursos y jornadas vinculadas al área pedagógica, al arte contemporáneo, patrimonio cultural y memoria, entre otros.



Fig. 04: Salón de exposiciones y auditorio. Foto de la autora.

Al día de hoy el Instituto cuenta con una gran Colección de Cerámica Contemporánea. Esta colección resguarda obra que forma parte del patrimonio cultural del Municipio de Avellaneda.



Fig. 05: Colección Contemporánea de Cerámica del IMCA EV. Foto de la autora.

En el presente el proyecto se plantea, en la formación que brinda a los estudiantes como futuros docentes de arte, generar herramientas para analizar el fenómeno artístico en el mundo contemporáneo, concebir el arte como campo de conocimiento, dándoles la posibilidad a los egresados de posicionarse como trabajadores en el campo de la cultura. Despeñarse con solvencia profesional en el área técnica/académica con pensamiento crítico y capacidad interpretativa de los campos que se suceden en el contexto y en su área de conocimiento específico. Los títulos que se otorgan son Profesorado en artes visuales con orientación en Cerámica de Nivel Superior y Técnico/a superior en Cerámica, ambos títulos tienen validez nacional.



Fig. 06: Patio. Escalera a Biblioteca, Sala de exposiciones y SUM. Foto de la autora.

Algunas de las personas que formaron parte de las diferentes gestiones y aun estan presentes apoyando el proyecto pedagogico son Emilio Villafañe, Julia Denazis, Hugo Aramburu, Susana Cortes, Guillermo Mañe (dentro de los diferentes equipos de conducción) y Alejandra Bernardi, Julio Cando, Norma Clementoni (dentro de las áreas de coordinación) entre otros; todos mantuvieron una activa participación mediante la labor colaborativa, junto a grandes colegas del ambito de la cerámica y otras artes.

Al año 2020, el Equipo de Conducción esta conformado por M. Fernanda Castro (Rectora), Rosana Salvi (Directora), Norma Burgos (Secretaria docente), Magdalena Parota (Preceptora). Las áreas de coordinación por Jana Puig (Coor<sup>a</sup> de Talleres), Cecilia Ojeda (Coor<sup>a</sup> de Extensión Cultural), Claudio Sumic y Emilio Morini (Coordinación del Taller de producción artesanal del IMCA EV). Como Presidenta de Cooperadora Griselda Badini, como Bibliotecaria Mabel Alonso.

# NUVEM – ARTE E CRÍTICA

Thiago Fernandes<sup>1</sup>

A Nuvem é um blog voltado para a crítica de arte que surgiu em 2018 a partir de diversas inquietações, sobretudo a respeito do distanciamento do debate sobre arte em relação ao público não especializado no assunto. Esse incômodo atravessou minha formação como historiador da arte e se intensificou em 2017, quando ocorreram dois casos graves de sabotagem a exposições de arte contemporânea. Um deles, no contexto da exposição *Queermuseu*, que aconteceu no Santander Cultural (Porto Alegre), quando conservadores e fundamentalistas religiosos utilizaram as mídias sociais para compartilhar vídeos e fotos que denunciavam a suposta apologia à pedofilia, imagens pornográficas e desrespeitosas às “pessoas de bem” que teriam encontrado na exposição, o que demonstrava sua total falta de conhecimento a respeito das linguagens e possibilidades de existência da arte, sobretudo da arte contemporânea. O outro caso aconteceu quando um vídeo de um minuto, com um fragmento de uma performance – *La bête*, de Wagner Schwartz, apresentada no Panorama da Arte Brasileira, no MAM-SP – fez ir por água abaixo mais de meio século de discussão sobre performance, sobre o corpo na arte, sobre os *Bichos* de Lygia Clark. O vídeo descontextualizado, que mostrava o artista realizando a performance nu, havendo no público a presença de uma criança, fez surgir, novamente, acusações de pedofilia e gerou intensos conflitos envolvendo o museu e autoridades. O que me chamava atenção nesses dois casos - além da ignorância a respeito da arte por parte de quem atacou as instituições, artistas e curadores – é o fato de sua repercussão ter se dado nas das mídias sociais.<sup>2</sup> Até então, eu nunca tinha

---

1 PPGAV / UFRJ. Historiador da arte, mestre e doutorando em Artes Visuais pela UFRJ, crítico, curador, professor e designer gráfico. thiagosmf@gmail.com

2 Sobre isso, publiquei na época um texto na revista Caju, intitulado “Iconoclastia, cultura de massa e censura”. Acesso em: <<http://revistacaju.com.br/2018/01/06/iconoclastia-cultura-de-massa-e-censura/>>.

visto tantas pessoas discutindo sobre arte, ainda que fosse para colocá-la no banco de réus. Percebi o grande poder que há nas redes para legitimar e fazer circular falácias – o que iríamos confirmar mais tarde, nas eleições presidenciais de 2018. Desde então, passei a pensar com maior frequência no inverso: a possibilidade utilizar o potencial viral da internet a favor da arte e do conhecimento.

Outro acontecimento importante para a origem do blog foi um curso de crítica de cinema, ministrado por Marcelo Müller na Escola de Cinema Darcy Ribeiro, que tive a oportunidade de cursar no início de 2018. Eu já publicava críticas de arte desde 2015, tive minha estreia na revista *Dasartes*, com a qual colaborei diversas vezes, além de ter atuado na criação e nos primeiros anos da *Desvio* e iniciado em 2017 uma parceria com a *Caju*. Ingressei nesse curso interessado em compreender outros formatos de crítica e sua circulação. Percebi que, enquanto nas artes visuais vivemos lamentando a falta de espaço para a crítica nos jornais e alimentando nostalgia pelos tempos de Mário Pedrosa, Ferreira Gullar e outros críticos que tinham forte presença nos grandes veículos, a crítica de cinema é muito bem resolvida na internet e tem bom sucesso com o público. Analisei diversos sites e blogs de crítica de cinema, que serviram de inspiração para a criação do blog *Nuvem*, além, é claro, de olhar com mais atenção para veículos de artes visuais com alguma atuação online, mas fora do âmbito acadêmico.

Considero a *Nuvem* um blog em construção e constante experimentação. No Instagram e Facebook costumo experimentar outras formas de conteúdo, muitas vezes publicando algo inédito (não necessariamente um texto) ou adaptando um texto publicado no blog em um modelo mais adequado para essas mídias. Um próximo passo talvez seja explorar o audiovisual, etapa a qual já dei início com a criação de um canal no YouTube e um vídeo, mas não pude seguir em frente por dificuldades em meu cronograma, devido a minha pesquisa e atuação profissional em outras frentes. Esta mesma razão confere um ritmo inconstante ao blog, que passa por momentos de intensa atividade e outros de longa pausa. Não considero isso um grande problema, pois desejo fugir de uma dinâmica produtivista e poder dar a dedicação merecida a cada conteúdo compartilhado.



Fig. 01: Imagem da página inicial do Nuvem – Arte e Crítica.

Meu objetivo inicial era utilizar o blog como uma espécie de banco de dados da minha produção, daí vem o nome Nuvem – Arte e Crítica. Me aproprio do conceito de nuvem utilizado pela computação, que se refere ao armazenamento e compartilhamento de dados por meio da internet, e ao mesmo tempo tomo como paradigma a analogia entre a nuvem e o objeto artístico, realizada pelo filósofo e historiador da arte Georges Didi-Huberman no livro *Diante da Imagem*, onde ele reflete sobre a arte como uma nuvem sem contornos, que vive mudando de forma, sempre vista sob novos olhares. Acho belíssimo esse texto e considero importante toma-lo como base para a crítica, que nunca deve confinar a arte, mas escrever *com* a arte, contribuir com a formação de olhares e a produção de experiências.

Compreendendo o blog como esse banco de dados, tornei pública uma produção que estava engavetada. Talvez uma menor parte dos textos publicados tenham sido produzidos para o blog. Muitos se originam de trabalhos de disciplinas da graduação, mestrado e doutorado, ou de fragmentos de minha

dissertação. Entre os escritos para o blog, as principais motivações são as urgências, acontecimentos que fazem florescer a vontade de escrever no calor do momento – e são, geralmente, os textos de maior repercussão. Também tenho utilizado o blog para compartilhar textos que publiquei em revistas e catálogos de exposição, além de utilizá-lo como plataforma de divulgação dos meus cursos.

Dito isto, sigo experimentando e buscando novas maneiras de suscitar reflexões e debates sobre arte, com a esperança de conseguir furar as bolhas da academia e do circuito de arte.



Fig. 02: Configuração dos textos individuais no site.

nuvemcritica.com

# REVISTA ARTE CONTEXTO

*percursos e reflexões por meio da escrita*

Paola Fabres e Talitha Motter<sup>1</sup>

Este texto relata como se deu a criação da revista [Arte ConTexto](#) e o desenrolar de suas ações pelo olhar de suas editoras.

Foi no final de 2012 que nos encontramos na Casa de Cultura Mário Quintana (Porto Alegre/RS) para conversar sobre a ideia de criarmos uma revista. Na época, éramos graduandas em Artes Visuais pela UFRGS e as opções para o exercício da crítica para novos autores não eram muitas. Uma revista nos permitiria ter um espaço para publicar nossos textos, mas mais do que isso: teríamos um ambiente que estimularia debates e diálogos com outros autores sobre a arte atual. Naquela primeira reunião, escolhemos o nome da revista, que unia o texto e o contexto da arte.

Mas como foi tornar o projeto possível? Os processos de edição foram sendo aprendidos no percurso. Tivemos a chance de estar rodeadas por profissionais motivados a germinar essa ideia ao nosso lado. Marcius Andrade, designer e desenvolvedor de sites; Sarah Motter, jornalista; e Fernando de Siqueira, revisor, atuam na revista desde esse período. Membros da comunidade da UFRGS e de outras instituições foram fundamentais para a formação do grupo de pareceristas. Precisávamos de um conselho já experiente tanto em pesquisa quanto em editoração. A participação voluntária desses pesquisadores, curadores e professores, oriundos de diferentes regiões do país e especializados em diversos assuntos da esfera da cultura, viabilizou a elaboração de uma revista de

---

1 Paola Fabres é doutoranda em Artes Visuais (ECA-USP) e coordenadora do programa de residência Comunitária (Argentina). Atualmente, atua como crítica e curadora, integra o comitê de Acervo e Curadoria do MAC-RS e é co-editora da revista Arte ConTexto. E-mail: [paola.fabres@gmail.com](mailto:paola.fabres@gmail.com) Além de co-editora da revista Arte ConTexto, Talitha Motter é doutoranda em História da Arte pela Université de Montréal. Sua pesquisa trata das revistas de arte digitais no Brasil. E-mail: [talitha.motter@gmail.com](mailto:talitha.motter@gmail.com)

arte de caráter multidisciplinar. Assim, a *Arte ConTexto* pôde abarcar análises ligadas à literatura, ao cinema e às artes cênicas. Durante esses anos, não somente esse núcleo de colaboradores foi crescendo, mas também a equipe de divulgação e revisão, o que nos possibilitou uma melhor distribuição das tarefas.<sup>2</sup>

Ainda nos primeiros meses da revista, começamos a definir os formatos de conteúdos que seriam publicados, para facilitar a padronização do material que seria recebido a partir de chamadas abertas. Além de artigos sobre projetos desenvolvidos por pesquisadores em diferentes momentos de formação, queríamos publicar textos mais curtos, ensaios para discutir os temas propostos pela própria *Arte ConTexto*. No entanto, com o tempo, começamos a receber textos com um uso mais livre da palavra. Textos que estavam atrelados a uma linguagem experimental, por vezes mais literários, por vezes entre os universos do textual e do visual. Decidimos abraçá-los. Isso nos levou a criar uma nova modalidade de submissão, definida como *texto-obra*. Para citar alguns exemplos, desde 2015, publicamos a série de cartas fictícias de André Winter e Renata Requião, escritas como uma conversa íntima com e para um artista distante – no espaço ou no tempo. Para a edição *Pensar juntos/Fazer juntos* (2017), publicamos uma receita para aqueles que se alimentam de arte e educação, criada por participantes do curso de extensão *Interseções da Arte* do Colégio de Aplicação da UFRJ.

Essa escolha abriu caminho para a edição *Verbetes da Arte* (2019), que propôs a criação de uma espécie de glossário com terminologias recorrentes no campo artístico. Queríamos publicar análises sobre termos que utilizamos frequentemente em nossos textos, para desdobrá-los e torná-los mais inteligíveis a partir da discussão de produções artísticas. Queríamos que a obra operasse como disparadora de conceitos e não o inverso. A partir das submissões recebidas, construímos um minidicionário e repensamos termos como *descrição*, *dispositivo* e *ativismo*.

Desde a primeira edição, *Novos Espaços da Arte* (2013), temos buscado propor um debate sobre as relações entre as esferas da arte e da sociedade. A *Arte ConTexto* evidencia, naturalmente, um vínculo com o Rio Grande do Sul, tanto por parte de seus membros, quanto pela publicação de textos que

---

2 Somos gratas a todos os membros da revista e autores pela qualidade dos conteúdos publicados, além de fazerem parte de nossa formação e aprendizado como editoras.

discutem a produção artística da região. Mas a presença da revista no ambiente digital, permitiu com que essas fronteiras se expandissem, abrindo espaço para diálogos entre agentes de outros estados do Brasil e de países como a Argentina, o México e a Polônia. Dessa maneira, a ideia de contexto anunciada pelo nome da publicação vem sendo tecida, ao longo de suas 16 edições, por uma multiplicidade de visões e perspectivas.

Ao exercício de publicação de textos, soma-se a organização de exposições e outros eventos culturais que foram realizados durante os seus primeiros anos. A *Arte ConTexto* buscou dessa maneira levar as discussões que aconteciam na revista para outros espaços, como um atravessamento entre pensamento editorial e curatorial. Esse foi o caso do projeto *#Reabito* (Figura 01): programa de ações artísticas interessadas em questionar os diferentes modos de habitar a cidade e que foram realizadas ao longo de um mês inteiro em Porto Alegre. O programa de ações, com proposta curatorial decorrente da 4ª revista, *Repensando a Cidade Contemporânea* (2014), foi documentado e exibido nos espaços *Galpão* e *Tereg* no final de 2014. Outro exemplo é o projeto *Livro Interferido II* (2015), em que organizamos uma mostra coletiva, em parceria com o *Grupo de Pesquisa Arte Impressa* da UFSM, com a *Traça Livraria e Sebo* e o *Bar Ocidente*, na qual o livro era o meio de expressão. A mostra também estimulou exercícios práticos e discursivos sobre arte e literatura.

Olhando em retrospectiva os sete anos de existência da revista, podemos dizer que foi no contato com esse conjunto de textos e ideias que fomos consolidando boa parte dos nossos próprios raciocínios. Além disso, percebemos que a *Arte ConTexto* tem sido uma plataforma de encontro entre pesquisadores já consolidados e aqueles que estão iniciando seus processos de escrita. Frente a um cenário pouco permeável, em que o espaço para o dissenso de ideias tem sido cada vez mais atenuado por interesses de um sistema artístico regulador, seguimos apostando em iniciativas de formação e de estímulo ao pensamento crítico.

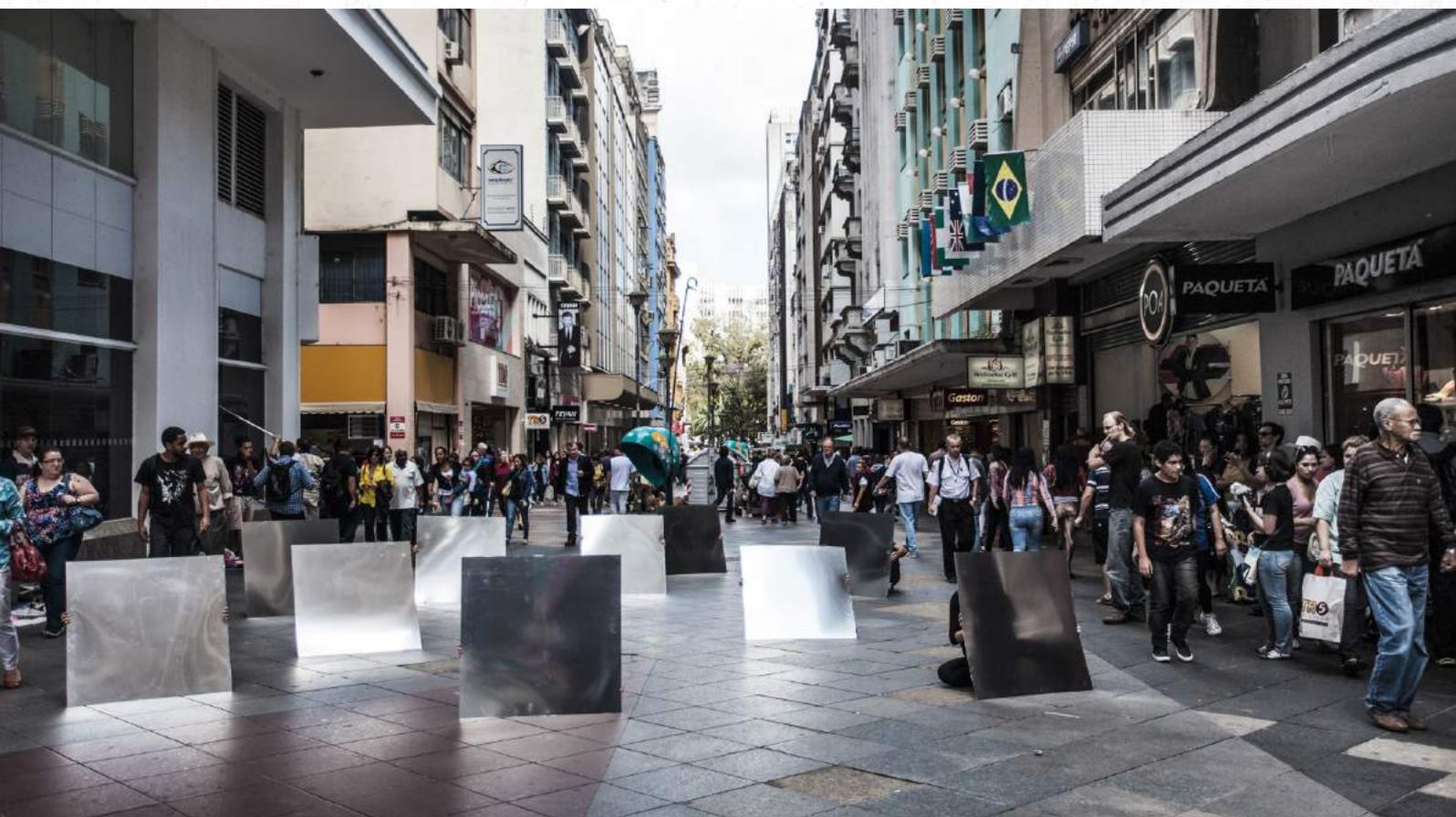


Fig. 01: Imagem de uma das ações realizadas dentro do projeto *#Reabito*. Cortejo de Espelhos, 2014. Coreografia de Douglas Jung e música por Klaus Volkmann. Esquina Democrática, Porto Alegre/RS. Fotografia: Marcius Andrade.

# UM TONEL PARA O QUE POSSA HAVER POR AÍ

Caio Bonifácio<sup>1</sup>  
Cris Ambrosio<sup>2</sup>

A revista Tonel surgiu em 2018, a partir de uma chamada aberta aos estudantes de artes visuais da Universidade de São Paulo. O plano inicial era de criar uma publicação da graduação que recebesse material de alunos de qualquer instituição, como um espaço de diálogo entre os graduandos em artes visuais do Brasil – com pretensões ainda de expandir. Foi ficando cada vez mais óbvio que realizar essa proposta seria difícil e burocrático, e o esvaziamento do grupo seguiu essas descobertas.

Ainda em 2018, levando em conta nossas limitações e vontades, começamos a dar forma para a Tonel, como um projeto que buscava não se limitar à produção acadêmica sobre artes. A intenção principal era de criar um suporte para reflexões de artistas e interessados em arte, principalmente daqueles que, como nós, estivessem em começo de carreira, e também divulgar referências e ensaios visuais. Esperávamos também, na melhor das hipóteses, entrar em contato com realidades para além do nosso círculo universitário paulistano.

Com essas diretrizes mais ou menos definidas, levamos o projeto para redes sociais, publicando durante alguns meses uma coisa ou outra sobre artistas e temas que considerávamos importantes, sobretudo, políticos. A frequência foi diminuindo, até parar completamente.

---

1 Caio Bonifácio é artista, professor e pesquisador. Licenciando em Artes Visuais pela Universidade de São Paulo, dá aulas de História da Arte no Cursinho Popular Acepusp, participa do Grupo Multidisciplinar de Pesquisa em Arte-educação, coordenado pela profª Sumaya Mattar, e é editor da Revista Tonel. [caio.vinicius.bonifacio@usp.br](mailto:caio.vinicius.bonifacio@usp.br)

2 Cris Ambrosio. Artista e designer, trabalha em São Paulo. Tem formação em Letras e Artes Visuais, ambos na Universidade de São Paulo. Faz parte da organização da publicação independente Revista Tonel desde sua fundação em 2018 e atualmente é assistente na Coleção Moraes-Barbosa. [contato@crisambrosio.com](mailto:contato@crisambrosio.com)

Em junho de 2020, no quarto mês de isolamento social, surgiu a ideia de retomar a Tonel, mas com meios mais ambiciosos. O grupo tinha aumentado, assim como os recursos práticos disponíveis. Pudemos lançar em julho um site próprio, no qual publicamos conteúdos mais extensos, e retomamos nossas redes sociais, que agora divulgam o material do site e veiculam outras informações mais condensadas, como pequenos textos relacionando trabalhos de arte com acontecimentos atuais.

Na primeira edição *Conflitos*, todo o conteúdo foi redigido pelos membros da organização e na segunda, *Ficções*, buscamos gradativamente diversificar esse quadro. Abrimos a *Seção de Notas*, uma micro coluna que recebe contribuições de qualquer um que se dispor a enviar sua notinha, como um antecedente à chamada aberta que planejamos para a próxima edição. Queremos manter conteúdos como textos, vídeos e ensaios visuais relacionados às artes e a outras áreas correlatas de forma descomplicada e acessível (dentro do possível nos limites da internet), mas agora com o desejo de alcançar qualquer pessoa que possua algum interesse em artes, não somente o público de estudantes universitários de arte. O intuito é de criar uma dinâmica com o público de caráter de formação livre, fornecendo referências diversas para se pensar a arte hoje, sobretudo através da produção realizada fora do circuito hegemônico e de pontos pouco explorados da história da arte.

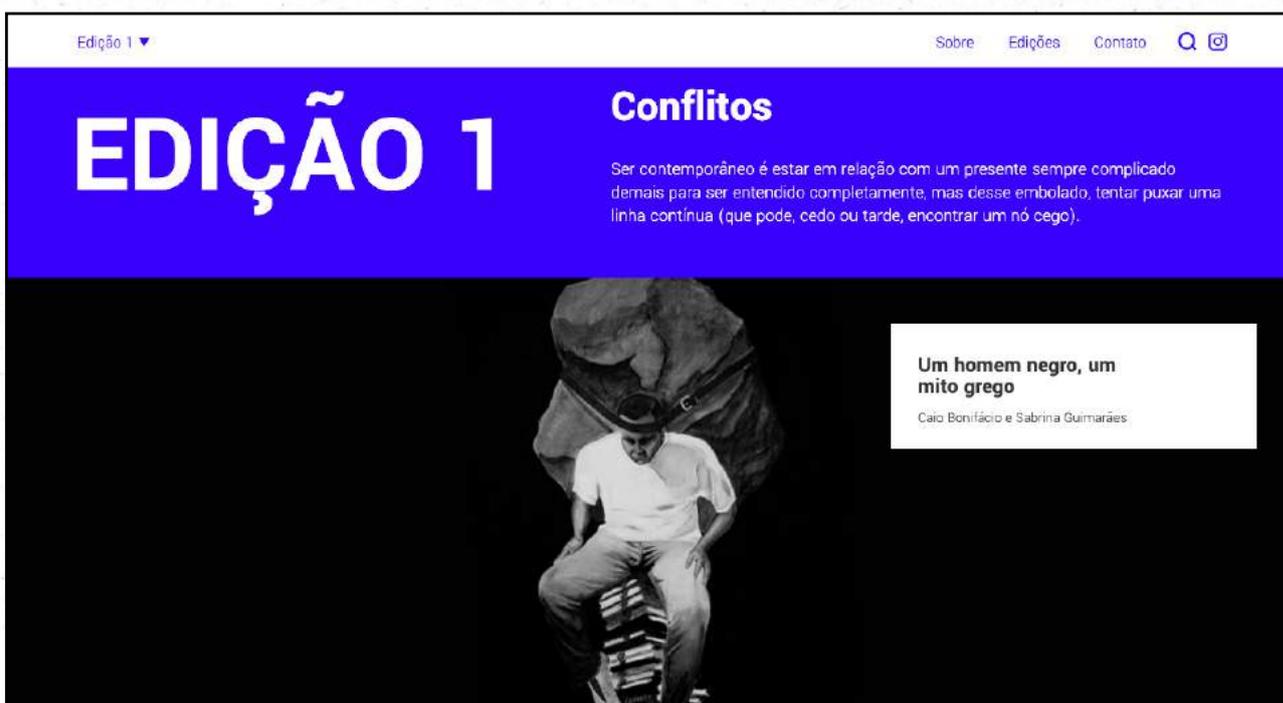


Fig. 01: Homepage da primeira edição da revista.

Ainda que a Tonel esteja correndo há pouco tempo e ficou restrita ao ambiente virtual, pudemos entender um pouco sobre as dinâmicas das redes sociais e sobre o trabalho com um projeto que não tem retorno financeiro imediato. Porque também é sobre isso, a Tonel é um trabalho para todos que participam, exige um tempo dedicado que não é pago, mas que é dividido com os tempos de estudos, trabalhos, descanso e outros projetos pessoais de cada membro. Esse problema da dedicação vira um certo desânimo, acentuado pelo distanciamento social que inviabiliza a realização, nos espaços físicos, de debates, palestras, cursos, oficinas, exposições e até comemorações de lançamento das edições, assim como as reuniões oficiais de organização da revista, que poderiam acontecer seguidas de uma confraternização para aliviar os ânimos.

Desde o lançamentos da edição *Conflitos*, recebemos vários comentários elogiosos ao nosso trabalho, assim como algumas críticas construtivas. A recepção da Tonel é boa e acreditamos cada vez mais em seu potencial de realizar um espaço de livre de formação fora do circuito hegemônico da artes, e trabalhamos para isso.

Apesar das forças a contrapelo, seguimos pensando novas formas de realizar o projeto nas condições que se nos apresentam – e essa é um dos prós de uma revista de formato aberto, a imensa possibilidade de transformação. Não sabíamos de início o que seria a Tonel, tudo que rolou foi na experiência, e também o futuro do projeto se abre e se desenvolve imprevisivelmente. Uma forma estanque não permitiria a participação de pessoas vivas, em constante movimento. Hoje, não sabemos como será daqui um mês, se continuaremos com a dinâmica das edições, com a frequência quase semanal de produção de conteúdos ou com o foco nas redes sociais.

Então, só sabemos que queremos seguir e vamos abrir cada vez mais.

Assinado Tonel,  
uma revista itinerante.

# ROTEIRO DE ENTREVISTA – REVISTA DESVIO

Viviane Panelli Sarraf<sup>1</sup>

*Para o conhecimento de nosso público/leitores, gostaríamos que comentasse um pouco de sua trajetória.*

**R:** Me formei em Licenciatura em Artes Plásticas em 2000. Desde a graduação comecei a atuar em instituições de memória. Fiz estágios em museus, em arquivos e centros de documentação de instituições culturais e atuei como educadora de exposições, foi nessa ocasião que me aproximei e me apaixonei pela acessibilidade e inclusão de pessoas com deficiência. Logo que me formei comecei a dar aulas de artes em escolas privadas e públicas (Estado e Prefeitura), mas sempre gostei da área de museus. Em 2002 comecei a trabalhar na Fundação Dorina Nowill para Cegos para criar um centro de memória da instituição e para aprimorar minha formação em museologia que era apenas empírica ingressei no Curso de Especialização em Museologia do MAE-USP, onde conheci e fui orientada pela Profa. Cristina Bruno e comecei a me aproximar da área acadêmica. Foi também nessa ocasião que tive o primeiro contato com os textos de Waldisa Rússio e com o Fundo Waldisa Rússio salvaguardado no IEB-USP.

Em 2006 ingressei no mestrado em Ciência da Informação na ECA-USP onde realizei uma pesquisa sobre Políticas Culturais de Inclusão de Pessoas

---

1 Pesquisadora Colaboradora, Professora e Orientadora do programa de Pós-Graduação em Culturas e Identidades Brasileiras do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo com Auxílio e Bolsa Jovem Pesquisador FAPESP. Pós Doutora em Museologia pelo Programa de Pós Graduação Interunidades em Museologia da USP, Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, Mestre em Ciência da Informação pela ECA-USP, Especialista em Museologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP e Graduada em Educação Artística pela FAAP. Atualmente coordenada o Projeto Jovem Pesquisador FAPESP, "O legado teórico de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri para a museologia internacional", tema desta entrevista.

com Deficiência em Museus, nessa ocasião, realizei novas pesquisas no Fundo Waldisa, mas sem encontrar materiais válidos para a pesquisa em questão por conta da situação não sistematizada do fundo. Nesse mesmo ano fundei minha empresa Museus Acessíveis e em 2007 ganhei o prêmio Empreendedor Social Artemísia com um plano de negócios para desenvolvimento dos produtos e serviços oferecidos.

Em 2008 ingressei no Doutorado em Comunicação e Semiótica na PUC-SP, com o objetivo de pesquisar o potencial de acessibilidade dos recursos de mediação multissensoriais em museus e exposições.

Assim que concluí o doutorado, fui convidada pela Profa. Cristina Bruno para propor um projeto de pós doutorado para o recém criado Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da USP. Meu projeto, sobre Curadorias Acessíveis e Participativas foi o 1º selecionado no final de 2013 e permaneci desenvolvendo o mesmo até final de 2016. Foi nessa ocasião que pude criar e ministrar cursos de extensão e disciplinas de pós graduação na área de acessibilidade em museus. Voltei a pesquisar o Fundo Waldisa no IEB-USP para minha pesquisa de Pós Doutorado e nessa ocasião encontrei a documentação melhor acondicionada, com uma organização por tipologia de suportes e fui muito bem acolhida pela equipe do Arquivo da instituição.

*Como surgiu a ideia de desenvolver um projeto relacionado ao legado de Waldisa Rússio?*

**R:** Desde meu primeiro contato com os textos e documentação de Waldisa salvaguardada no Arquivo do IEB-USP em 2003 eu percebi que muito de sua produção não era conhecida e disseminada, apesar da enorme relevância para a área de Museologia e algumas de suas sub-áreas. Mas foi durante a consulta ao fundo nos anos de 2015 e 2016 que eu resolvi que precisava de fato fazer algo para mudar essa realidade. Em conversas com Elisabete Ribas, então supervisora do Arquivo, com a Profa. Cristina Bruno, minha supervisora de pesquisa do Pós Doutorado e com a Profa. Sandra Nitri, então Diretora do IEB-USP decidi submeter uma proposta de Auxílio Jovem Pesquisador para a FAPESP com o intuito de investigar a fundo a produção teórica de Waldisa e suas contribuições para a museologia em âmbito regional, nacional e internacional.

*Como funciona o Projeto Jovem Pesquisador FAPESP?*

**R:** A FAPESP concede o Auxílio Jovem Pesquisador para pesquisadores com doutorado e com capacidade para gerenciar um projeto de pesquisa e formar pesquisadores para diferentes áreas de conhecimento. O Auxílio engloba bolsas de pesquisa, treinamento técnico e recursos para aquisição de equipamentos e materiais necessários para o desenvolvimento do projeto.

Eu sou a pesquisadora Responsável e Principal e tenho a bolsa Jovem Pesquisador durante a vigência do projeto. Em minha equipe tenho bolsistas de mestrado, iniciação científica, treinamento técnico e voluntários.

*Qual foi sua primeira interação com o Fundo Waldisa Rússio? E por que ele foi escolhido por você como objeto do projeto Jovem Pesquisador?*

**R:** Como relatei anteriormente foi em 2003 quando estava cursando a especialização em Museologia no MAE-USP. A escolha do objeto de minha pesquisa: a produção teórica de Waldisa Rússio ocorreu com o objetivo de reverter os processos de invisibilização de suas contribuições para a museologia em âmbito regional, nacional e internacional.

*Entendemos que além da organização do acervo, você elaborou vários eixos para a pesquisa e difusão, você gostaria comentar um pouco mais ao respeito?*

**R:** A organização do acervo é fundamental para que a pesquisa sobre a produção teórica e empírica de Waldisa seja possível – são atividades co-dependentes. No caso das ações de difusão eu e minha equipe consideramos fundamental, assim, desde o início do projeto investimos na participação em eventos científicos e culturais em áreas correlatas ao projeto, na criação de eventos e oficinas criativas relacionadas aos temas presentes na produção de Waldisa, na publicação de artigos em periódicos e, atualmente, no contexto da Pandemia criamos contas no Facebook e Instagram para ampliar o alcance e formar novos públicos para o projeto.

A equipe do projeto já teve diversas composições nos três anos de atividades, mas sempre é constituída por membros de diversas áreas do conhecimento. Esta foi uma escolha deliberada ou algo que aconteceu com o tempo?

**R:** Acredito que a interdisciplinaridade é fundamental para o desenvolvimento de um projeto de pesquisa que se propõe a realizar novas formas de investigação e difusão. Por essa razão a seleção dos membros da equipe provenientes de diferentes áreas dentro das Ciências Humanas e Sociais é estratégica.

*Quais são as vantagens de contar com uma equipe multidisciplinar?*

**R:** Conforme exposto acima considero que uma equipe multidisciplinar é fundamental para o desenvolvimento de um projeto de pesquisa que se propõe a realizar novas formas de investigação e difusão, conseqüentemente alcançando novos vãos.

*Quais você acha que são alguns dos maiores desafios enfrentados até o momento?*

**R:** Certamente o maior desafio enfrentado até o momento é o atual período da Pandemia Covid-19 pelo afastamento das atividades presenciais de pesquisa no Arquivo do IEB-USP.

*Como o projeto se ajustou ao contexto da pandemia?*

**R:** Adaptamos as atividades de pesquisa presencial para ações remotas: iniciamos com a revisão do Quadro de Arranjo do Fundo e partimos para descrição e disponibilização da documentação complementar já coletada e digitalizada e para os depoimentos de memória oral coletados em etapas anteriores do projeto. Investimos de forma intensa em atividades de difusão como a realização de Podcasts, Webinários e as contas no Facebook e Instagram.

*Quais você acha que são alguns dos maiores logros alcançados até o momento?*

**R:** São vários: ter estabelecido o Quadro de Arranjo do Fundo; realização do inventário em quase metade do mesmo; inserção das descrições dos documentos e disponibilização das mesmas no SGA; realização da pesquisa de documentação complementar em diferentes instituições brasileiras; a relização de eventos científicos e culturais com a temática do trabalho de Waldisa e o lançamento

do livro com textos inéditos da Waldisa na coleção e Teoria Museológica do ICOFOM – LAM.

*O que o Projeto ainda pretende realizar no futuro?*

**R:** Temos planejado: a finalização do inventário, a redação de um livro bilingue sobre a produção teórica e empírica de Waldisa com grande parte dos pesquisadores que integraram o projeto, o lançamento de um portal na internet com os resultados da pesquisa, o Seminário sobre as contribuições de Waldisa Rússio para os museus paulistas em parceria com o Museu da Casa Brasileira e a continuidade do intercâmbio científico nacional e internacional.

*A partir do trabalho realizado até agora, que pontos do legado de Waldisa Rússio você gostaria de destacar?*

**R:** Na pesquisa realizada até o momento foi possível comprovar a criação de conceitos originais dentro da área de museologia por Waldisa Rússio, sua interlocução internacional na década de 1980, sua importante participação no estabelecimento de Políticas Culturais e Museológicas no Brasil, Estado de São Paulo e em municípios do estado (inclusive a capital), sua militância por causas sociais e políticas e seu pensamento de vanguarda aplicado na consultoria e gestão de instituições museológicas e na docência e pesquisa.

---

# “VOCÊ TEM MEMÓRIA DE QUE?”

*Da teoria à prática, uma união entre a memória e mídias sociais*

Débora Corrêa Koury do Valle<sup>1</sup>  
Nicole Castilho Reiniger<sup>2</sup>  
Rayssa Lisbôa França<sup>3</sup>

**RESUMO:** O projeto se propõe a apresentar um paralelo entre definições conceituais de memória e de seus desdobramentos e aspectos do cotidiano e da construção da identidade de públicos diversos, que buscamos alcançar e com quem pretendemos promover um diálogo que enriqueça o debate acerca do tema. O caráter interdisciplinar da memória, inclusive, é responsável pelo delineamento das propostas de interação e colaboração do projeto “Você tem memória de que?”. Este ensaio, portanto, apresenta a trajetória de concepção, desde a base conceitual até as transformações no planejamento, decorrentes da paralisação das atividades presenciais no setor da cultura no período da pandemia de Covid-19.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória; Identidade cultural; Mídias sociais.

Tendo como proposta interligar a memória com aspectos da vida cotidiana e valorizar a consciência sobre construção de identidades culturais nos visitantes, acreditamos que é possível pensar na construção de um espaço acessível e inclusivo que promova a valorização da consciência sobre essa construção nos visitantes, a partir de diferentes maneiras de se relacionar com o tema, propondo questionamentos que abranjam a sociedade como um todo e as gerações que nela convivem.

---

1 Graduada em Museologia. Bolsista Projeto de Ensino Museologia e Arte Brasileira II (UNIRIO).

2 Bacharel em Museologia. Colunista Click Museus.

3 Graduada em Museologia. integrante do Projeto de Extensão. Conversa de Acervo e NUGEP - UNIRIO. Todas são cofundadoras do Você Tem Memória de que? ([linktr.ee/memoriadeque](http://linktr.ee/memoriadeque))

A relevância do tema se deve ao papel central da memória na identificação dos visitantes com o espaço expositivo, mas também de seus desdobramentos: agentes de criação e de transformação de práticas sociais, conceitos, ideias e imaginários. Além do crescente interesse de diversas áreas da ciência por essa capacidade humana, o projeto se justifica pela necessidade de reflexão sobre o conceito e os usos da memória ao longo das décadas. A memória pauta o cotidiano da sociedade, define espaços e tempos; assim, compreendê-la é, também, compreender a si mesmo.

Além de vital para entendimentos simbólicos na Museologia, nossa área de formação, a memória deve ser abordada de maneira interdisciplinar. Seu uso na contemporaneidade é constante: desde a apropriação na publicidade através da nostalgia até na relação cotidiana com “*tralhas*” guardadas em casa. Portanto, se torna interessante construir as definições, os usos e a interferência na vida de cada visitante, preferencialmente com a participação deste na construção. A memória, pensada no presente, remete ao passado, mas sempre mirando o futuro, particular e coletivamente.

Assim, o conceito de memória pode ser compreendido de diversas formas a partir de diferentes abordagens. Inicialmente, a memória era entendida como um arquivo estático que teria como função armazenar imagens mentais, que são as impressões sensíveis vividas, com um adicional temporal e por isso a memória seria algo comum a todos os animais, como colocado no tratado de Aristóteles, *De memoria et reminiscencia*, presente, originalmente, no apêndice do tratado *De Anima* (ARISTÓTELES, 1957 apud SELIGMANN-SILVA, 2012).

Com o desenvolvimento da ciência e as grandes mudanças de concepção de mundo e sociedade, a memória e seus desdobramentos ganham um novo olhar de análise. É o caso da visão pioneira de Halbwachs (1990), citada por Sá (2007) e Santos (2002), na qual adquire um caráter de construção, pautada nas experiências passadas influenciadas, principalmente, pela sociedade e pelo contexto no qual os indivíduos estão inseridos.

“Trata-se da proposição comum de que a memória humana não é uma reprodução das experiências passadas, e sim uma construção, que se faz a partir daquelas, por certo, mas em função da realidade presente e com o apoio de recursos proporcionados pela sociedade e pela cultura.” (SÁ, 2007, p. 291)

A partir dessa visão, novas análises sobre o campo foram elaboradas. A perspectiva psicossocial da memória, que tem como um de seus representan-



tes o sociólogo italiano Paolo Jedlowski, também mencionado por Sá (2007), compreende a memória como “a capacidade de um sistema (vivo ou artificial) de responder a eventos acumulando a informação resultante e modificando sua estrutura de modo que a resposta a eventos subseqüentes é afetada por aquisições prévias.” (Jedlowski, 2001, p.29). Com isso, a memória ganha um caráter dinâmico e mutável na medida em que cada indivíduo lembra, esquece e cria memórias de um jeito particular.

De acordo com Américo (2002), a memória para deficientes visuais é a porta de entrada das informações do mundo e cita Barraga (1992) que afirma que *“a memória é para o cego como os olhos são para o vidente”*. Aqui, nota-se, portanto, que a memória é encarada como ferramenta de independência e apreensão do mundo.

Escolher o que recordar também é escolher o que esquecer. O recorte alimenta a saudade. Não há como reconstituir o passado, apenas interpretá-lo através da atualidade. Apesar das reinterpretações que a nova geração faz daquilo que ocorreu no passado, o apreço (ou não) que possa vir a sentir por uma época também depende dos laços de relacionamento construídos no presente. Há um juízo de valor para que essa escolha seja feita.

As memórias não são organizadas de maneira sistemática e consolidada, como uma biblioteca. É como um computador com uma nuvem de informações e, ao lembrar, o arquivo é puxado e visto e depois é salvo novamente para ser consolidado mais uma vez; nesse processo novas proteínas são criadas fazendo com que a memória seja modificada. A lembrança também muda o que se vive no presente.

Atualmente, é possível observar a ascensão de uma *“Cultura da Memória”*, principalmente através do uso da nostalgia enquanto ferramenta de consumo. Ao provocar o desejo de reviver produtos de consumo do passado, se aumenta a probabilidade de consumir no presente. Assim, diferente da saudade, a nostalgia provoca o desejo de reviver produtos de consumo do passado, é *“uma forma específica de experimentar o tempo que diz muito do que somos, como vivemos e como significamos a nós mesmos e ao mundo ao nosso redor.”* (RIBEIRO, 2018, p. 10)

Nesta tentativa de retornar a uma experimentação, porém, se dá uma memória seletiva. Uma vez que estas estruturas estão em transformação constante, as reinterpretações podem alimentar (ou não) esta saudade. A memória é for-

mada por acontecimentos vividos efetivamente pelo sujeito, outros “por tabela” através de uma sensação de pertencimento a um grupo ou de identificação com uma situação. (POLLACK, 1992)

No entretenimento, é possível observar o uso de estética e referências constantes a décadas passadas. No longa de animação *Meu Malvado Favorito 3* (2017), a nostalgia é colocada como vilã e usada para renovar a franquia. A série *WandaVision* (2020), do serviço de *streaming Disney Plus* não utiliza apenas uma década de inspiração, mas uma homenagem ao gênero *sitcom* através de diversas décadas.

É interessante notar que o consumo de séries que utilizam o passado como estratégia de conexão não se limita aos telespectadores mais velhos. A série *Stranger Things* (2019), popular entre adolescentes muito distantes dos anos de 1980, traz diversos elementos deste período. Enquanto isso, no contexto de produção brasileiro, há o *Canal Viva* da *Rede Globo* voltado exclusivamente para reprise de sucessos da televisão brasileira.

O “*negócio da nostalgia*” se tornou extremamente rentável, uma vez que age no *marketing* para acionar os sentimentos do comprador e torna a compra algo mais emotivo do que racional. O retrô faz sucesso nas bilheterias e no relançamento de produtos, que outrora foram famosos, desperta bons sentimentos. Especialmente durante um momento de conexões cada vez mais digitais, marcas buscam se tornar mais humanizadas, apropriando-se do caráter afetivo para isso.

Ainda que aplicada como recurso constante para atração e conexão do público, a nostalgia também pode ser ferramenta para reflexão. No filme *Meia-noite em Paris* (2010) a crise de identidade artística do protagonista é mesclada com viagens no tempo para Paris durante a década de 1920 e propõe que nenhum período da história é perfeito ou guarda o segredo da felicidade.

Apesar desta crítica, estudos da Universidade de Southampton apontam que sentir-se nostálgico pode tornar a percepção sobre o futuro mais otimista. Utilizando música, o experimento constata um conforto psicológico que combate a solidão e observa a contribuição da nostalgia para uma melhor autoestima.

Se a memória pode ser construída e modificada de acordo com as lembranças de cada um, então sua confiabilidade é reduzida e, a partir disso, pode-se pensar o quanto do que você lembra é realmente verdade ou reflete uma situação por completo.

Partindo desses diferentes entendimentos acerca do conceito de memória, o projeto "Você tem memória de que?" se embasa no ato de provocar o visitante a pensar o seu lugar como sujeito nas construções dos discursos identitários - e das memórias - em torno das narrativas. Para tal, idealizamos uma "fábrica de memórias" que contaria com um acervo colaborativo e uso de elementos que fazem parte do cotidiano, como a música e a comida, sendo ferramentas que integrariam o público à temática.

Sob forma de proposta de projeto de exposição curricular a ser realizada no curso de Museologia, propusemos ainda atividades educativas que tivessem esse mesmo fim.

Entre elas, "*No ritmo da memória*", uma ação voltada para o público idoso, por muitas vezes distante dos espaços museais, que teria a saudade como tema central. Após uma visita guiada pela exposição, o grupo de média 10 idosos com seus familiares e/ou acompanhantes, seriam estimulados a lembrar canções e experiências vividas a partir do acervo exposto e de reproduções de obras de artistas nacionais e internacionais relacionadas ao tema, como a tela Saudade (1889) do artista Almeida Júnior, que estarão disponíveis via *QR Code* na exposição.

Nesta atividade seria possível o desencadeamento de experiências negativas, e assim, nesta ação seria necessário o apoio de um psicólogo ou conversa com os acompanhantes para evitar possíveis gatilhos dolorosos para o grupo.

Além desta, outra, já voltada para públicos de diferentes idades, provocaria o visitante a pensar como as suas lembranças funcionariam com um "jogo da memória", que utilizaria a letra da música "*O que se perde enquanto os olhos piscam*", da banda O Teatro Mágico. Nesta dinâmica, um trecho da música seria tocado para que os objetos por ela citados sejam encontrados em ambiente controlado.

Enfim, sob a ideia de que o que fazemos hoje reflete na nossa memória de amanhã, na parte final da exposição, seriam disponibilizados papéis prensados com sementes para que grupos de dez visitantes escrevam o que do passado gostariam de ver renascer do futuro. Com ajuda do setor educativo, os visitantes poderiam plantar esses papéis em hortas suspensas e no chão identificando com uma pequena placa seu desejo e receber uma muda dos temperos plantados por ele durante a atividade.

---

A pandemia, porém, evidenciou uma potencialidade de expansão no cenário cultural digital, possibilitando uma ênfase na construção de projetos que utilizem essa ampliação a fim de mesclar, cada vez mais, os públicos à temática explorada. Nesse sentido, o projeto “Você tem memória de que?” convida os leitores a refletirem, pensarem, descobrirem novas formas de interagir, compreender e debater sobre a memória no espaço expositivo.

Portanto, decidimos realocar seus conceitos para iniciativas nas mídias sociais voltadas para colaboração. Os jogos e dinâmicas citadas anteriormente serão mantidos em sua base conceitual, embora tenham sua execução transformada para as redes escolhidas. Estabelecer parcerias também é prioridade.

Pontuamos que por interações sensoriais e multimídia estarem no cerne do projeto, as redes sociais sempre foram consideradas fundamentais para estimular vínculos. Agora, enxergamos esta “mudança de plataforma” como um convite para os que ainda não se sentem à vontade dentro delas, ou ainda a consomem de forma quase totalmente passiva, a se apropriarem de um lugar de ação e emissor de respostas.

Considerando as interações em grupo das atividades citadas, as plataformas que estão sendo consideradas pela equipe contemplam construção de uma comunidade, ao invés de mera produção de conteúdo. Estes dois pilares precisam ser unidos. É importante ressaltar também que o projeto está em fase de reestruturação e, portanto, suscetível a diagnósticos para realizar alterações em seu escopo.

Portanto, o primeiro passo é alinhar os conceitos teóricos a produção de conteúdo para as redes sociais. A experimentação de uma identidade visual se torna vital como demonstração deste processo. Com objetivo de estabelecer conexões, notamos a necessidade de se colocar enquanto sujeitos, a fim de estimular relacionamentos com os públicos.

A pesquisa de referências visuais baseou-se em termos correlatos a “memória”, “saúde”, “nostalgia”, “lembranças”, “colaboração” utilizando ferramentas de busca de palavras-chave como *Google Trends* e *Ubersuggest*. Desta forma, foi possível comparar o imaginário de públicos em potencial com o recorte inicial proposto.

Em reuniões, além da pesquisa teórica, *brainstorms* foram realizados para identificar nossas lembranças afetivas. Como um mapeamento de “catalisadores” para lembranças, este exercício permitiu os primeiros testes de identidade visual.

Para exemplificar, consideramos padrões gráficos inspirados no granilite, muito comum em pisos no subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, marcando profundamente uma infância em “casa de vó”. Também foi utilizado como inspiração o Teste de Rorschach, considerando sua particularidade de diferentes visualizações (Figura 1). Neste jogo de abstração, surge o efeito de ótica com a combinação da ilustração das flores da espécie Saudade. A imagem foi apresentada a amigos e familiares e as formas identificadas foram as mais variadas: coração, cérebro, pulmão. Todas, porém, ligadas pelo apelo aos sentidos.

No planejamento atual, considera-se produção para Instagram, Podcast, Newsletter e Blog. Com uma pluralidade de atuação em diversas plataformas, a identidade visual se

torna ainda mais necessária para unificar a mensagem.

Assim, levando em consideração o caráter constantemente mutável da memória, acreditamos ser possível explorá-la junto ao público através do sensível: o afeto, a nostalgia, a saudade e o diálogo como elementos estruturantes desse movimento de construção e desconstrução das nossas memórias e identidades, particular e coletiva.



Fig. 01: Estudo do padrão gráfico inspirado no granilite. Fonte: Acervo da equipe, elaborado por Reiniger (2020).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ababelado Mundo. O futuro da nostalgia. 2016. Disponível em: <<https://medium.com/@ababeladomundo/o-futuro-da-nostalgia-25fee8d8f302>> Acesso em 21 de agosto de 2019.

AGÊNCIA ESTADO. " 'Meia-noite em Paris' desfaz ilusão sobre o passado". Gazeta do Povo. 16 de junho de 2011. Caderno G. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/meia-noite-em-paris-desfaz-ilusao-sobre-o-passado-57savlxsrctsfprzds0vj9q/>> Acesso em 30 de setembro de 2020.

AMÉRICO, Solange Maria et al. Memória auditiva e desempenho em escrita de deficientes visuais. 2002.

AYTEKIN, Pinar; AYAZ, Y.Yeliz. Nostalgia in advertising: a semiotical analysis of nostalgia – themed and nonnostalgia- themed print ads. Uluslararası Sosyal Araştırmalar Dergisi /The Journal of International Social Research. vol. 11, 2018.

Bath & Body works: The Blind Exhibition. Produção: Independiente Panamá. Diretor: Pierre Rios. Video de divulgação de exposição. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=loNHnbUmvfY>>. Acesso em: 01 de setembro de 2019.

CANAL Viva é lançado no Rio. G1. 2010. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2010/05/canal-viva-e-lancado-no-rio.html>> Acesso em 30 de setembro de 2020.

CARVALHO, Richarles S.; FURLANETTO, M. M.. Memória, nostalgia e publicidade: o caso das camisas retrô de futebol. Cadernos de Semiótica Aplicada, v. 13, p. 189-225, 2015.

EDMONDS, Donald. WandaVision Looks To Capitalize On Nostalgia With Multiple TV Sitcom Connections Including Roseanne and The Brady Bunch. Fevereiro de 2020. Bounding Into Comics. Disponível em: <<https://boundingintocomics.com/2020/02/06/wandavision-looks-to-capitalize-on-nostalgia-with-multiple-tv-sitcom-connections-including-roseanne-and-the-brady-bunch/>> Acesso em 30 de setembro de 2020.

ENANO LÓPEZ, Virgi. O negócio da nostalgia. El País Brasil. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/05/eps/1551786074\\_152123.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/05/eps/1551786074_152123.html)> Acesso em 21 de agosto de 2019

FRIEDMAN, Lauren. Why Nostalgia Marketing Works So Well With Millennials, And How Your Brand Can Benefit. 2 de Agosto de 2016. Forbes. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/laurenfriedman/2016/08/02/why-nostalgia-marketing-works-so-well-with-millennials-and-how-your-brand-can-benefit/#5bc322a13636>> Acesso em 30 de setembro de 2020.

MCCORMACK, J. W. 'Stranger Things' é uma aterrorizantemente boa nostalgia dos anos 80. VICE. 29 de julho de 2016. Disponível em: <<https://www.vice.com/pt/article/mgqw4v/stranger-things-ateerrorizantemente-nostalgia-anos-80>> Acesso em 30 de setembro de 2020.

MEMORY HACKERS. Produção: Nova. Responsável: PBS. Documentário. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Y5PKXyMosvE&feature=youtu.be>>. Acesso em: 23 de agosto de 2019

MENESES, B. T. Ulpiano. Os museus e as ambiguidades da memória: a memória traumática. Conf. 10o. Encontro Paulista de Museus – Memorial da América Latina. 2018.

MORAES, Felipe. Crítica: "Meu Malvado Favorito 3" usa nostalgia para renovar vilões. Metropoles.com. 29 de junho de 2017. Cinema Entretenimento. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/entretenimento/cinema/critica-meu-malvado-favorito-3-usa-nostalgia-para-renovar-viloes?amp>> Acesso em 30 de setembro de 2020.

NASCIMENTO, A. R. A.; MENANDRO, P. R. M. Memória Social e Saudade: especificidades e possibilidades de articulação na análise psicossocial de recordações. Memorandum (Belo Horizonte), v. 8, p. 5-19, 2005.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Revista Estudos Históricos, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

RIBEIRO, G.A.P. Mercado da nostalgia e narrativas audiovisuais. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Brasília, v.21, n.3, p. set/dez. 2018.

SÁ, C. P. Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. Psicologia : reflexão e crítica, vol. 2, n. 20, p. 290 - 295, 2007.

SANTOS, S. M. O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado. CADERNOS DE SOCIOMUSEOLOGIA, vol. 19, n. 19, p. 121-150, 2002.

SELIGMANN-SILVA, M. A escritura da memória: mostrar palavras e narrar imagens. Remate de Males, v. 26, n. 1, p. 31-45, 12 nov. 2012.

SOUZA, Jantsch Mariana. A memória como matéria prima para uma identidade: apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade. Revista Graphos, vol. 16, nº 1, p. 91 – 117 2014.

REINIGER, N. C. Estudo do padrão gráfico inspirado no granilite. 2020. Acervo da equipe.

UNIVERSITY OF SOUTHAMPTON. Back to the future: nostalgia increases optimism. 2013. Disponível em: <<https://www.southampton.ac.uk/news/2013/11/13-nostalgia-increases-optimism.page>> Acesso em 30 de setembro de 2020.

# TODAS MULHERES DO MUNDO

Camila Maltarollo<sup>1</sup>

Marcelle Martins<sup>2</sup>

Paula Costelha<sup>3</sup>

Paula Jannuzzi<sup>4</sup>

Em seu recente curso, *Escrever sem medo*, Janaína Viscardi disse que o processo de escrita é individual. No entanto, o texto se torna público após compartilhado. Assustador é o adjetivo no qual melhor enquadramos o ato de tornar nossas experiências, por mais ficcionais que sejam, em objeto de observação. E liberdade é o estado que acompanha o trajeto de dar as mãos a pessoas com as mesmas aspirações, dores, medos e em processos parecidos. É reconfortante saber que não estamos sozinhas (a partir deste ponto, optamos por utilizar o gênero feminino. Porém, nos referimos a quaisquer pessoas que estejam lendo este texto - binárias e não binárias).

Quando os poros transbordam o sentir, os olhos despertam epifanias e os corações batem no mesmo ritmo que um pôr do sol, escrevemos. Quando queremos esvaziar os baús das dores e estancar as feridas, escrevemos. Escrevíamos em bilhetes para nós mesmas, em cadernos ou em blogs tímidos. Depois, começamos a compartilhar em nossas redes sociais pessoais, nossos diários digitais. Até que decidimos dar uma casa com cama quentinha e vista panorâmica aos nossos textos. Juntamos a pilha de folhas soltas e, quando vimos: *Todas Mulheres do Mundo* @todasmulheresdomundo.

---

1 Designer. mkp.camila@gmail.com

2 Jornalista. malcelle@gmail.com

3 Professora de Português e Inglês costelha.paula@gmail.com

4 Publicitária e professora de Inglês jannuzzi.paula@gmail.com

Nossa página é um ziguezague de possibilidades. Nela, compartilhamos para nos salvarmos do desamparo e da solidão, ao mesmo tempo que fazemos companhia às nossas leitoras. Juntas na dor e no ardor da vida. Nosso coletivo surgiu do anseio de duas amigas em compartilhar com outras mulheres o que quer que seja necessário para diminuir distâncias. Somos todas mulheres do mundo, estamos unidas por esse fio invisível que nos une e nos torna quem somos.

Já passamos por mudanças de identidade visual e agregamos novas integrantes. No entanto, mantemos intacto o propósito: buscar reconhecimento no que quer que nos conecte umas às outras através dos escritos. Que possamos nos enxergar em um emaranhado de palavras juntadas com a expressão sentida. Pode ser autoconhecimento, avaliação ou um lampejo de nitidez individual.

Promovemos interação e queremos ser todas vozes a serem ouvidas, cheias de coisas a dizer. Vez ou outra convidamos outras mulheres a partilharem sua literatura em nossa casa, dando voz a *Todas*, sem serem somente as nossas vozes a ecoar.

As adições ao grupo aconteceram de forma natural. Paula Jannuzzi *@jannuzziando* e Marcelle Martins *@malcelle*, co-fundadoras do *Todas*, viram em Paula Costelha *@paulacostelha* uma vontade de expressar através da escrita seus sentimentos e convidaram-na para integrar o grupo. A Paula topou prontamente e, desde então, elas administram a página juntas. A mais recente e última adição ao grupo foi Camila Maltarollo, *@navemoim* que chegou para integrar a equipe com seus textos reflexivos, cheios de ironia e humor sobre situações diárias ou passadas. Além disso, é a Camila que assina a nova roupagem do *Todas*.

A partir desse momento, somos um time de quatro mulheres, literalmente do Mundo, que juntas almejam dar voz a tantas outras Paulas, Marcelles e Camilas.

A inspiração para o nome vem da canção *Todas as mulheres do mundo*, de Rita Lee:

Mães assassinas, filhas de Maria  
Polícias femininas, nazijudias  
Gatas gatunas, kengas no cio  
Esposas drogadas, tadinhas, mal pagas  
Elas querem é poder!

## AFEMIA

epígrafe ao fim do mundo como o conhecemos. trabalho de decomposição das palavras-monumentos ainda que/pois sem memória, dependentes da escrita de uma história (e sua temporalidade) que se encerra em meu corpo. abandono da experiência normatizada e objetivada pelo discurso ao encarnar sensibilidades entrópicas, não-localizadas. afemia é a perda da memória para palavras, um distúrbio da linguagem no qual se sabe o que quer ser expressado, mas não como ser dito.

## MORANI

nascido em Nilópolis, trabalho e resido na cidade do Rio de Janeiro. debruço-me sobre o intento de refigurar o lugar da negridade não mais como espaço de alteridade ou identidade/diferença cultural entendido pelos parâmetros do sujeito moderno ocidental, mas compreendê-la como epistemologias e impossibilidades criativas autônomas e polifônicas. trabalho como artista, pesquisador, educador, etc; entre formações institucionais, estudei História da Arte pela EBA/UFRJ, passei pela Escola Livre de Artes da Maré, Capacete, Intervalo Fórum de Arte Bahia; participei de exposições coletivas no Brasil e em outros países.



**DEP**

**O**

**I**

**MENT**

**OS**

# BREVE RELATO SOBRE A REVISTA DESVIO

Enquanto escrevo esse texto, lembro dos meus anos de graduação, na Escola de Belas Artes, onde vi surgir a Revista Desvio, ainda em 2016. Vivíamos – como vivemos agora ainda mais – tempos difíceis: a presidente Dilma Rousseff sofria um golpe político, assistíamos ao vice-presidente aceder ao seu cargo de forma inconstitucional e presenciávamos as consequências do incêndio no edifício de nossa faculdade. Nossa biblioteca fora destruída, nossas salas queimadas e nossos ateliês interditados. Fomos realojados e fragmentados.

Foi nesse cenário que vimos a Desvio sendo criada como um lugar que poderíamos ocupar – uma ferramenta de espaço, diálogo, contato, exposição. Desde 2017, participei de três eventos promovidos pela Revista Desvio, com suas respectivas publicações e catálogos e integrei outras quatro publicações<sup>1</sup>. Em 2017 e 2018, o PEGA I e II (Primeiro encontro de Graduações em Artes do Estado do Rio de Janeiro)<sup>2</sup> foram eventos notáveis entre os estudantes de graduação e pós-graduação no Rio de Janeiro. Ali pudemos conhecer os trabalhos dos artistas da nossa geração, saber o que estávamos pensando enquanto grupo universitário e entender que tínhamos um lugar afetivo de coletividade enquanto artistas e historiadores emergentes. O PEGA nos dava a possibilidade, principalmente, de expor sem medo ou desconfiança. Os resultados foram panoramas importantes da produção dos quatro cursos de artes do Estado<sup>3</sup>. Até então, tínhamos poucas chances de expor, com aparato institucional, a produção conjunta estudantil – da parte da UFRJ, tínhamos a Bienal da EBA a cada dois anos e, mais tarde, o Ateliê Aberto promovido pelo curso de Artes Visuais/Escultura, mas ainda com restrição à própria universidade.

Para além de todas as funções de uma revista que promove arte contemporânea – em um momento de perseguição e boicote ao campo da arte – a Desvio exerce amparo fundamental aos jovens artistas do Rio de Janeiro. Palco para experimentarmos novos formatos de textos e trabalhos e colocarmos em perspectiva nossas produções: há de haver espaço para o pensamento fresco.

**MÔNICA COSTER,** 24/04/2020.

- 1** **Faça você mesm\_** (em coautoria com amauri), Revista Desvio, caderno especial, ed. 8, v. 5, n. 8;  
**Onde o pensamento circula: entrevista com Mayana Redin, Revista Desvio**, ed. 4, p. 23. Link: <https://revistadesvio.com/2018/05/12/edicao-4/>;  
**Página dupla** Revista Desvio, ed. 4, p. 99 Link: <https://revistadesvio.com/2018/05/12/edicao-4/>;  
**Aqui**, Matéria sobre exposição realizada no Centro Cultural LI-GHT, 2018. Link: <https://revistadesvio.com/2018/04/03/aqui/>;  
**Cartas ao meu desejo**. Seminário Metodologias artísticas, Centro Municipal de Arte Helio Oiticica, Rio de Janeiro. Link: <https://revistadesvioblog.files.wordpress.com/2019/07/monica-coster.pdf>;  
**Catálogo: I PEGA:** <https://revistadesvio.com/2017/11/11/edicao-3/> **II PEGA:** <https://revistadesvio.com/2019/06/01/edicao-especial-ii-pega/>

- 2** As primeiras duas edições do PEGA aconteceram no Centro Municipal de Arte Helio Oiticica. Em 2019, tive o prazer de ver estudantes que cursaram a disciplina que ofereci no curso de graduação em Artes da UFF participarem como artistas e curadores do III PEGA, que aconteceu no Centro Cultural Phábrika.

- 3** Integravam o PEGA estudantes da UFRJ, UFF, UERJ e UFRRJ.



É interessante perceber o ritmo de crescimento e a tomada de espaço e importância da revista desvio no cenário de arte e sociologia. Me refiro à arte e sociologia porque acredito que enquanto núcleos de estudo, a arte contemporânea e a sociologia caminham lado a lado, uma vez que, enquanto artistas, estamos a todo momento produzindo trabalhos que partem de nossa vivência e da forma como as estruturas sociais são colocadas. Tanto no cenário acadêmico quanto de análise de mercado de arte, a revista se propõe a acompanhar e gerar arquivo sobre a produção de artistas principalmente jovens, que seguem em pesquisas que falam sobre o atravessamento do tempo presente. Pensando a recente pulsão de tomada de narrativa por pessoas de realidade dissidente, é urgente uma revista de ampla abertura como a desvio se propõe a ser, com seus colunistas tendo autonomia de criação, afirmando a confiança da direção da revista nos pensadores que participam das edições.

Posso afirmar que vi de perto o crescimento da força coletiva que é a Desvio, tendo participado do I Primeiro Encontro de Graduação em Artes (PEGA), primeiro evento proposto pela revista e posteriormente do II e III PEGA, todos a partir de editais que foram abertos para a sociedade artística e contavam com encontros também abertos para eliminação de dúvidas e até mesmo instruções de preenchimento do edital que lançou os eventos. No II Pega, a revista lançou uma premiação para os artistas participantes e, como desdobramento do prêmio, foi organizado o Artes Aquáticas, encontro cultural que aconteceu em Queimados, na baixada do RJ, em diversas linguagens: O evento totalmente gratuito contava com hip hop, roda de samba, exposição de artes visuais e ainda banho de piscina liberado para a comunidade, numa parceria com o Centro Esportivo e Educacional Golfinhos da Baixada. Projetos como os da Revista Desvio incentivam a escrita de artista, portanto a autonomia sobre a própria produção e a visibilidade de discurso. Na 5ª edição

da revista participei com meu primeiro texto publicado, possibilitado por uma chamada aberta que a revista lançou em suas redes sociais anteriormente à edição.

Neste sentido, além de ser todo aprendizado que troquei com os integrantes da revista nos últimos anos, a atual difusão via plataforma online com pessoas que falam legitimamente desde sua produção, faz com que a revista tenha se tornado referência na produção do pensamento coletivo do fazer artístico. O processo é democrático uma vez que muitas vozes conseguem se expressar por ali e atingir um nível de credibilidade que sempre esteve restrito a nichos muito específicos, por hora distantes da produção de base e contemporânea. Revista se articula para além da plataforma *online*, aumentando o alcance de estudos de arte e sociologia e promovendo encontros entre pessoas interessadas neste diálogo de produção. Neste sentido, além de ser muito grata por todo aprendizado que troquei com os integrantes da revista nos últimos anos, afirmo a importância da Desvio na cena contemporânea.



## CAMILLA BRAGA

Artista Contemporânea

<http://cargocollective.com/CamillaBraga/CV>

"Participei como colunista da coluna Crítica Semanal da Revista Desvio de meados de 2018 a fevereiro de 2019. Foram mais de 6 meses de aprendizado, de escrita, leitura e partilha sobre arte, filosofia e política. Neste período pude compreender os desdobramentos da cena artística e conhecer artistas e suas produções. Hoje, no doutorado em artes visuais na Universidade de Brasília, percebo a importância de Revistas como a Desvio que possuem como objetivo incentivar a produção artística e teórica de estudantes".

## MAYÃ FERNANDES

Doutoranda em Artes Visuais pela UnB (2019), mestra em Metafísica pela mesma Universidade (2018), com estágio de pesquisa na UBA (Buenos Aires/ARG) e graduada em Filosofia pela UnB (2016).

É comum ouvirmos reclamações quanto à situação da crítica de arte no Brasil: lamentações acerca de um suposto hermetismo dos textos, o caráter comercial e a roupagem de “press release disfarçado” no âmbito dos veículos estabelecidos, a dificuldade de difundir reflexões mais profundas e a ausência de debate. É neste contexto que o meu desejo de produzir e pesquisar, além da constatação sobre uma cena alternativa produtiva e engajada, se cruzou com a primeira seleção de jovens críticos da Revista Desvio. Minha experiência com a revista a partir de então foi intensa, no sentido de me organizar frente a uma periodicidade de escrita e às visitas constantes à exposições muito diferentes, somado ao aprendizado sobre a relação com artistas, galerias e instituições. Permaneci colaborando com a revista durante um ano e foi essa experiência que me encorajou a finalmente ingressar no mestrado em História e Crítica da Arte e, sobretudo, a propor discussões sobre a produção de arte que me é contemporânea no maior número de espaços possíveis. O desenvolvimento e a manutenção da Revista Desvio é uma proposta de enfrentamento aos clichês que enumerei no começo deste depoimento. Ao se constituir como iniciativa totalmente aberta, sem censura e sem hierarquia, visando sempre ampliar e diversificar seu corpo de colaboradores, a Desvio se constitui como veículo disruptivo e necessário, sobretudo no atual contexto que vivenciamos no país: crise e crítica são um binômio de poder em tempos como este.

**LUDMILA FONSECA**

# COMENTÁRIOS SOBRE UMA RELAÇÃO EXPANDIDA

Comecei a escrever para a Revista DESVIO em 2019. Porém, já tínhamos uma relação, mais tímida e anônima, anterior ao meu ingresso na coluna crítica. Eu era leitora.

Como leitora, me sentia atraída não só pelo conteúdo gerado pela revista, mas também pelo fato de ser uma iniciativa independente conformada, principalmente, por estudantes. Além de tudo, havia algo na escrita que me gerava identificação. A DESVIO sempre realizou chamadas abertas, tanto para a publicação de artigos na revista semestral, quanto para a participação na coluna crítica. Vejo essa prática como uma grande oportunidade para aqueles que estão começando tanto na escrita acadêmica, quanto na escrita crítica. Afinal, foi uma dessas chamadas que me permitiu ingressar na coluna da revista.

Como graduanda em História da Arte e Curadoria, eu me encontrei em uma situação, na qual muitos tendem a estar, onde é evidente a dificuldade em encontrar um espaço para publicar (e/ou ocupar) estando na etapa da graduação. A Revista DESVIO preencheu justamente essa lacuna. Com a sua proposta de um espaço aberto para estudantes, encontrei um lugar não só onde publicar trabalhos ou resenhas realizadas na universidade, mas também onde escrever de forma regular e sob minha própria seleção do conteúdo.

Como vivo e estudo fora do Brasil, a DESVIO, afortunadamente, terminou sendo um espaço de diálogo com o meu país. Esse reencontro permitiu-me não só estar ativa em relação ao cenário brasileiro, mas também estabelecer interlocuções entre lá e cá. Além disto, voltar a escrever no meu idioma materno foi um fator extremamente importante para a minha formação.

Outro fator que estimo na DESVIO é a sua interdisciplinaridade. Ao incorporar estudantes e escritores independentes de diferentes áreas para atuar na revista, se constituiu um espaço diverso onde diferentes temáticas e pontos de vista são compartilhados, sempre girando ao redor dos seus três eixos principais: arte, memória e patrimônio.

Por fim, vejo a minha colaboração com a DESVIO como algo frutífero e, em certo ponto, fundamental para a minha formação. Além de publicar regularmente, me permitiu revisar as minhas posturas (inclusive, através da leitura de outras colunas) e acompanhar as mudanças na minha escrita. Nessa relação, antes introvertida e que hoje implica compromissos e desafios, tudo que é dado é recebido de volta. Uma relação que se expandiu envolvendo aprendizagem, crescimento e abrindo novos caminhos.

**Vida longa à DESVIO!**

## **VANESSA R. TANGERINI**

estudou Artes Cênicas, com habilitação em Indumentária, na UFRJ e atualmente está graduando-se em Curadoria e História das Artes na UMSA em Buenos Aires.



Minha relação com a Desvio iniciou com o surgimento da proposta de criação da revista em uma discussão no grupo do Facebook vinculado ao curso de graduação em História da Arte da EBA-UFRJ, do qual eu fazia parte, ainda no terceiro período. O curso de História da Arte é caracterizado por um grande volume de produção de textos, uma vez que este é o principal método de avaliação das disciplinas, e me impressionava bastante a qualidade dos textos de meus colegas, assim como me animava observar a evolução da minha escrita. Os estudantes de História da Arte sempre foram muito criativos e engajados politicamente, o que culmina em temas de pesquisa bastante inovadores, sobretudo aos olhos de um estudante em início de curso. Devido a essas circunstâncias, já havia em mim um desejo grande de fazer nossa produção circular, e isso chegou a ser assunto em conversas informais com colegas de turma. Quando surgiu a oportunidade real de desenvolver uma publicação, não hesitei em participar.

Sempre achei a Desvio bastante inovadora, por ser um periódico conduzido por graduandos para graduandos. Desde o início, o projeto foi conduzido com bastante seriedade e houve um longo processo até que a revista finalmente fosse lançada. Tivemos diversas reuniões durante esse período, com entrada e saída de membros da equipe, e uma das minhas funções nesse momento foi o desenvolvimento da identidade visual. Foi unânime a decisão de que nossa cor seria o vermelho. Minhas inspirações para a criação do logotipo da revista, e mais tarde para a capa da primeira edição, foram o construtivismo russo e a arte concreta brasileira.

Estive na Desvio até a terceira edição, quando precisei seguir novos rumos devido ao mestrado que eu havia iniciado e a novos trabalhos que surgiram. Antes disso, presenciei um importante passo dado pela revista, que foi o 1º PEGA. Naquele momento a Desvio já se consolidava, mais pessoas estavam bus-

cando a revista para publicar seus textos e nosso trabalho se expandia com esse novo projeto. Assim como a revista significou a abertura de portas para quem desejava publicar seu primeiro texto, o PEGA ofereceu a oportunidade para jovens artistas e estudantes exporem seus trabalhos em um lugar de grande visibilidade, o Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, e também foi uma chance para jovens curadores realizarem seu primeiro trabalho nesse campo. Particpei da concepção do projeto do PEGA, que foi incrível por conseguir reunir representantes de todas as universidades de artes do Rio de Janeiro, e fui um dos curadores da exposição, cuja produção se deu de forma horizontal, colaborativa e com grande respeito às obras dos artistas.

Após minha saída, ainda estive junto à equipe na curadoria da exposição Junho de 2013 – 5 anos depois. Considero essa mostra, assim como o seminário que ocorreu paralelamente, um dos projetos mais grandiosos da Desvio, pois ela colaborou com a produção de memória sobre uma série de eventos de extrema importância para a história recente do Brasil, cujas consequências nos afetam até hoje. Além disso, a exposição reuniu diferentes gerações de artistas, colocando lado a lado aqueles em início de trajetória com outros já consolidados no circuito nacional. Dessa maneira, a revista expandiu suas parcerias e afirmou sua relevância para além do cenário acadêmico.

Mesmo não fazendo mais parte da equipe, tenho acompanhado o crescimento da Desvio e sinto muito orgulho do que ela se tornou. Ver o atual alcance da revista e a quantidade de pessoas que ela consegue mobilizar, me deixa honrado de ter feito parte da construção desse projeto.

**THIAGO FERNANDES**

DES<IO

A

I

R

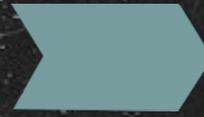
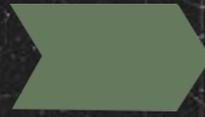
Ó

T

E

J

A



R

T

# PESSOAS QUE FAZEM PARTE DA HISTÓRIA DA DESVIO

**Agrippina R. Manhattan, Alexsandro Bandeira, Alice Alfinito, Alice Ferraro, Alice Garambone, Amanda Tavares, Ana Elisa Azevedo, Ana Noronha, Bárbara de Andrade, Carine Caz, Carolina Alves, Cecilia Ojeda, Clarisse Gonçalves, Daniele Machado, Daylane Marinho, Emmanuele Russel, Fabrice Guimarães, Fernanda Correa, Fernando Rodrigues, Gabriel Vieira, Gabriela Lúcio, Gabriela Mazza, Isadora Romantini, João Paulo Ovidio, Juliana Sutil, Laura Pinheiro da Cunha, Lenes Alves, Lucas Alberto, Luciana Souza, Luiza Amaral, Maiza C. França, Marcela Tavares, Natalia Candido, Paula Peregrina, Pedro Rangel, Priscila Medeiros, Rosangela Pertile, Tales Frey, Thiago Fernandes, Vitor Martins.**

## TAMBÉM AGRADECEMOS A TODOS QUE COLABORARAM COMO PARECERISTAS

**Beatriz Gondim, Carolina Rodrigues de Lima, Felipe Amancio Braga, Gabriela da Silva Mendes, Gabrielle Nascimento Batista, Rafael Amorim, Thiago Grisolia Fernandes, Vitor Brito.**

## E AOS CRÍTICOS DE ARTE

**Andressa Rocha, Camila Vieira, Candé, Carolina Lopes, Clara Machado, Daniela Avellar, Daniel Levy de Alvarenga, Daniele Machado, Gabriela Manfredini, Gabriel Fampa, Juliana Cunha, Ludimilla Fonseca, Luiz Guilherme Barbosa, Mayã Fernandes, Mônica Coster, Ombela Assumpção, Ton Almeida, Pietro de Biase, Vanessa Tangerini.**

# ARTISTAS QUE FAZEM PARTE DA HISTÓRIA DA DESVIO

Ad Costa, **Agrippina R. Manhattan**, Alan Muniz, **Aleta Valente**, Alex Frechette, **Alexandre Paes**, Alice Ferraro, **Aline Beatriz**, Aline Chagas, **Aline Meira**, Almeida da Silva, **Amador e Jr. Segurança Patrimonial Ltda.**, amauri, **Ana Almeida**, Ana Alves, **Ana Bia**, Ana Hortides, **Ana Klaus**, Ana Schaefer, Analu Zimmer, **André Vargas**, Andréa Hygino, **Andréa Nasci**, Andrew Moreira, **Andreza Jorge**, Anna Corina, **Anna Janot**, Antônio Amador, **Atelier Sanitário**, Barbara Bandini, **Bárbara da Paz**, Barbara Szaniecki, **Beatriz Garcia**, Beatriz Lohana, **Brenda Cristina**, Bruna Mendez-Franco, **Bruno Portella**, Camilla Braga, **Carine Caz**, Carla Santana, **Carolina Soares**, Cecilia Cipriano, **Clara Machado**, Clara Mayall, **Clarice Saisse**, Claudia TS, **Coletivo Egéria**, Coletivo Seus Putos, **Conativo**, Crislaine Tavares, **Cyanogaster Noctivaga**, Daniel de Freitas, **Daniele Noronha**, Davi Marcos, **Deborah Núñez**, Diego Guevara, **Dom Avellino**, Dora Romantini, **Elisa Castro**, Ella Franz Rafa, **Emilia Estrada**, Estefânia Young, **Fátima Aguiar**, Fel Barros, **Fernanda Nicolini**, Fernando Rodrigues, **Flora Bulcão**, Gabriel Caetano, **Gabriel Fampa**, Gabriela Kiuma, **Gabriella Marinho**, Glauce Pimenta Rosa, **Graziela Kunsch**, Guga Ferraz, Guido Lamim, **Guilherme Kid**, Guilherme do Amaral Gurgel, **Guilherme Tarini**, Gunga Guerra, **Gustavo Speridião**, Helô Sanvoy, **Ian Sant'anna**, Isabelle Cesário, **Isadora Almeida**, Isadora Aventureira, **Ivan Grilo**, J. Medeiros, **Jamile Ratter**, Jandir Jr, **Jean Carlos Azuos**, Jefferson Medeiros, **Jessica Guia**, Jessica Kloosterman, **Jessica Louzada**, José Lucas Dutra, **Ju Moraes**, Julia Machado, **Julia Moraes Peredo**, Júlia Ribeiro, **Júlia Vita**, Juliana Notari, **Juliana Sutil**, Juliana Trajano de Souza, **Kali Ôza**, Kimera, **Laiza Ferreira**, Laura Vainer, **Leandro Vieira**, Léo Silva, **Leonardo Falcão**, Leyda Torquato, **Luana Aguiar**, Luana Santoro, **Luana Xavier**, Lucas Araújo, **Lucas Evangelista**, Lucas Simpli, **Luís Augusto**, Luisa Marinho, **Luiz Baltar**, Luiza Oliveira, **Lynn Court**, M.I.A, Manoel Oliveira, **Marcela Cantuária**, Márcia Falcão, **Marcus**, Maressa Andrioli, **Maria Fernandes**, Maria Novaes, **Mariana Maia**, Mariana Mitic, **Mariana Paraizo**, Mariana Rocha, **Marina Florindo**, Marina Jerusalinsky, **Mateus A. Kruxtx**, **Matheus de Simone**, Matheus Xavier, **Matheusa Passareli**, Michelle Macedo, Mônica Coster, **Mulambö**, Natali Carvalho, **Nathalia Matsuda**, Nathan Braga, **Nicolle Crys**, Núbia Mobo, **Pablo Meijueiro**, Patrícia Gonçalves, **Paula Isabelle**, Pedra Ambrosoli, **Pedro Lacerda**, Pedro Pessanha, **Philippe Valentim**, Rafael Amorim, **Rafael dos Santos**, Rafael Silva Lima, **Rafaela Rocha**, Rebeca Souza, Renan Henrique Carvalho, **Renata Sampaio**, Rio, **Robnei Bonifácio**, Rodrigo Pinheiro, **Rona**, Rustenico, **Ryan Hermogenio**, Sabrina Castro, **SEMA**, Silvia Schiavone, **Simonne Alves**, Sy Gomes Barbosa, **Talita Nascimento**, Tavares, **Thaina Iná**, Thiago Ortiz, **Thiago Saraiva**, Tom Almeida, **Verônica Vaz**, Victor Marcelo, **Victor Oliveira**, Vitor Canhamaque, **Vô Pixa Pelada**, William Araujo, **Xilopretura**, Yago Toscano, **Yaya**, Yhuri Cruz, **Yuri Dias**, Zex Xiz.

## 1ª Edição

### Membros

Daniele Machado  
Gabriela Lúcio  
Thiago Fernandes  
Priscila Medeiros  
João Paulo Ovídio

### Artigos

Liliane Alfonso Pereira de Carvalho  
Thiago Spindola Motta Fernandes

### Caderno Especial

Angélica Arcasi  
Simone Ricco  
Samuel Lima  
Ellen Mendonça Silva dos Santos  
Gabriela Lúcio  
Ana Bursztyn Miranda  
Daniele Machado  
Nadine Borges

### Entrevistados

Izabela Pucu  
Luiz Guilherme Vergara

### Entrevistadores

João Paulo Ovidio e Daniele Machado  
João Paulo Ovidio e  
Priscila Medeiros de Oliveira

### Crítica

João Paulo Ovidio  
Priscila Medeiros de Oliveira

### Colunista Convidada

Rogéria de Ipanema

## 2ª Edição

### Membros

Daniele Machado  
Gabriela Lúcio  
Thiago Fernandes  
João Paulo Ovídio  
Maíza C. França

### Caderno Especial

Daniele Machado  
João Paulo Ovidio  
Thiago Fernandes  
Gabriela Lúcio de Sousa  
Patricia Riggo Cordeiro  
Maria Cristina Volpi  
Maíza C. França

### Crítica

Thiago Spindola Motta Fernandes  
Pedro Ambrosoli

### Artigos e ensaios

Bárbara de Andrade  
Camila Medina  
Amanda Bueno Villar Inocencio Costa  
Tadeu Ribeiro  
Adalgiso Pereira de Souza Jr  
Vitor Brito  
Cintia Gameiro  
Clarice Saisse  
Débora Poncio  
Mayara de Assis  
Gabrielle Nascimento



**3ª Edição**

# Caderno Especial - PEGA

## **Membros**

Daniele Machado  
Gabriela Lúcio  
Thiago Fernandes  
Agrippina Manhattan  
João Paulo Ovidio  
Marcela Tavares  
Ana Noronha  
Carolina Alves  
Rosangela Pertile  
Bárbara de Andrade  
Fernando Rodrigues

## **Colaboradores**

Agrippina R. Manhattan  
Ana Noronha  
Bárbara de Andrade  
Carolina Alvés  
Fernando Rodrigues  
Marcela Tavares  
Rosangela Pertile

## **Curadores**

Ana Noronha  
Ana Pimenta  
Daniele Machado  
Felipe Amancio  
Pedro Pessanha  
Thiago Fernandes

## **Artigos**

Adriana Fernandes  
Ananda Muylaert  
Andreza Jorge  
Agrippina R. Manhattan  
Carlaile Souza  
Daniela Cassinelli  
Diego Franco  
Felipe Amancio  
Leonardo Antan  
Luiz Henrique Duarte  
Maria Madeira  
Maria Elena Venero Ugarte  
Luana Aguiar  
Maria Van Camp  
Silvia Cordeiro

## **Proposta livre**

Fernando Rodrigues  
Jandir Jr.  
Thiago Fernandes



## 4ª Edição

### **Membros**

João Paulo Ovídio  
Marcela Tavares  
Daniele Machado  
Gabriela Lúcio  
Carine Caz

### **Colaboradora Voluntária**

Barbara de Andrade

### **Críticas**

João Paulo Ovidio

### **Entrevistado**

Mayana Redin

### **Entrevistadores**

Beatriz Lopes  
Márcio Ariosto  
Mariana Paraizo  
Mônica Coster Ponte  
Thiago Fernanades

### **Caderno especial**

Sigrid Beatriz Varanis Ortega  
Mikhaila Copello  
Vanessa Ribeiro Amorim  
Natalia Candido  
Gabriela Lúcio de Sousa  
Mariana Maia  
Thais Canfield  
Cezar Bartholomeu  
Juliana Sabatino  
Thainá Nunes Vieira  
Gean B. de Moraes  
Ana Renata dos Anjos Meireles  
Mayra Cristina Lopes Cortes

### **Artigo, relatos, ensaios e crítica**

Noah Mancini  
Marize Moreno  
Carolina Alves  
André Luís Maragno  
Adelma Costa  
Letícia Moreno  
Bruna Fortunato  
Vinicius Vargas

### **Artistas**

Jandir Jr  
Mônica Coster Ponte



## 5ª Edição

### **Membros**

João Paulo Ovídio  
Marcela Tavares  
Daniele Machado  
Gabriela Lúcio  
Carine Caz

### **Colaboradores Voluntários**

Ana Elisa Azevedo  
Fernanda Correa  
Lenes Alves  
Lucas Alberto  
Natalia Candido

### **Pareceristas**

Beatriz Godim  
Carolina Rodrigues de Lima  
Gabriela da Silva Mendes  
Felipe Almeida Braga  
Rafael Amorim  
Vitor Brito

### **Artigos, resenhas, ensaios e afins**

Camilla Braga  
Bia Gonçalves  
Antonio Gonzaga Amador  
Valéria Vicente Gerônimo  
Gabriela Martins André Brandão  
Palmeira dos Índios/AL de Aline de Freitas  
Lemos Paranhos  
Andresa Carvalho Lopes Pires  
Pedro Carceceri  
Claudio Fortuna  
Matheus Monteiro  
Rennan Carmo  
Eumara Maciel dos Santos  
Danielle Mansur  
Marcela Tavares  
Lucas Almeida de Melo  
Anna Carolina Eckhardt de Medeiros Rodrigues  
Brito de Victor Muniz

### **Artistas**

Laiza Ferreira  
J. Medeiros  
Matheus de Simone

# Edição Especial II PEGA

## Membros

João Paulo Ovídio  
Marcela Tavares  
Daniele Machado  
Gabriela Lúcio  
Carine Caz

## Colaboradores Voluntários

Ana Elisa Azevedo  
Fernanda Correa  
Lenes Alves  
Lucas Alberto  
Natalia Candido

## Texto curatorial

Agrippina R. Manhattan  
Camila Vieira  
Gabriel Fampa  
Lucas Alberto  
Natalia Candido  
Thatiana Napolitano

## Artigos

Anna Carolina Eckhardt  
Laura Ludwig Alves  
Carolina Rodrigues de Lima  
Fellipe Amorim  
João Gabriel Cunha  
Rafael SilvaStephane Chagas

## Exposição

Camilla Braga  
Fátima Aguiar  
Fernanda Nicolini  
Jessica Guia  
Júlia Ribeiro  
Kali Ôza  
SEMA  
Yuri Dias  
Aline Chagas  
Bruno Portella  
Carla Santana  
Crislaine Tavares  
Ian Sant'anna  
Mulambö  
Rafael Amorim  
Ana Almeida  
Cyanogaster Noctivaga  
Diego Guevara  
Ella Frranz Rafa  
Leonardo Falcão  
Nelson Almeida  
Rustenico  
William Araujo  
Amauri  
Bárbara Bandini  
Isabelle Cesário  
Júlia França  
Mirna Machado  
Mozileide Neri  
Pedro Pessanha  
Rodrigo Pinheiro  
Alice Ferraro  
Matheusa Passareli  
Aline Beatriz  
Ana Klaus  
Clara Machado  
Jessica Louzada  
Luana Santoro  
Mônica Coster  
Nathan Braga  
Beatriz Lohana  
Guido Lamin  
Jessica Kloosterman  
Michelle Macedo  
Patrícia Gonçalves  
Rafaela Rocha  
Verônica Vaz  
Yago Toscano  
Yasmin Ferreira



# Seminário Metodologias

## **Membros**

João Paulo Ovídio  
Marcela Tavares  
Daniele Machado  
Gabriela Lúcio  
Carine Caz

## **Colaboradores Voluntários**

Ana Elisa Azevedo  
Fernanda Correa  
Lenes Alves  
Lucas Alberto  
Natalia Candido

## **Exposição**

Alice Ferraro  
Carine Caz  
Deborah Núñez  
Juliana Morais

## **Artigo, ensaios e afins**

Amanda Tavares  
Danielle Novais  
Jandir Jr.  
Mônica Coster Ponde  
Rodrigo Pinheiro  
João Paulo Ovidio  
Thatiana Napolitano  
Thiago Fernandes  
Carolina Rodrigues  
Gabriela Lúcio de Souza  
MV Hemp  
Natalia Nichols  
Dinah de Oliveira  
Elisa Castro  
Odencio Junior  
Tania Queiroz

# 6ª Edição

## Membros

João Paulo Ovidio  
Marcela Tavares  
Daniele Machado  
Gabriela Lúcio  
Carine Caz  
Ana Elisa Azevedo

## Colaboradores Voluntários

Fernanda Correa  
Lenes Alves  
Gabriel Vieira  
Natalia Candido  
Pedro Rangel  
Alice Ferraro  
Amanda Tavares  
Clarisse Gonçalves  
Daylane Marinho  
Emmanuele Russel  
Fabrice Guimarães  
Isadora Romantini  
Juliana Sutil  
Luciana Souza  
Luiza Amaral  
Vitor Martins

## Pareceristas

Gabrielle Nascimento Batista  
Thiago Grisolia Fernandes

## Artistas

Felipe Barros  
Maressa Andrioli

## Artigos

Yhuri Cruz  
Beatriz Rauscher  
Joyce Delfim  
Victor Marcelo  
Letícia Moreno  
Ana Paula da Conceição  
Marcus Gonzales  
Cândida Maria B. C. A. Rodrigues  
Thamires Burlandy da Mota Chagas  
Tadeu Ribeiro  
Aline Alessandra Zimmer da Paz Pereira  
Guilherme do Amaral Gurgel

## Ensaio, resenhas e afins

André Pitol  
Marcus Lemos  
Marcela Tavares  
Glauce Pimenta Rosa  
Márcia Falcão  
Carolina Rodrigues  
Fernanda Correa  
Roberta Calábria  
Mardejan França  
Mahyrah Alves  
Roberta Barros  
Kika Motta  
Cecilia Cavaliere  
Kelly San  
Gaabriela Moura  
Ana Kacurin  
Anne Brumana  
Gabi Domingues  
Isabel Svoboda  
Sula Freire  
Carolina Rodrigues  
João Paulo Ovidio



## 7ª Edição

### **Membros**

João Paulo Ovidio  
Marcela Tavares  
Gabriela Lúcio  
Ana Elisa Azevedo

### **Colaboradores Voluntários**

Lenes Alves  
Natalia Candido  
Alice Ferraro  
Amanda Tavares  
Clarisse Gonçalves  
Emmanuele Russel  
Fabrice Guimarães  
Juliana Sutil  
Luiza Amaral  
Vitor Martins

### **Artigos, ensaios e afins**

Clara Machado  
Diego Alexandre Costa de Jesus  
Letícia Carvalho  
Virna Bemvenuto  
Vitor Martins  
Paula Peregrina  
Tatiana Aragão  
Anthony Rodrigues  
Sy Gomes Barbosa  
Natali Carvalho  
Fel Barros  
Raíza Venas  
Aline Araujo  
Priscila Leonel  
Carolina Reichert  
Mirtes de Menezes Almeida  
Amanda Gatinho Teixeira

### **Artista**

Guilherme do Amaral Gurgel

# Edição Especial III PEGA

## Membros

João Paulo Ovidio  
Marcela Tavares  
Gabriela Lúcio  
Ana Elisa Azevedo

## Realização

Revista Desvio  
Centro Cultural Phábrika

## Organização e Membros

Gabriela Lúcio  
João Paulo Ovidio  
Marcelo Franco  
Mauro Barros

## Curadoria

Amauri  
Anna Carolina Eckhardt  
Clarisse G. S. Silva  
Fabricio Augusto  
Laura Ludwig  
Marcelo  
Mirna Machado

## Produção

Daylane Marinho  
Igor Affonso  
Juliana Sutil  
Laís Patrocínio  
Marcela Tavares  
Natalia Candido  
Vitor Martins

## Material gráfico/ identidade visual

Amauri

## Colaboradores Voluntários

Lenes Alves  
Natalia Candido  
Alice Ferraro  
Amanda Tavares  
Clarisse Gonçalves  
Emmanuele Russel  
Fabrice Guimarães  
Juliana Sutil  
Luiza Amaral  
Vitor Martins  
Laura Pinheiro da Cunha

## Textos Curatoriais

Amauri  
Anna Carolina Eckhardt  
Clarisse G. S. Silva  
Laura Ludwig  
Mirna Machado

## Proposta acadêmica

Clara Machado  
Mylene Godinho de Freitas  
Renato do Carmo Mendonça  
Marcela de Freitas Portilho  
Verônica de Maia Gonçalves Ignácio  
Rodrigo Ferreira e Silvana Marcelina  
Patricia Silva  
Taísa Vitória Silva  
Paula Nascimento  
Ludimilla Fonseca  
Érika Lemos Pereira  
Daniela Avellar  
Jean Carlos  
Cynthia Dias

## Artistas

Dora Romantini  
José Lucas Dutra  
Lucas Almeida  
Lucas Evangelista  
Lynn Court  
Renan Henrique Carvalho  
Ryan Hermogenito  
Ana Bia  
Guilherme Tarini  
Lucas Araújo  
Matheus Xavier  
Luiza Oliveira  
Dora Romantini  
José Lucas Dutra  
Lucas Almeida  
Lucas Evangelista  
Lynn Court  
Renan Henrique Carvalho  
Ryan Hermogenito  
Clara Mayall  
Coletivo Egéria  
Gabriel Caetano  
Mateus A. Krustx  
SEMA  
Thiago Saraiva  
Anna Corina  
Clarice Saisse  
Fel Barros  
Mariana Mitic  
Nelson Almeida  
Ana Schaefer  
Beatriz Garcia  
Daniel de Freitas  
Juliana Sutil  
Kimera  
Mariana Rocha  
Núbia Mobo



## 8ª Edição

### Membros

João Paulo Ovidio  
Marcela Tavares  
Gabriela Lúcio  
Ana Elisa Azevedo

### Colaboradores Voluntários

Alice Ferraro  
Amanda Tavares  
Clarisse Gonçalves  
Emmanuele Russel  
Fabrice Guimarães  
Luiza Amaral  
Natalia Candido  
Vitor Martins  
Laura Pinheiro  
Alexsandro Bandeira  
Alice Garambone

### Artistas

Estefânia Young  
Maria Fernandes  
Maria Novaes

### Artigos, ensaios, textos e afins

Nicolau Namó Spitale  
José Juliano Gadelha  
Victor de Oliveira Marcelo  
Raquel Mello Salimeno de Sá  
Manuela de Souza de Almeida Leite  
Beatriz Garcia  
Augusto Henrique L. da Costa  
Emanuel de Almeida  
Lorena de Paula Perassoli  
Ana Schaefer  
Renata Baltar  
Gabriel Vieira (Gabriel Blazar)

### Caderno especial

Mauro  
Mônica Coster  
Bárbara Moira  
José Lucas Dutra  
Noah Mancini  
Raphíssima

## 9ª Edição

### **Membros**

Gabriela Lúcio  
João Paulo Ovídio  
Ana Elisa Azevedo  
Alice Garambone  
Paula Peregrina  
Clarisse Gonçalves  
Emmanuele Russel  
Marcela Tavares  
Natália Candido

### **Colaboradores Voluntários**

Alexsandro Bandeira  
Alice Alfinito  
Alice Ferraro  
Amanda Tavares  
Cecilia Ojeda  
Fabrice Guimarães  
Gabriela Mazza  
Laura Pinheiro  
Luiza Amaral  
Tales Frey  
Vitor Martins

### **Artigos, textos, ensaios e afins**

Roberta Mathias e Luiz Baltar  
Richard Gomes  
Vanessa Ribeiro  
Julia Guimarães Alves e Matheus Dal Bem  
Busetto  
Lili Anjos  
Augusto Henrique da Costa e Noah Mancini  
Marcos Faria  
Alice Garambone  
Ericka Devillart  
Analia Bicalho  
MAMUTTE [Felipe Saldanha Odier]  
Ana Paula Lopes  
Rafael Amorim  
Alex Frechette  
Amauri  
Doda Paranhos  
Dori Nigro  
Gabriel Fampa

### **Artistas**

Juliana Trajano de Souza  
Gunga Guerra  
Victor Marcelo

# Edição Especial - Pluris

## Membros

Gabriela Lúcio  
João Paulo Ovídio  
Ana Elisa Azevedo  
Alice Garambone  
Paula Peregrina  
Clarisse Gonçalves  
Emmanuele Russel  
Marcela Tavares  
Natália Candido

## Colaboradores Voluntários

Alice Alfinito  
Alice Ferraro  
Amanda Tavares  
Cecilia Ojeda  
Fabrice Guimarães  
Gabriela Mazza  
Laura Pinheiro  
Luiza Amaral  
Tales Frey  
Vitor Martins

## Artigos

Alice Alfinito  
Antoneli Matos Beli Sinder  
Carol Nóbrega  
Carolina Monteiro  
Daniel Mota  
Eduardo Souza  
Fernanda Martins  
Flaviane Zanelatto  
Gabriel Martire  
Lívia Lage Abreu  
Luciana Ribeiro  
Marcela Tavares  
Maria Andréia Menezes  
Mariana Paixão  
Michelle Lima Pereira  
Tarsila Monteiro  
Gisele Litério Cáceres



# 10ª Edição

## Membros

Gabriela Lúcio  
João Paulo Ovídio  
Ana Elisa Azevedo  
Alice Garambone  
Paula Peregrina  
Clarisse Gonçalves  
Emmanuele Russel  
Marcela Tavares  
Natália Candido  
Alice Ferraro  
Laura Pinheiro

## Colaboradores Voluntários

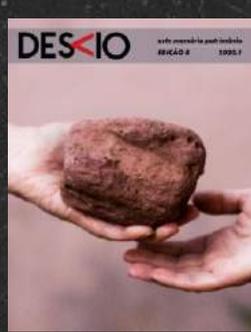
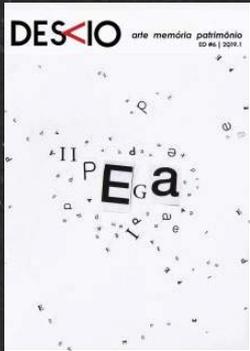
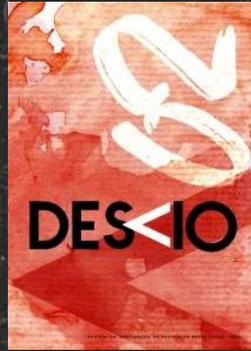
Alexsandro Bandeira  
Alice Alfinito  
Amanda Tavares  
Cecilia Ojeda  
Fabrice Guimarães  
Gabriela Mazza  
Luiza Amaral  
Tales Frey  
Vitor Martins

## Artigos, ensaios e afins

Lucas Soares  
Beatriz Ellen Roza e Clarelis Rodrigues  
Luíza Donner e Paula Amparo  
Isadora Aventureira  
Almeida da Silva, Tania Regina Lima de Almeida e Nelson do Nascimento da Silva  
Gabriel Dias  
Bernardo Girauta  
Cássia Siqueira  
Ana Elisa de Azevedo

## Caderno especial - Arte e pandemia

Marianna Ferrodri  
Sy Gomes  
Júlia Dias  
Jandir Jr.  
Rêzi de Souza e Renata Spolidoro  
Márcio Nicodemos  
Rebeca Tolmasquim  
Thales Ferreira Bandeira de Abreu  
Vitória Araujo  
Amanda de Abreu, Carolina Corrêa Rochefort, Gabriela Costa, Helena dos Santos Moschoutis, Leani Jaline Ferrari Ferreira, Luana Reis Silvino (Lua), Marcella Jasmim Barcellos, Marco Antonio de Oliveira, Maria Joana M., Nataly Sousa, Paula Monterrey, Rafaela Barbosa Ribeiro (Rafa) e Renan Soares  
Thi. Gresa (José Pedro Almeida)  
Danielle Mansur  
Catarine Elisabete Lusser Zanatta, Natália Werneck e Rafaella Roza Da Costa



Colunista Convidada | **Rogéria de Ipanema**

Crítica | Vânia Mignone na Galeria

Mercedes Viegas

**João Paulo Ovidio**

Crítica | Modernidades fotográficas no

Instituto Moreira Salles - RJ

**Priscila Medeiros de Oliveira**

Entrevista | Izabela Pucu – Diretora e  
curadora do Centro Municipal de Arte

Hélio Oiticica

**João Paulo Ovidio e Daniele Machado**

Entrevista | Luiz Guilherme Vergara –  
Diretor geral e curador do Museu de Arte  
Contemporânea de Niterói

**João Paulo Ovidio e**

**Priscila Medeiros de Oliveira**

**Caderno Especial | Descomemoração**  
**dos 44 anos do assassinato**  
**de Ana Maria Nacinovic**

Apresentação

**Gabriela Lúcio**

Heranças da ditadura: a atual conjuntura  
política e os principais desafios  
para resgatar essa história

**Ana Bursztyn Miranda**

Anna Bella Geiger e Niomar Moniz Sodré:  
as artes visuais e a ditadura militar

**Daniele Machado**

44 anos depois, o trabalho na  
Comissão da Verdade

**Nadine Borges**

# TODOS OS SUMÁRIOS

**Caderno Especial | Afroresistências -**  
**Estética negra e novas narrativas**

Apresentação

**Angélica Arcasi**

Mulher negra: corpo, memória e  
protagonismo no audiovisual

**Simone Ricco**

PIXAÇÃO – a cultura Xarpi na cidade do  
Rio de Janeiro

**Samuel Lima**

A face negra do poder constituinte  
originário brasileiro: a atuação  
interseccional das Mulheres Negras do  
Estado do Rio de Janeiro na construção  
das demandas na constituinte 1988

**Ellen Mendonça Silva dos Santos**

Artigo | Arte Popular Brasileira: A influência  
do material no processo criativo

**Liliane Alfonso Pereira de Carvalho**

Artigo | Relações formais e sociológicas  
entre a arte ocidental da Idade Média  
e a arte pré-colombiana

**Thiago Spindola Motta Fernandes**

**Caderno Especial | Incêndios**

Entrevista com Angela Ancora da Luz  
**Daniele Machado, João Paulo Ovidio e**  
**Thiago Fernandes**

Análise e acompanhamento conservativo  
do Núcleo Interdisciplinar de Estudo  
da Imagem e do Objeto (NIO)  
**Gabriela Lúcio de Sousa, Patricia Riggo**  
**Cordeiro e Maria Cristina Volpi**

'Espaço de experiência', 'horizonte de  
expectativa' e o estado da arte visual no  
ensino médio do RJ  
**Maíza C. França**

A EBA PEGOU FOGO! A EBA RESISTE! A  
EBA RE-EXISTE!  
**Daniele Machado**

Crítica | Balancete - Coletivo Filé de Peixe  
no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica  
**Thiago Spindola Motta Fernandes**

Crítica | Meu mundo teu: elos afetivos e  
simbólicos de se estar junto  
**Pedro Ambrosoli**

Ensaio | Pixo e arte: linguagem, ação e  
novas inserções  
**Bárbara de Andrade**

Artigo | "A gente produz obras que não  
são nossas": aspectos da autenticidade na  
arte contemporânea  
**Camila Medina**

Artigo | Lygia Clark e o Não-Objeto:  
interatividade e forma artística  
**Amanda Bueno Villar Inocencio Costa**

Artigo | Imagens da morte na arte  
contemporânea brasileira  
**Tadeu Ribeiro**

Artigo | Reprodutibilidade e fantasmagoria:  
a reinvenção do simulacro em Morel  
**Adalgiso Pereira de Souza Jr**

Artigo | Ética, estética e política: a  
fotografia de Nhem Ein e o lugar da  
memória  
**Vitor Brito**

Artigo | A educação grega: o ideal que se  
perdeu da humanidade  
**Cintia Gameiro, Clarice Saisse e Débora**  
**Poncio**

Artigo | ArRUAça: estudos iniciais sobre o  
corpo funkeiro carioca  
**Mayara de Assis**

Artigo | José Medeiros, o poeta da luz  
**Gabrielle Nascimento**

Exposição | PEGA – Encontro de Estudantes de Graduações em Artes do Estado do Rio de Janeiro

**Ana Noronha, Ana Pimenta, Daniele Machado, Felipe Amancio, Pedro Pessanha e Thiago Fernandes**

Artigo | Intersemiose na ditadura: poesia ≥ visibilidade < repressão. Estudo de caso: expoésias

**Adriana Fernandes**

Artigo | Multiplicidades identitárias: o abstracionismo informal em face da construção de uma nova vanguarda brasileira

**Ananda Muylaert**

Artigo | Atravessamentos corporais: a dança e a representatividade negra no empoderamento de mulheres negras e de periferia

**Andreza Jorge**

Artigo | Porque não houve grandes artistas travestis?

**Agrippina R. Manhattan**

Artigo | Narrativas da região portuária do rio de janeiro: ações artísticas, manifestações culturais e intervenções no cotidiano

**Carlaile Souza**

Artigo | Lugares do delírio: trânsitos entre arte e loucura na contemporaneidade

**Daniela Cassinelli**

Artigo | Só me interessa o que não é meu: fragmentos para uma genealogia da collage

**Diego Franco**

Artigo | Arte contemporânea em Angola: entre o local e o global

**Felipe Amancio**

Artigo | Fernando pinto maravilha: um ziriguidum tropicalista

**Leonardo Antan**

Artigo | Vênus de urbino: renascimento e gênero

**Luiz Henrique Duarte**

Artigo | Parangotíteres ou titerelé: o jogo titerileco insurgindo na obra de Hélio Oiticica e na dança da porta-bandeira

**Maria Madeira**

Artigo | Breve reflexão epistemológica no campo da conservação e restauração de bens culturais

**Maria Elena Venero Ugarte e Luana Aguiar**

Artigo | As diferenças da figura feminina latina: um paralelo entre representações femininas de artistas latino-americanos

**Maria Van Camp**

Artigo | Metáforas uterinas. Série: rememoração e reconstrução do feminino

**Silvia Cordeiro**

Proposta livre | Investigações fotográficas: experimentando um outro tempo da imagem

**Fernando Rodrigues**

Proposta livre | Um monitor

**Jandir Jr.**

Proposta livre | A Escola de Belas Artes como propulsora de encontros e coletividade: Atrocidades Maravilhosas e Zona Franca como estudos de caso

**Thiago Fernandes**

## V.3 N°1 - 2018.1

Crítica | A Bienal da Escola de Belas Artes  
**João Paulo Ovidio**

Entrevista | Onde o pensamento circula.  
Entrevista com a artista Mayana Redin  
**Beatriz Lopes, Márcio Ariosto, Mariana Paraizo, Mônica Coster Ponte e Thiago Fernandes**

Caderno Especial | 8 de março  
**Sigriz Beatriz Varanis Ortega, Mikhaila Copello, Vanessa Ribeiro Amorim, Natalia Candido, Gabriela Lúcio de Sousa, Mariana Maia e Thais Canfil**

Relato de Experiência | 2º Mostra de Arte Casa Povera  
**Noah Mancini e Marize Moreno**

Tradução | Salvador Munoz-Vinas. Novos Horizontes a se pensar a Conservação  
**Carolina Alves**

Dupla de Artistas  
**Jandir Jr e Mônica Coster Ponte**

Caderno Especial | Queer Museu  
**Cezar Bartholomeu, Juliana Sabatino, Thainá Nunes Vieira, Gean B. de Moraes, Ana Renata dos Anjos Meireles e Mayra Cristina Lopes Cortes**

Ensaio Prático | A teoria de Bárbara Appelbaum aplicada na elaboração de fichas diagnósticas em obra de arte contemporânea  
**André Luís Maragno**

Crítica | Resenha sobre o filme "The Square – A arte da discórdia"  
**Adeilma Costa**

Ensaio | O processo como performance: Pensamentos sobre Kim Juggi  
**Letícia Moreno**

Artigo | A necessidade de repensar o museu regional do sul de Minas  
**Bruna Fortunato**

Artigo | Em algum lugar entre a civilização e o trabalho  
**Vinicius Vargas**

Artista da Capa  
**Carine Caz**

Texto | Livre Profissão: Artista

**Camilla Braga**

Entrevista | Livro de artista na arte contemporânea: Junção de uma expressão política e poética

**Bia Gonçalves**

Ensaio | Exercício de Queda

**Antonio Gonzaga Amador**

Resenha | Semiótica visual: uma leitura de texto verbo visuais

**Valéria Vicente Gerônimo**

Artigo | Argumentação contra a morte dos museus

**Gabriela Martins André Brandão**

Artigo | Entre a memória e o esquecimento: os Xukuri-Kariri no acervo museológico de Palmeira dos Índios/AL

**Aline de Freitas Lemos Paranhos**

Artigo | Estágio em espaços culturais: a ação educativa e sua relevância no contexto escolar

**Andresa Carvalho Lopes Pires**

Página Dupla

**J. Medeiros e Matheus de Simone**

Caderno Especial – Africanidades | Crítica | A explosão de um canto interior

**Pedro Carceceri**

Caderno Especial – Africanidades | Entrevista | Entrevista com Fernando Mourão

**Claudio Fortuna**

Caderno Especial – Africanidades | Relato de Experiência | Coletivo Descolônia: arte, afetividade e ativismo preto

**Matheus Monteiro**

Caderno Especial – Africanidades | Ensaio | Fongbé, Voduns, Nagotização e o Candomblé

**Rennan Carmo**

Caderno Especial – Africanidades | Artigo | Corpo negro colonizado e algumas implicações do imperialismo europeu sobre partes

**Eumara Maciel dos Santos**

Caderno Especial – Arte-Educação | Crítica | A importância da arte no processo cognitivo

**Danielle Mansur**

Caderno Especial – Arte-Educação | Entrevista | Profissão: Professor de Artes – uma entrevista com Eduardo Souza e Mariana Paixão

**Marcela Tavares**

Caderno Especial – Arte-Educação | Relato de Experiência | Licenciando em Artes Visuais no Colégio de Aplicação da UFRJ: os quadrinho e fanzines em sala de aula

**Lucas Almeida de Melo**

Caderno Especial – Arte-Educação | Artigo | “Perder tempo”: uma prática necessária na arte-educação

**Anna Carolina Eckhardt de Medeiros**

**Rodrigues**

Caderno Especial – Arte-Educação | Artigo | Musicalização no ensino fundamental II: um estudo de caso na Escola Estadual Prof. Joaquim Luiz de Brito

**Victor Muniz**

**Artista da Capa**

**Laiza Ferreira**

Texto curatorial | Da adversidade viemos

**Agrippina R. Manhattan**

Exposição |

**Camilla Braga | Fátima Aguiar | Fernanda Nicolini | Jessica Guia | Júlia Ribeiro | Kali Ôza | SEMA | Yuri Dias**

Texto curatorial | Para romper com o sistema, trabalhar é preciso

**Camila Vieira**

Exposição |

**Aline Chagas | Bruno Portella | Carla Santana | Crislaine Tavares | Ian Sant'anna | Mulambö | Rafael Amorim**

Texto curatorial | Fogo, destruição e apagamento

**Gabriel Fampa**

Exposição |

**Ana Almeida | Cyanogaster Noctivaga | Diego Guevara | Ella F Franz Rafa | Leonardo Falcão | Nelson Almeida | Rustenico | William Araujo**

Texto curatorial | Entre o corpo e a letra, está aí o artista?

**Lucas Alberto**

Exposição |

**Amauri | Bárbara Bandini | Isabelle Cesário | Júlia França | Mirna Machado | Mozileide Neri | Pedro Pessanha | Rodrigo Pinheiro**

Texto curatorial | Vestígios, rastros e ecos do passado

**Natalia Candido**

Exposição |

**Alice Ferraro | Matheusa Passareli | Aline Beatriz | Ana Klaus | Clara Machado | Jessica Louzada | Luana Santoro | Mônica Coster | Nathan Braga**

Texto curatorial | Corpos: materiais, discursos e construções

**Thatiana Napolitano**

Exposição |

**Beatriz Lohana | Guido Lamin | Jessica Kloosterman e Michelle Macedo | Patrícia Gonçalves | Rafaela Rocha | Verônica Vaz | Yago Toscano | Yasmin Ferreira**

Artigo | Construindo novos espaços: um diálogo sobre propostas artísticas na cidade

**Anna Carolina Eckhardt e Laura Ludwig Alves**

Artigo | A coleção Renato Miguez de arte popular: investigando a trajetória

**Carolina Rodrigues de Lima**

Artigo | O terror no inconsciente do Surrealismo

**Fellipe Amorim**

Artigo | Talentos da Vila Vintém: um olhar sobre a intensidade afetiva de uma companhia de Teatro da Zona Oeste do Rio de Janeiro

**João Gabriel Cunha**

Artigo | Botticelli e Leda Catunda: a ligação entre a representação das três graças no renascimento italiano e na arte brasileira da década de 80

**Rafael Silva**

Artigo | Kayapós: Uma etnia de riquezas

**Stephane Chaga**

**v.4, n.2 – 2019.2**

**Edição Especial Seminário Metodologias**

Exposição |

**Carine Caz | Deborah Núñez | Juliana Moraes**

Artista-Teórico-Pesquisador |

**Amanda Tavares | Danielle Novais | Jandir Jr.**

**Mônica Coster Ponte | Rodrigo Pinheiro**

Curadoria e crítica |

**João Paulo Ovidio | Thatiana Napolitano**

**Thiago Fernandes**

Circuito |

**Carolina Rodrigues | Gabriela Lúcio de Sousa**

**|MV Hemp | Natalia Nichols**

Ensino |

**Dinah de Oliveira | Elisa Castro | Odenicio**

**Junior | Tania Queiroz**

**v.4, n.3 – 2019.2**

**Edição Especial Junho de  
2013: Cinco anos depois**

*O gigante nunca dormiu? –  
Antes de 2013*

**Gabriela Lúcio**

*O menor abrigo*

**Ana Hortides**

*Meia casa meia vida*

**Guga Ferraz**

*Série Mobiliário Maravilha*

**Atelier Sanitário**

*Av. Rio Branco, Centro |  
Pier Mauá, Região Portuária. |*

*Vila Autódromo.*

**Emilia Estrada**

*Obrà em obras*

**Camila Braga**

*Caboco Satélite | Imigrante |*

*Das nuvens pra baixo |*

*Instinto Coletivo | Nawa*

**Pablo Meijueiro**

*O gigante acordou?*

*Depois de 2013*

**Letícia Guerra**

*Série Não cuspa no prato que  
você come – resistências civis*

*em pratos*

**Alex Frechette**

<i>Sem título</i> <b>Tavarez</b>	<i>Efeito colateral</i> <b>Ad Costa</b>	<i>Cidade Cinza – São Paulo  </i> <i>O que eu vejo</i> <b>Marina Florindo</b>
<i>Série Futuro do Pretérito</i> <b>Marcela Cantuária</b>	<i>Enfer-Marias</i> <b>Thiago Ortiz</b>	<i>Com Fluxos / Contrafluxos</i> <b>Luiz Baltar</b>
<i>Putas do Amanhã em Porto</i> <i>Maravilha   Operação Lava</i> <i>Alerj</i> <b>Coletivo Seus Putos</b>	<i>Fantasia de Carnaval</i> <b>Leandro Vieira</b>	<i>1500, 2016-2017</i> <b>M.I.A</b>
<i>O único que se libertou com a</i> <i>revolução industrial foi o cavalo</i> <b>Gustavo Speridião</b>	<i>Vândalos?</i> <b>Thatiana Napolitano</b>	<i>Contra toda organização – A</i> <i>condenação do Estado e dos</i> <i>partidos</i> <b>Marcela Tavares</b>
<i>Esculturas urgentes</i> <b>Guga Ferraz</b>	<i>Impugnação</i> <b>Alíce Ferraro</b>	<i>Turbulência   Apelo ao Sal</i> <b>Cecilia Cipriano</b>
<i>Ocupações: modos de ocupar</i> <b>João Paulo Ovidio</b>	<i>P&amp;B #2   Bleu   B de Beatriz  </i> <i>Pós-gozo   Buceta sobre Buceta</i> <i>  Buceta invisível</i> <b>Beatriz Lohana</b>	<i>SYMBEBEKOS</i> <b>Juliana Notari</b>
<i>J. Loverlock</i> <b>Guga Ferraz</b>	<i>Ex-miss Febem 2 – Seleção 1</i> <b>Aleta Valente</b>	<i>murus</i> <b>Jessica Kloosterman</b>
<i>Kit Manifesto Feliz</i> <b>Vô Pixa Pelada</b>	<i>Crônicas suburbanas</i> <b>Philippe Valentim</b>	<i>Tempos difíceis   Amanhã vai</i> <i>ser maior</i> <b>Ivan Grilo</b>
<i>Imagens de Fogo</i> <b>Daniele Machado</b>	<i>É festa ou manifestação? – A</i> <i>presença simbólica da mística</i> <i>pagã nas manifestações de rua</i> <b>Camila Vieira</b>	<i>Amar é, A Maré. Amarildo,</i> <i>multidão e arte – RJ 2013</i> <b>Barbara Szaniecki</b>
<i>Sem título</i> <b>Barbara Szaniecki</b>	<b>Camila Vieira</b>	<i>Participação não celebrativa de</i> <i>2013</i> <b>Graziela Kunsch</b>
<i>Eram só 20 centavos?</i> <b>Thiago Fernandes</b>	<i>Capitão-do-mato</i> <b>Almeida da Silva</b>	
<i>Carimbado, autorizado</i> <b>Carine Caz</b>		<i>Qual o teu lado? – série</i> <i>Crônicas Suburbanas</i> <b>Philippe Valentim</b>
<i>HOMO PARTIDO</i> <b>Carine Caz e Isabelle Cesário</b>		

Textol Nenhuma direção a não ser ao centro

**Yhuri Cruz**

Artigo | A gravura política de Rubem Grilo: Publicações impressas no Jornal Movimento

**Beatriz Basile da Silva Raucher e Victor de Oliveira Marcelo**

Artigo | Sobre a xilogravura nordestina: brasilidade, modernismo e comunidade

**Letícia Moreno**

Artigo | A arte do grafite na democratização da ciência

**Ana Paula P. da Conceição e Marcos Gonzalez de Souza**

Artigo | Arte e educação em hospitais: oficina de artes no núcleo de estudos da saúde do adolescente

**Thamires Burlandy da Mota Chagas e Cândida Maria B. C. A. Rodrigues**

Artigo | Fronteiras do eu e do outro: a pele na arte contemporânea

**Tadeu Ribeiro**

Artigo | Rompendo silêncios: as performances de Priscila Rezende

**Aline Alessandra Zimmer da Paz Pereira**

Artigo | O som do Surrealismo nos anos 2000: Como a era da internet recriou um som de um filme surrealista de 1928

**Guilherme do Amaral Gurgel**

Ensaio | Alair Gomes, Cinema, Teatro e Fotografia

**André Pitol**

Resenha | Showgirls: uma ode ao deboche na representação do clichê hollywoodiano

**Marcus Lemos**

Tradução | Capítulo 3 – Ninfas e anjos: O pensamento a partir da obsessão com uma imagem

**Marcela Tavares**

Dupla de Artistas |

**Glauce Pimenta Rosa | Márcia Falcão**

Caderno Especial | Arte e Maternidades

**Carolina Rodrigues, Fernanda Correa e Roberta Calábria**

Propostas e sugestões inclusivas | Para as mães nos meios artísticos e acadêmicos

**Fernanda Correa**

Texto | UM CONVITE ÀS MÃES ou NÓS PODEMOS CONTAR – e mudar – nossa história

**Gabriela Moura**

Entrevista | O Coletivo de Mães Ilustradoras

Entrevista | Feminismo maternal, arte contemporânea e violência obstétrica.

**Roberta Barros**

Artigo | “QUEREM O SEU COLO DE MADONA”: Considerações sobre a representação do corpo materno

**Joyce Delfim**

Artista de Capa | **Felipe Barros**

Artista de Capa Maternidades |

**Maressa Andrioli**

Texto livre | Arcadas

**Clara Machado**

Resenha | Racismo: Igualdade perdida?

**Diego Alexandre Costa de Jesus**

Ensaio | O Corpo (Desa)linha: Desenhar como

Traçar Caminhos

**Letícia Carvalho e Virna Bemvenuto**

Crítica | Feira Literária das Periferias (FLUP)

**Vítor Martins**

Ensaio | A Subversão Digerida no Estômago do

Silêncio

**Paula Peregrina**

Crítica | Mercado de Inutilidades

**Tatiana Aragão**

Ensaio | Bacurau, Lunga, e as Estéticas

Narrativas do Cinema Brasileiro

**Anthony Rodrigues**

Dupla de Artistas |

*PANFLETÁRIO SY OU QUANDO MINHA  
BANDA ACABOU.*

**Sy Gomes Barbosa e Natali Carvalho**

Dupla de Artistas |

*Entre o fogo da guerra e o arder da paixão*

**Fel Barros**

**Caderno Especial | Culturas populares e  
sociedades á margem**

Relato de experiencial | O campo, os encontros  
e a pesquisa

**Raíza Venas**

Artigo | Espaços de Memórias Difíceis:

Penitenciária do Carandiru, suas denotações  
disciplinares e sua potência como resistência

**Aline Araujo**

Artigo | A Arte Afrobrasileira e a Cerâmica

**Priscila Leonel**

Relato de experiencial | A Casa das Artes de  
Mestre Negô, Escultor Baiano

**Carolina Reichert**

Artigo | O DESFILE DAS CASAS, DOS CETINS,  
DAS FLANELAS E DAS FITAS

**Mirtes de Menezes Almeida**

Ensaio | O Repertório Poético da Cultura  
Amazônica nas Jóias Paraenses

**Amanda Gatinho Teixeira**

Artista da capa | **Guilherme do Amaral Gurgel**

**Edição Especial da Revista  
Desvio – III PEGA**

Editorial | Tamo ai na atividade

Texto Curatorial | Entre Dois  
Pontos Moram Muitos Outros  
**Amauri**

Exposição |  
**Camilla Braga e Mulambo,  
Claudia TS, Isadora  
Aventureira, Jamile Ratter,  
Rebeca Souza, Rio**

Texto Curatorial | Construções:  
cidade, olhar, corpo  
**Anna Carolina Eckhardt**

Exposição |  
**Ana Bia, Guilherme Tarini,  
Lucas Araújo, Matheus Xavier  
e Luiza Oliveira**

Texto Curatorial | Efigies  
**Clarisse G. S. Silva**

Exposição |  
**Dora Romantini, José Lucas  
Dutra, Lucas Almeida, Lucas  
Evangelista, Lynn Court,  
Renan Henrique Carvalho,  
Ryan Hermogenito**

Texto Curatorial |  
Corpos: Arte/vida  
**Fabício Augusto**

Exposição |  
**Clara Mayall, Coletivo Egéria,  
Gabriel Caetano, Mateus A.  
Krustx, SEMA, Thiago Saraiva**

Texto Curatorial | Arte, cidade,  
tensões e geografias  
**Laura Ludwig**

Exposição |  
**Anna Corina, Clarice Saisse,  
Fel Barros, Mariana Mitic,  
Nelson Almeida**

Texto Curatorial | O Afeto  
como ato político  
**Mirna Machado**

Exposição |  
**Ana Schaefer, Beatriz Garcia,  
Daniel de Freitas, Juliana  
Sutil, Kimera, Mariana Rocha,  
Núbia Mobo**

Proposta acadêmica | A casa  
não é a casa: negatividade do  
feminino em Louise Bourgeois  
**Clara Machado**

Proposta acadêmica | Espaços  
femininos e femininos possíveis  
na arte latino-americana do  
início do século XX  
**Mylena Godinho de Freitas e  
Renato do Carmo Mendonça**

Proposta acadêmica | O  
GRITO: como descobrir formas  
para gritarmos juntas  
**Rodrigo Ferreira e Silvana  
Marcelina**

Proposta acadêmica | A  
construção do lúdico e a  
emancipação do indivíduo:  
uma metodologia no ensino  
de artes a partir da técnica da  
gravura no ensino infantil e  
fundamental |

**Marcela de Freitas Portilho e  
Verônica de Maia Gonçalves  
Ignácio**

Proposta acadêmica | O papel  
da Pussy Riot enquanto luta/  
provocação política

**Patricia Silva, Taísa Vitória  
Silva e Paula Nascimento**

Proposta acadêmica |  
Curadoria independente

**Ludimilla Fonseca**

Proposta acadêmica | Em  
formação: Arte e Educação em  
primeira pessoa

**Érika Lemos Pereira**

Proposta acadêmica | Escuta  
do inaudível nas partituras-  
acontecimento de George

**Brecht Daniela Avellar**

Proposta acadêmica | Um  
breve arranjo narrativo sobre as  
experiências-limites entre arte,  
educação e curadoria

**Jean Carlos**

Proposta acadêmica | Arte X  
território

**Cynthia Dias**

Texto Livre | Um Outro Inverno – Reflexões sobre o não humano em tempos de quarentena

**Nicolau Namó Spitalé**

Artigo | Poéticas do Impossível – Arte, Pretitude e Fugitividade

**José Juliano Gadelha**

Artigo | Pardo: Um Mestiço Sem Identidade – Da cor de pele ao papel de descarte

**Victor de Oliveira Marcelo e Raquel Mello**

**Salimeno de Sá**

Artigo | Arte, Gênero e Domesticidade – Entre o trabalho doméstico e o fazer artístico

**Manuela de Souza de Almeida Leite**

Ensaio | O Corpo nas Obras de Ana Mendieta: Arte, identidade e política na América Latina

**Beatriz Garcia**

Artigo | Intersecção Corpo, Imagem e as Narrativas de Si: Novas visualidades e composições com a performance

**Augusto Henrique L. da Costa**

Relato | Relato de Experiência: De um Olhar Tornado Urgente

**Emanuel de Almeida**

Relato | Dinâmicas Curatoriais e Ações Insubordinadas

**Lorena de Paula Perassoli**

Relato | Olho por Olho – Experiência Performática no Ateliê Orgânico

**Ana Schaefer**

Crítica de Arte | O que, por que e para quem fazer uma exposição: O Whitney, a arte americana e o México

**Renata Baltar**

Tradução | Seis Parágrafos em Dan Flavin por Hal Foster

**Tradução por Gabriel Vieira (Gabriel Blazar)**

Dupla de Artistas |

**Maria Fernandes e Maria Novaes**

Caderno Especial | entrevista com artista (responda você mesm\_)

**Amauri e Mônica Coster**

Caderno Especial | Sobre o medo de me entregar em tudo ao mar

**Bárbara Moira**

Caderno Especial | Richard: Um ensaio acerca das imagens contemporâneas

**José Lucas Dutra**

Caderno Especial | Anotações sobre a série Smoking (2015-2020)

**Noah Mancini**

Caderno Especial | Escrevo para não morrer(mos)

**Raphíssima**

Artista da Capa | Estefânia Young

Artigo | Rever e reescrever a cidade do Rio de Janeiro: uma construção de apagamentos e uma reconstrução de resistências

**Roberta Mathias e Luiz Baltar**

Artigo | A arte sacra como instrumento litúrgico pós Concílio Ecumênico Vaticano II

**Richard Gomes**

Artigo | Sem-teto, arquitetura e arte: um ensaio sobre a cegueira em situações de crise

**Vanessa Ribeiro**

Artigo | Territórios sônicos nos espaços públicos da metrópole carioca

**Julia Guimarães Alves e Matheus Dal Bem Busetto**

Artigo | Dicotomia social e cultural: a formação das favelas e a criminalização e resistência do samba no Rio de Janeiro

**Lili Anjos**

Relatório | Relatório/Depoimento – Montagem Povera #2

**Augusto Henrique da Costa e Noah Mancini**

Artigo | Hegel e o “fim da arte”: pintura e cinema modernos

**Marcos Faria**

Tradução | Expressionismo abstrato, arma da Guerra Fria de Eva Cockcroft

**Alice Garambone**

Ensaio | A Estética do Horror Delicioso: as diferentes aplicações do conceito de sublime no terror Carrie, a estranha

**Ericka Devillart**

Ensaio | O desmonte da sex-machine: Uma breve leitura de Marilyn Monroe

**Analia Bicalho**

Artigo | O Gozo de Francisco Brennand

**MAMUTTE [Felipe Saldanha Odier]**

Texto Livre | O sopro das folhas de Ossain

**Ana Paula Lopes**

Página Dupla |

Mais educação, menos opressão

**Gunga Guerra & Pardo por Victor Marcelo**

**Caderno Especial**

Ensaio | Terreno Baldio: Experiência nº 2

**Rafael Amorim**

Texto Livre | Arte é emancipação

**Alex Frechette**

Texto Livre | Até Engolir

**Amauri**

Artigo | Me fode! Me fode! A violência estratégica em Virginie Despentes

**Doda Paranhos**

Texto Livre | SEREI/A

**Dori Nigro**

Texto Livre | Cúmulo – relato de prática artística

**Gabriel Fampa**

Artista da Capa

**Juliana Trajano de Souza**

**Edição Especial da Revista Desvio – PLURIS**

Artigo | O Pingado Cineclube como exibidor audiovisual: uma experiência de educação coletiva

**Alice Alfinito**

Artigo | Das crianças em museus de arte — curadoria e expografia para/com crianças

**Antoneli Matos Beli Sinder**

Artigo | Transcendência aurática na contemporaneidade

**Carol Nóbrega**

Artigo | O que as paredes pintadas têm a nos dizer: arte urbana

**Carolina Monteiro**

Artigo | Do Abaporu a Monet : antropofagia e hierarquização cultural

**Daniel Mota**

Artigo | Wunderkammen, os Gabinetes de Curiosidades: uma experiência colecionista com a videoarte

**Eduardo Souza**

Artigo | Hip hop: um olhar emancipatório sobre a educação em museus

**Fernanda Martins**

Artigo | A arte no ensino médio: o cinema como recurso de ensino e práticas

**Flaviane Zanelatto**

Artigo | Arte do achado: construção de aulas de artes, a partir do que é encontrado na escola

**Gabriel Martire**

Artigo | O diário gráfico e seu uso como ferramenta pedagógica no ensino de arte

**Lívia Lage Abreu**

Artigo | Possibilidades de ensino de cinema na educação básica

**Luciana Ribeiro**

Artigo | Samico e as serpentes

**Marcela Tavares**

Artigo | Dança na escola: arte e ensino

**Maria Andréia Menezes**

Artigo | Autorretrato digital: a autorrepresentação da imagem do adolescente no mundo contemporâneo

**Mariana Paixão**

Artigo | Estética da Resistência: as narrativas e processos criativos dos artistas da Cidade de São João de Meriti – Baixada Fluminense

**Michelle Lima Pereira**

Artigo | A cidade como matéria-prima para o ensino da arte

**Tarsila Monteiro e Gisele Litério Cáceres**

**Ano 6 | n. 2 | Junho 2021**

Relato de Experiência | **Lucas Soares**

Exposição Virtual Debate | **Beatriz Ellen Roza e Clarelis Rodrigues**

Artigo | **Luíza Donner e Paula Amparo**

Ensaio-trabalho-pesquisa | **Isadora Aventureira**

Artigo | **Almeida da Silva, Tania Regina Lima de Almeida e Nelson do Nascimento da Silva**

Artigo | **Gabriel Dias**

Artigo | **Bernardo Girauta**

Artigo | **Cássia Siqueira**

Artista da Capa | **Ana Elisa de Azevedo**

**Caderno Especial – Arte & Pandemia**

Poesia | **Marianna Ferrodri**

Artigo -Performance | **Sy Gomes**

Artigo | **Júlia Dias**

Artigo | **Jandir Jr.**

Artigo | **Rêzi de Souza e Renata Spolidoro**

Artigo | **Márcio Nicodemos**

Relato | **Rebeca Tolmasquim**

Artigo | **Thales Ferreira Bandeira de Abreu**

Ensaio | **Vitória Araujo**

Artigo | **Casa Membrana**

Artigo – Performance | **Thi. Gresa (José Pedro Almeida)**

Artigo | **Danielle Mansur**

Artigo | **Catarine Elisabete Lusser Zanatta, Natália Werneck e Rafaella Roza Da Costa**

# A DESVIO É REFERÊNCIA

Aleta Valente. In: Junho de 2013: 5 anos depois (Catálogo). Revista Desvio, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 70-72, 2019.

PACHECO, Mirele de Oliveira. Arte, redes sociais e pós-internet: a produção de Aleta Valente, Andressa Ce. e Laís Pontes. 2019. 168 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

MORAIS, Bruna Rafaella do Carmo Ferrer de. UTOPIAS SITUADAS: a construção de situações na arte contemporânea do Recife. 2019. 240 f. Tese (Doutorado em Design), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

ANDRADE, Bárbara de. Pixo e arte: linguagem, ação e novas inserções. Revista Desvio, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 53-57, 2017.

SILVA, Diana Amorim dos Santos da. Ativa, Feminina: intervenções gráficas e lugares de memórias da cidade. 2019. 136 f. TCC (Graduação em História da Arte) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

ASSUNÇÃO, Matheus. Coletivo Descolônia: arte, afetividade e ativismo preto. In: Caderno Especial Africanidades. Revista Desvio, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 132-141 2018.

CARVALHO, Francione Oliveira; ASSUNÇÃO, Matheus; SILVA, Karina Pereira da. A produção visual de novos artistas afrodescendentes no Brasil e reverberações na formação docente em artes visuais. Aurora, São Paulo, v. 12, n. 36, p. 95-113, out. 2019 - jan. 2020.

CARVALHO, Francione Oliveira; SILVA, Karina Pereira da. ASSUNÇÃO, Matheus. Coletivo Descolônia: arte, afetividade e ativismo preto. Revista Estúdio, artistas sobre outras obras. v. 10, n. 27, p. 77-85, jul-set. 2019.

ASSUMPÇÃO, Ombela. ReAntropofagia: Denilson Baniwa. Crítica Semanal. Revista Desvio. Disponível em: <<https://revistadesvio.com/2019/04/29/reantropofagia/>>

SAAVEDRA, C. Literatura e arte indígena no Brasil. Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas, n. 33, p. 102-120, 2021.

BARROS, Roberta. Feminismo maternal, arte contemporânea e violência obstétrica. In: Caderno Especial Artes e Maternidades. Revista Desvio, Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, p. 200-215, 2019.

SEAGE, Cynthia Anne Teixeira. Tecendo resistências: costurar-se, bordar-se, suturar-se. Mulheres artistas e a ressignificação do campo-imagem na arte contemporânea. 2019. 57 f. TCC (Graduação em História da Arte) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

CARVALHO, Liliane Alfonso Pereira de. Arte Popular Brasileira: a influência do material no processo criativo. Revista Desvio, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 81-92, nov. 2016.

CAVALCANTE, Fabiana Lopes; SILVA, Edilania de Paiva; SALES, Eliene Maria Santos; CARVALHO, Emanuela Oliveira. A dança como construtora da identidade afro-brasileira na educação quilombola. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 4, 2017, João Pessoa. Anais do IV CONEDU. João Pessoa: CONEDU, 2017.

SILVA, Andréa Luisa Frazão. As Artes Visuais Afrodescendentes Contemporâneas: o ensino-aprendizagem da arte e a Lei N° 10.639/2003 nos espaços educacionais. 2018. 224 f. Dissertação (Mestrado em Artes), Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018.

SILVA, Jéssica Oliveira da; BARROS, Joice Maria da Silva; SOUSA, Santídio Pereira de. Artes plásticas populares em Corumbá: artesanato, produção e reconhecimento. In: Simpósio de Estudos Interdisciplinares sobre o Pantanal. Anais 2018. p. 202-214.

**DELFIN, Joyce. "Querem o seu colo de Madona": considerações sobre a representação do corpo materno. In: Caderno Especial Artes e Maternidades. Revista Desvio, Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, p. 216-232, 2019.**

CURANISHI, Fernanda Tonholi Sasso; NIELS, Karla Menezes Lopes; BORGES, Isabela Melim; FARINHA, Marciana Gonçalves; ARAÚJO, Siane Paula de; RODRIGUES, Carolina. Produção artístico-literária de mães brasileiras em tempos de pandemia. Revista Porto das Letras, vol. 7, n. 2, p. 388-404, 2021.

**DUARTE, Luiz Henrique. Vênus de Urbino: Renascimento e Gênero. Revista Desvio – Edição Especial, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 148-153, 2017.**

RIBEIRO, Regilene Aparecida Sarzi; LACERDA, Laís Miguel. Corpo - paisagem: identidade e nomadismo nos registros de performance de Ana Mendieta. Palíndromo, v. 13, n. 29 p. 134-147, jan - abril 2021.

SCHELL, Luiza Vitória de Abreu. Memes e multimodalidade: uma análise do caso Bela, Recatada e 'do Lar'. Macabéa - Revista Eletrônica do Netlli, v. 9, n. 4, p. 664-685, out-dez 2020.

**MANHATTAN, Agrippina R. "Porque não houve grandes artistas travestis?". Revista Desvio, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 94-98, 2017.**

CAMPOS, Marcelo. Jornadas de Educação e Relações Étnico-raciais: para ampliação dos termos de interlocução entre museu, escola e racialização. In: OLIVEIRA, Hugo; NICHOLS, Natália; SOUZA, Priscilla (Org.). 7ª Jornada de Educação e Relações Étnico-raciais do MAR. Rio de Janeiro: Instituto Odeon, 2018. p. 31-44.

SILVA, Aldones Nino Santos da. Dobras no tempo e historiografia da arte: aproximações entre pensamento decolonial e arte contemporânea. 2019. 103 f. TCC (Graduação em História da Arte) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

GONÇALVES, Clarisse. Desvio Indica: Mariana Maia. Revista Desvio.

Disponível em: <<https://revistadesvio.com/2020/02/14/entrevista-mariana-maia/>>

ALEIXO, Roberta. Sagrado, travessia e ancestralidade nas águas da performance CoroAção de Mariana Maia. Escritos de artistas, escritos em artes, PPGARTES - UERJ. 1 ed., Rio de Janeiro, 2020. p. 108-110.

LOPES, Carolina. Gabe Passareli em Queermuseu: O que fazer quando uma corpa vira cinzas? Crítica Semanal. Revista Desvio. Disponível em: <<https://revistadesvio.com/2018/09/23/gabe-passareli-em-queermuseu-o-que-fazer-quando-uma-corpa-vira-cinzas/>>

DANTAS, Alexandre; FONTOURA, Maria Gabriela. Queermuseu: a atuação judicial na efetivação de direitos fundamentais por meio da arte. Revista Eletrônica OAB/RJ, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, p. 1-25, jul-dez 2019.

MATTOS, Josué. O Brasil é meu abismo. In: 6º Prêmio CNI Sesi SENAI Marcoantonio Vilaça para as Artes Plásticas e 3ª edição do Projeto Arte e Indústria. Brasília: Sesi/DN, p. 142-143, 2019.

QUINDERÉ, Natália. Morrer, em imagens. Revista Caju, 22 abr. 2021. Disponível em: <<http://revistacaju.com.br/2021/04/22/morrer-em-imagens/>>

SILVA, Sara Raquel de Andrade. Reação, mobilização e produção de sentidos na arte: um olhar sobre a trajetória da exposição Queermuseu. 2019. 155 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

Revista Desvio. O Batismo de Maxwell Alexandre. Agenda - Rio de Janeiro (Exposições).

Disponível em: <<https://revistadesvio.com/2018/07/25/2696/>>

SILVA, Alexandre dos Santos. Rompendo em fé - As representações evangélicas nas narrativas de artistas contemporâneos brasileiros. 2021. 155 f. Dissertação (Mestrado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

**RICCO, Simone.** Mulher negra: corpo, memória e protagonismo no audiovisual. In: **Caderno Especial Afroresistências: estética negra e novas narrativas.** Revista Desvio, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 49-55, 2016.

SANTOS, Sandro Lopes dos. Design Afirmativo em contextos afrodiaspóricos na animação seriada brasileira. 2020. 207 f. Tese (Doutorado em Design), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

**SANTOS, Eumara Maciel dos.** Corpo negro colonizado e algumas implicações do imperialismo europeu sobre partes da África. In: **Caderno Especial Africanidades.** Revista Desvio, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 156-168, dez. 2018.

SANTOS, Eumara Maciel dos. A tessitura da palavra: um estudo sobre a oralidade africana na obra literária de Amadou Hampâté Bâ. 2019. 254 f. Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

**TANGERINI, Vanessa.** Arte e balbúrdia. **Crítica Semanal.** Revista Desvio. Disponível em: <<https://revistadesvio.com/2019/05/18/arte-e-balburdia/>>

BAGATIN, Thiago de Sousa. Manicômio Judiciário: a contramão da reforma psiquiátrica. 2019. 254 f. Tese (Doutorado em Psicologia), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2019.

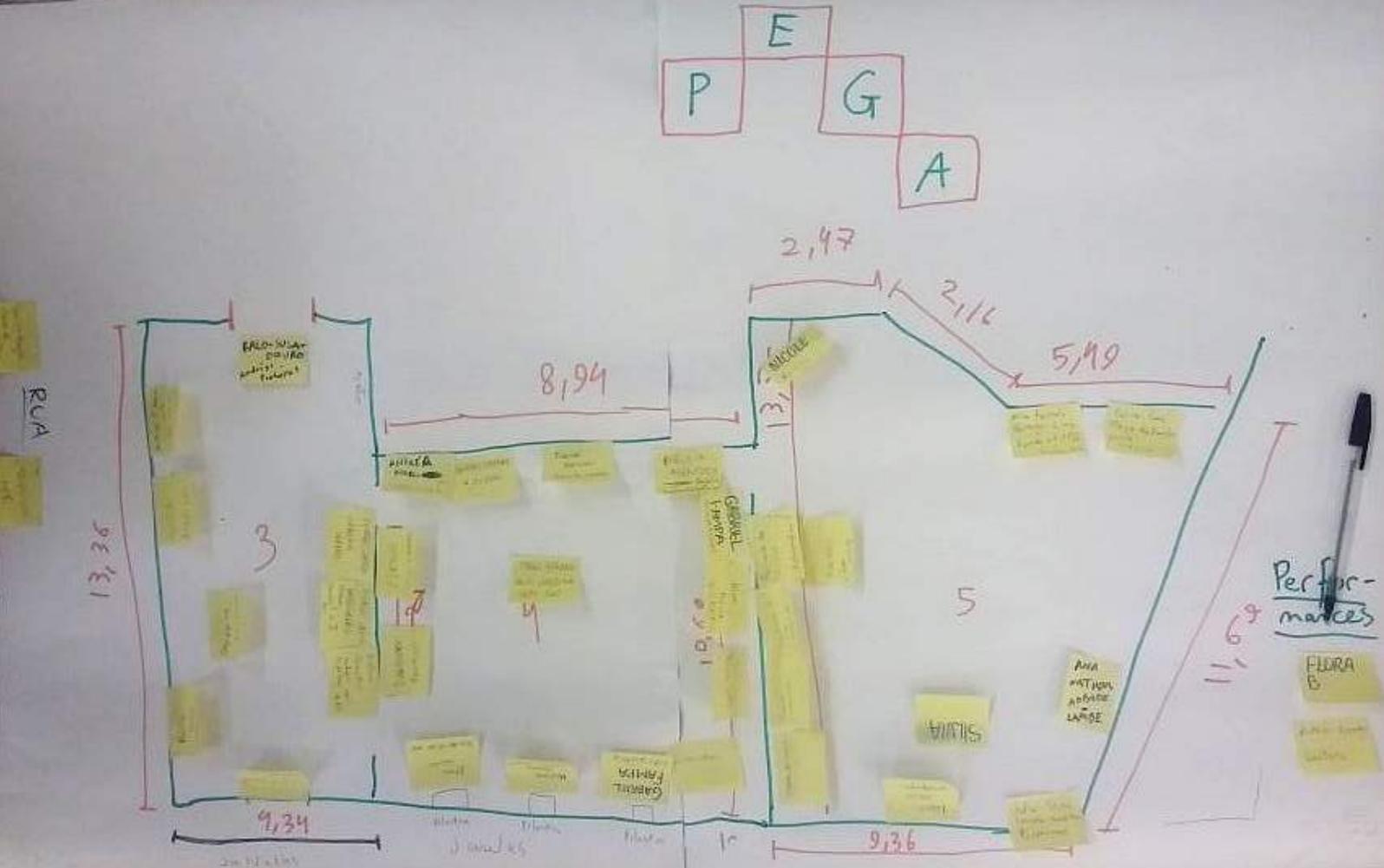
**VIEIRA, Thainá Nunes.** Sem Título. In: **Caderno Especial Queermuseu.** Revista Desvio, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 113-118, 2018.

GONÇALVES, Guilherme Balhego. “Vai ter bicha dando close na arte, sim”. Os estudos da Teoria Queer em suas relações com os principais conceitos de arte contemporânea a partir da exposição Queermuseu. 2018. 54 f. TCC (Graduação em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda), Universidade Federal do Pampa, São Borja, 2018.

# ARQUIVO



Apresentação da comunicação "A criação da Revista Desvio e a abertura de novas oportunidades acadêmicas" no I Seminário UFRJ faz 100 anos: história, desenvolvimento e democracia, 2017.



Expografia do I PEGA - Encontro de Estudantes de Graduações em Artes do Estado do Rio de Janeiro, 2017.



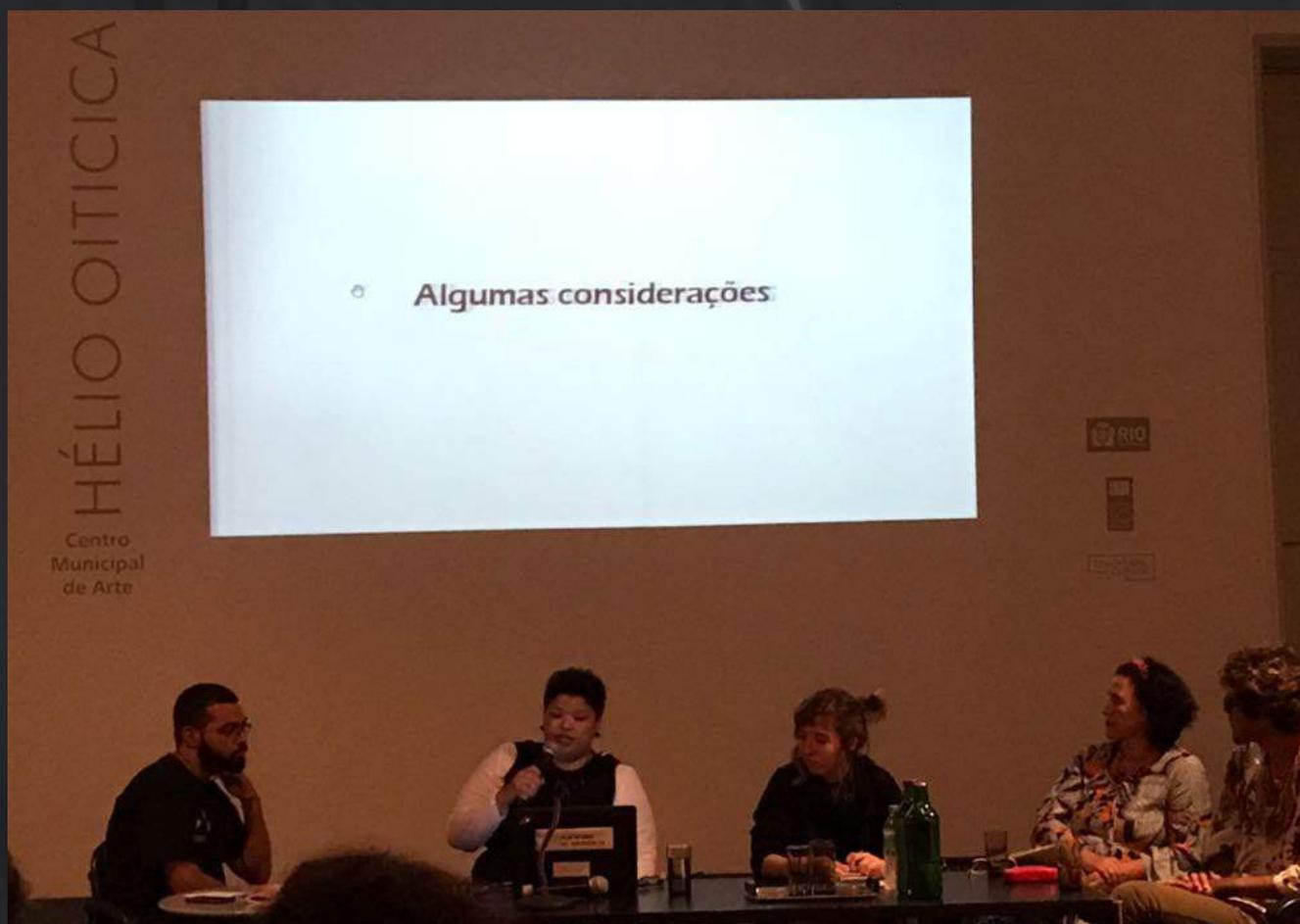
Reunião de curadoria do I PEGA - Encontro de Estudantes de Graduações em Artes do Estado do Rio de Janeiro, 2017.



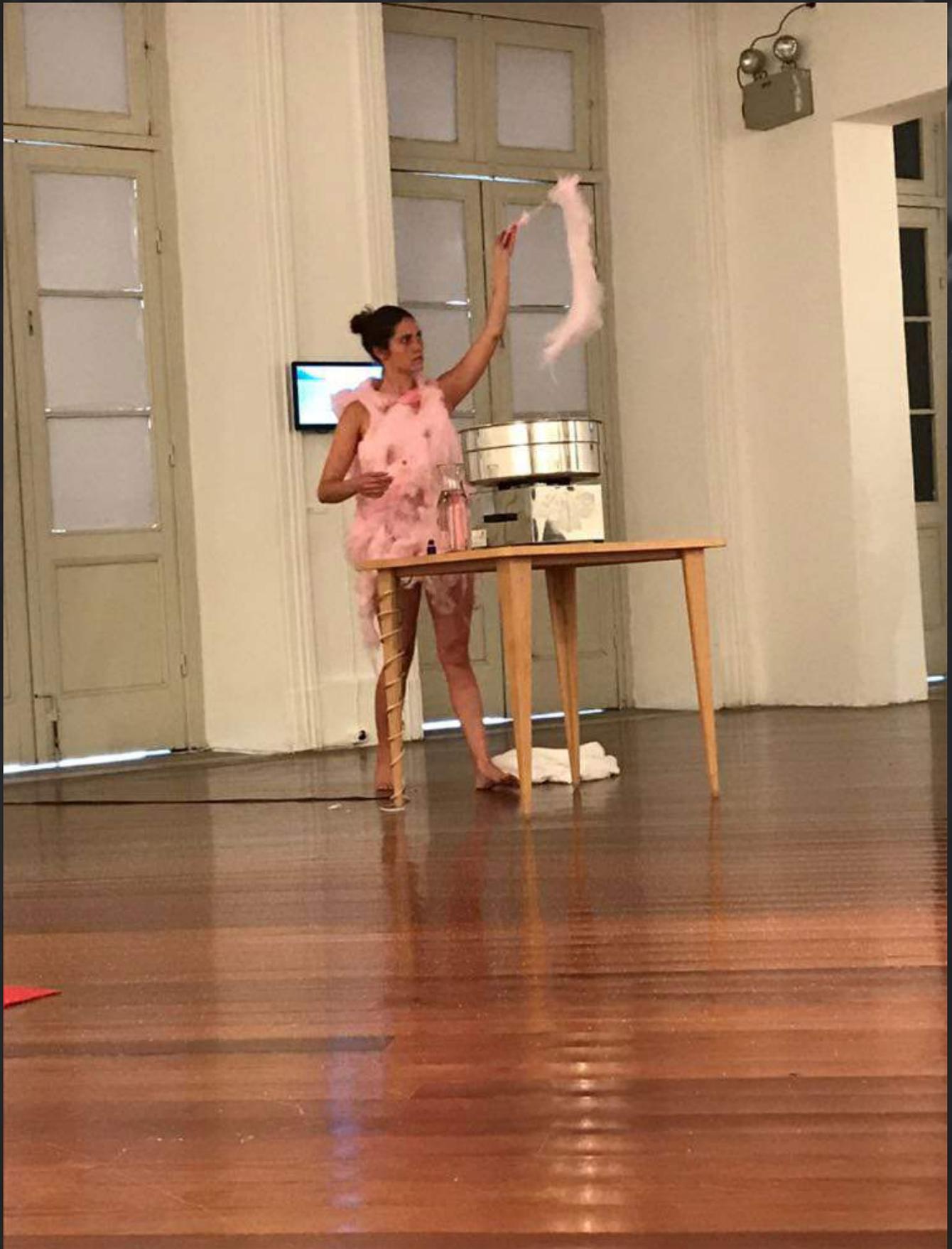
Montagem do I PEGA - Encontro de Estudantes de Graduações em Artes do Estado do Rio de Janeiro, 2017.



Abertura do I PEGA - Encontro de Estudantes de Graduações em Artes do Estado do Rio de Janeiro, 2017.



Seminário do I PEGA - Encontro de Estudantes de Graduações em Artes do Estado do Rio de Janeiro, 2017.



Performance *Algo tão doce*, de Flora Bulcão, no encerramento do I PEGA - Encontro de Estudantes de Graduações em Artes do Estado do Rio de Janeiro, 2017



2ª e 3ª edição da Revista Desvio (versão impressa), 2018.



**Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica**  
Rua Luis de Camões, 68 - Centro - Rio de Janeiro  
(21)2242 1012 / 2232 4213  
fb.com/cma.heliooiticica  
cmaho.culturapresente@gmail.com

realização



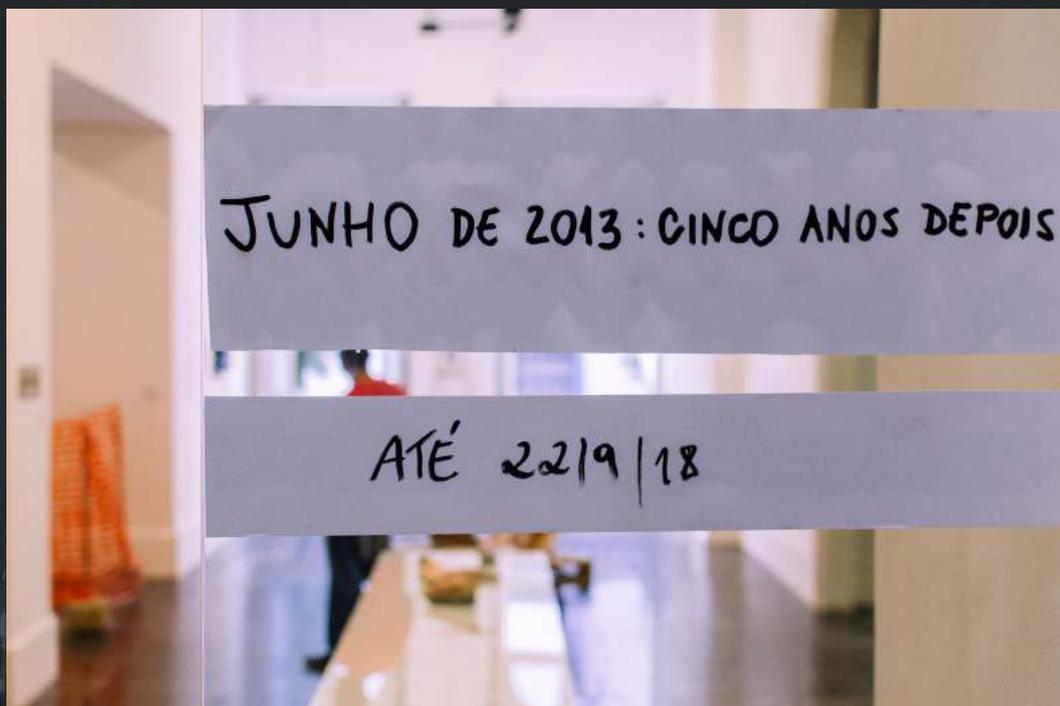
apoio

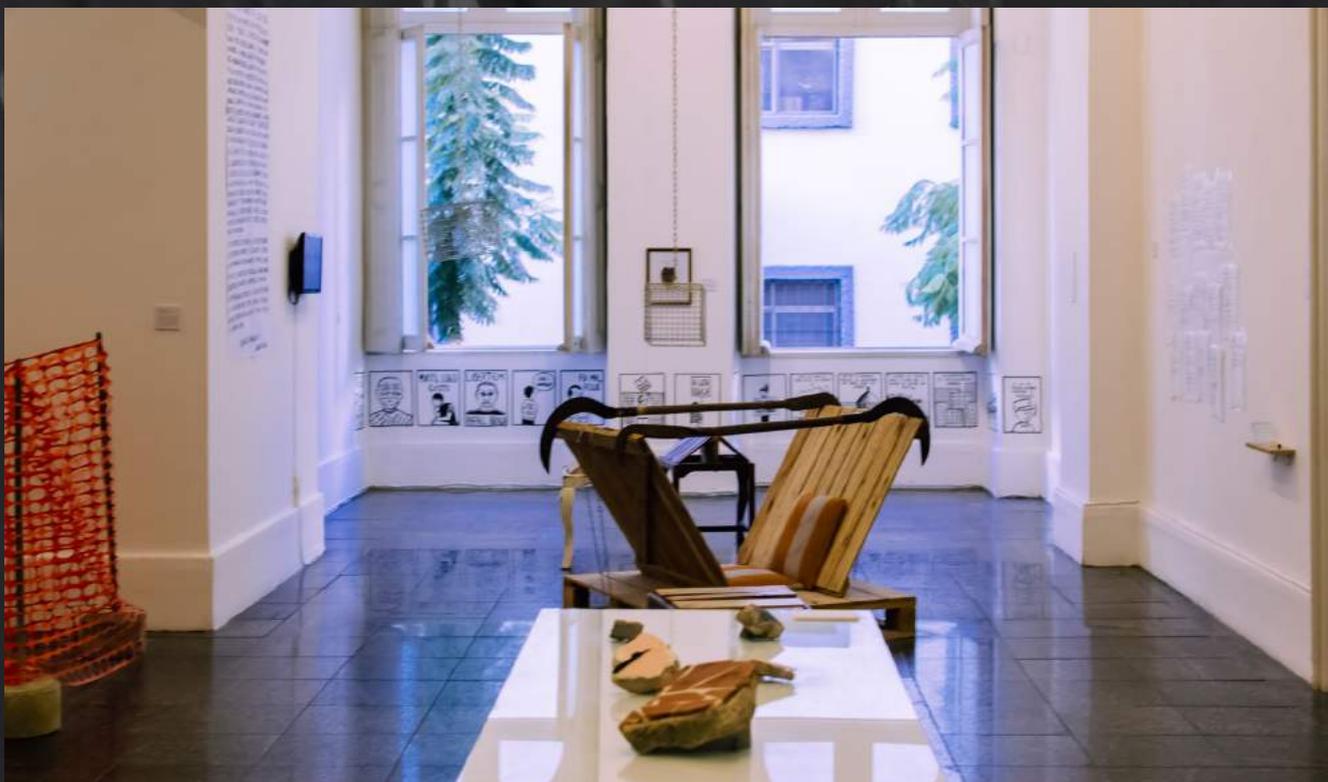


Convocatória para organização do II PEGA - Encontro de Estudantes de Graduações em Artes do Estado do Rio de Janeiro, 2018.



Exposição Junho de 2013: 5 anos depois, Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, 2018. Fotografias: Ximenne Freitas.





Exposição Junho de 2013: 5 anos depois,  
Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, 2018. Fotografia: Ximenne Freitas.



Abertura do II PEGA - Encontro de Estudantes de Graduações em Artes  
do Estado do Rio de Janeiro, 2018. Fotografia: Rodrigo Pinheiro.



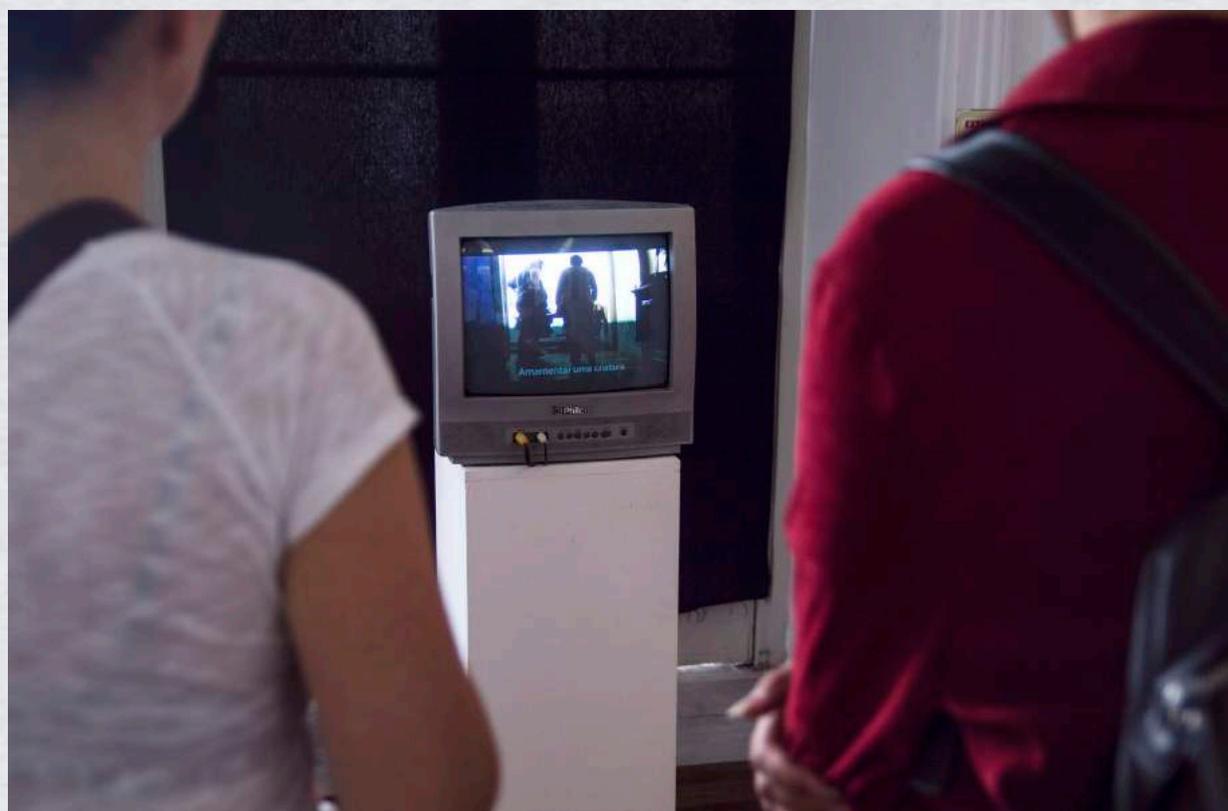
*Não trabalhe, reclame da crise.* Bruno Portella, II PEGA - Encontro de Estudantes de Graduações em Artes do Estado do Rio de Janeiro, 2018. Fotografia: Rodrigo Pinheiro.



*Super Trunfo,* de Camilla Braga, II PEGA - Encontro de Estudantes de Graduações em Artes do Estado do Rio de Janeiro, 2018. Fotografia: Jessica Guia.



*Memórias aquáticas - Construção e destruição aberta, Ana Almeida,*  
II PEGA - Encontro de Estudantes de Graduações em Artes do Estado do Rio de Janeiro, 2018.  
Fotografia: Rodrigo Pinheiro.

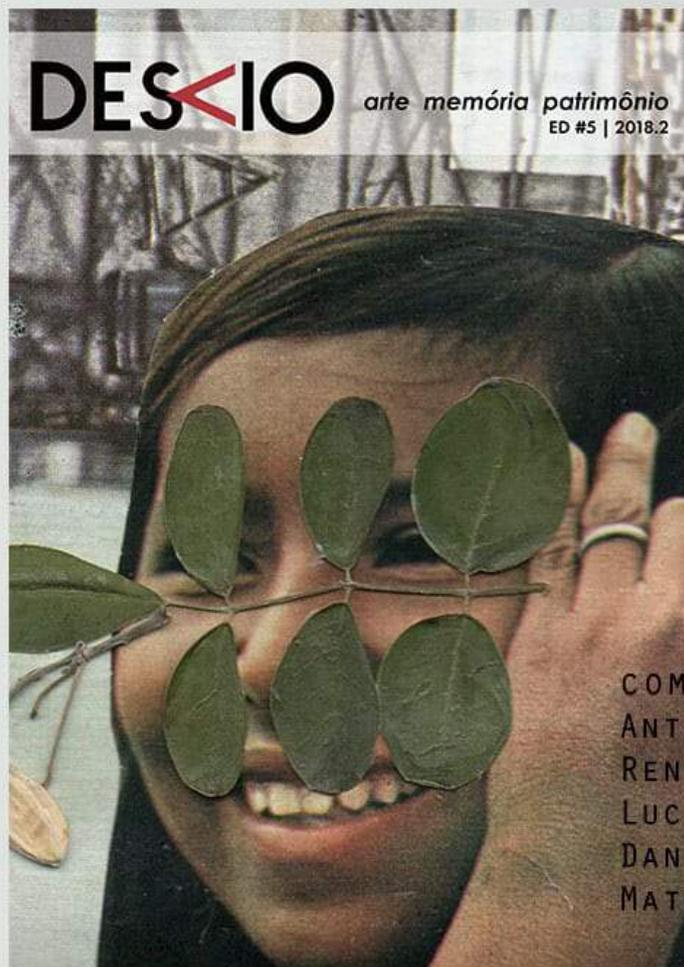


*Só alguma sensação, Mônica Coster, II PEGA - Encontro de Estudantes de Graduações*  
em Artes do Estado do Rio de Janeiro, 2018. Fotografia: Rodrigo Pinheiro.

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e Secretaria Municipal da Cultura apresentam

# LANÇAMENTO

## 5º EDIÇÃO



COM APRESENTAÇÃO DE:  
ANTONIO AMADOR  
RENNAN CARMO  
LUCAS ALMEIDA  
DANIELLE MANSUR  
MATHEUS MONTEIRO

ÀS 13H - 15 DE DEZEMBRO 2018

Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica  
Rua Luis de Camões, 68 - Praça Tiradentes, RJ  
[www.cmaho.com](http://www.cmaho.com)  
[facebook.com/cma.heliooitica](https://facebook.com/cma.heliooitica)  
[instagram.com/cma.heliooitica](https://instagram.com/cma.heliooitica)

realização



apoio



Lançamento da 5ª edição da Revista Desvio,  
Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, 2018.



*Verão em Queimados - Artes Aquáticas, Golfinhos da Baixada, 2019.*



*Nada!, Amador e Jr. Segurança Patrimonial Ltda.*



*Não ceder ao medo, Elisa Castro.*

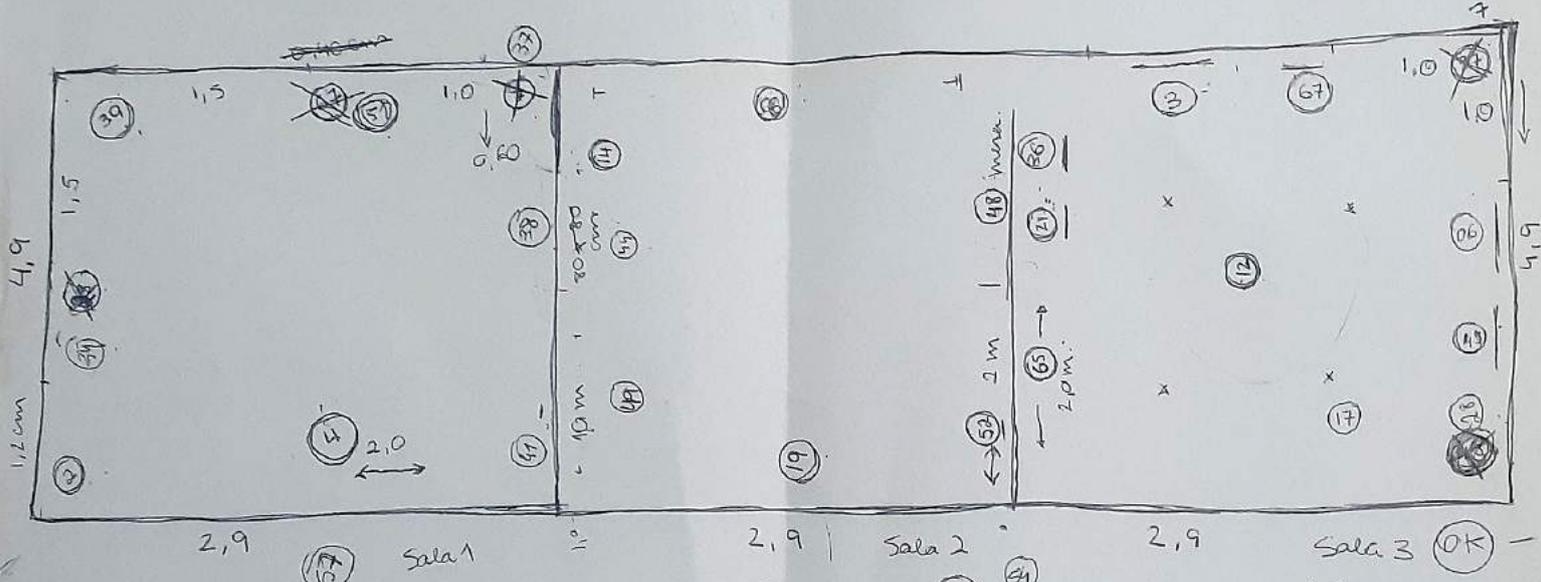


*Gabriel Fampa.  
Fotografias: Mônica Coster.*

Clarim. Falta (23) Lena  
 Amawri (OK)

Fab. OK  
 Laura OK

5' altura



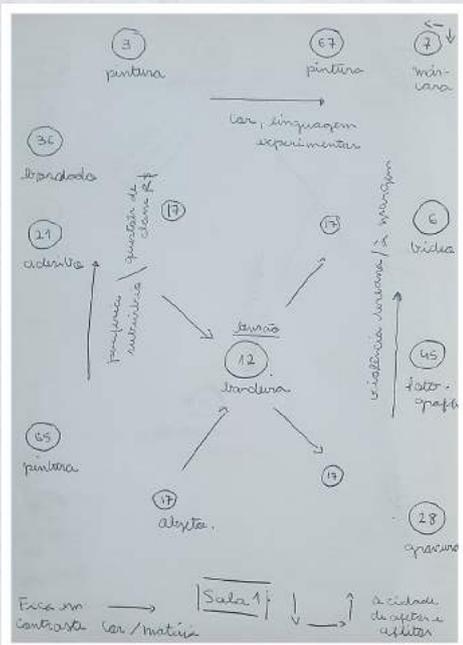
- 39 - arte sonora / branco  
 07 - pintura  
 37 - ~~mesa~~  
 4 - bordado  
 2 - Camilla e Mulamba

- Sala 2.  
 49 - Fotografia - corpo  
 46 - pintura  
 66 - instalação  
 19 - Bandeira  
 52 - instalação  
 48 - mesa

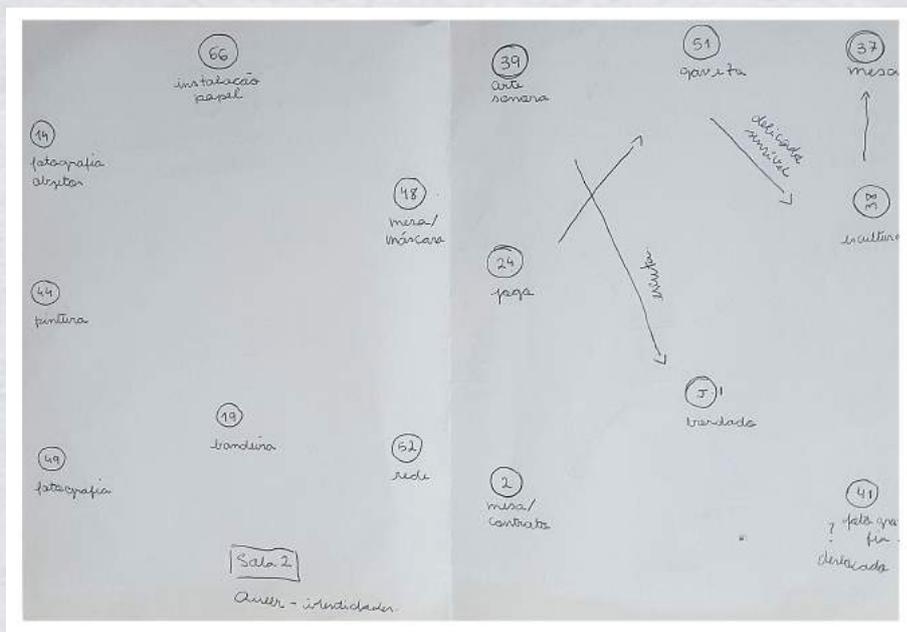
- 3 - pintura  
 21 - adesivo  
 65 - pintura  
 12 - Bandeira  
 17 - abstrto  
 7 - máscara  
 6 - vídeo

- 45 - foto  
 28 - gravura  
 67 - pintura  
 29  
 23  
 60 - performance  
 18 - escultura

Exposição do III PEGA - Encontro de Estudantes de Graduações em Artes do Estado do Rio de Janeiro, 2019.



Sala 1.



Sala 2.

A HISTÓRIA  
DA ARTE  
FOI FEITA  
POR BICHAS

*A História da Arte foi feita por bichas, SEMA, III PEGA -  
Encontro de Estudantes de Graduações em Artes do Estado do Rio de Janeiro, 2019.*



*Lambe-Lambe com Carinho, Mateus A. Krustx, III PEGA -  
Encontro de Estudantes de Graduações em Artes do Estado do Rio de Janeiro, 2019.*



*Sobre Relações*, Daniel de Freitas, III PEGA - Encontro de Estudantes de Graduações em Artes do Estado do Rio de Janeiro, 2019.



*Apapacho IV Cafuné*, Thiago Saraiva, III PEGA - Encontro de Estudantes de Graduações em Artes do Estado do Rio de Janeiro, 2019. Fotografia: Sara Matos.

DES<IO

